

SET

CINEMA & VÍDEO



EDITORA
AZUL

Nº 10
Cz\$ 260,00

VÍDEO

- VÍDEO TRADE SHOW
- LANÇAMENTOS
- A VOLTA AO MUNDO EM 11 VÍDEOS

ENSAIO

AS MUSAS
DO CINEMA
NACIONAL

ENTREVISTA

ZÉ DO CAIXÃO
INACREDITÁVEL

EM CARTAZ

QUEREM ME
ENLOUQUECER
COM BARBRA STREISAND E
RICHARD DREYFUSS

MARCELLO MASTROIANNI

A PERFEIÇÃO EM
OLHOS
NEGROS



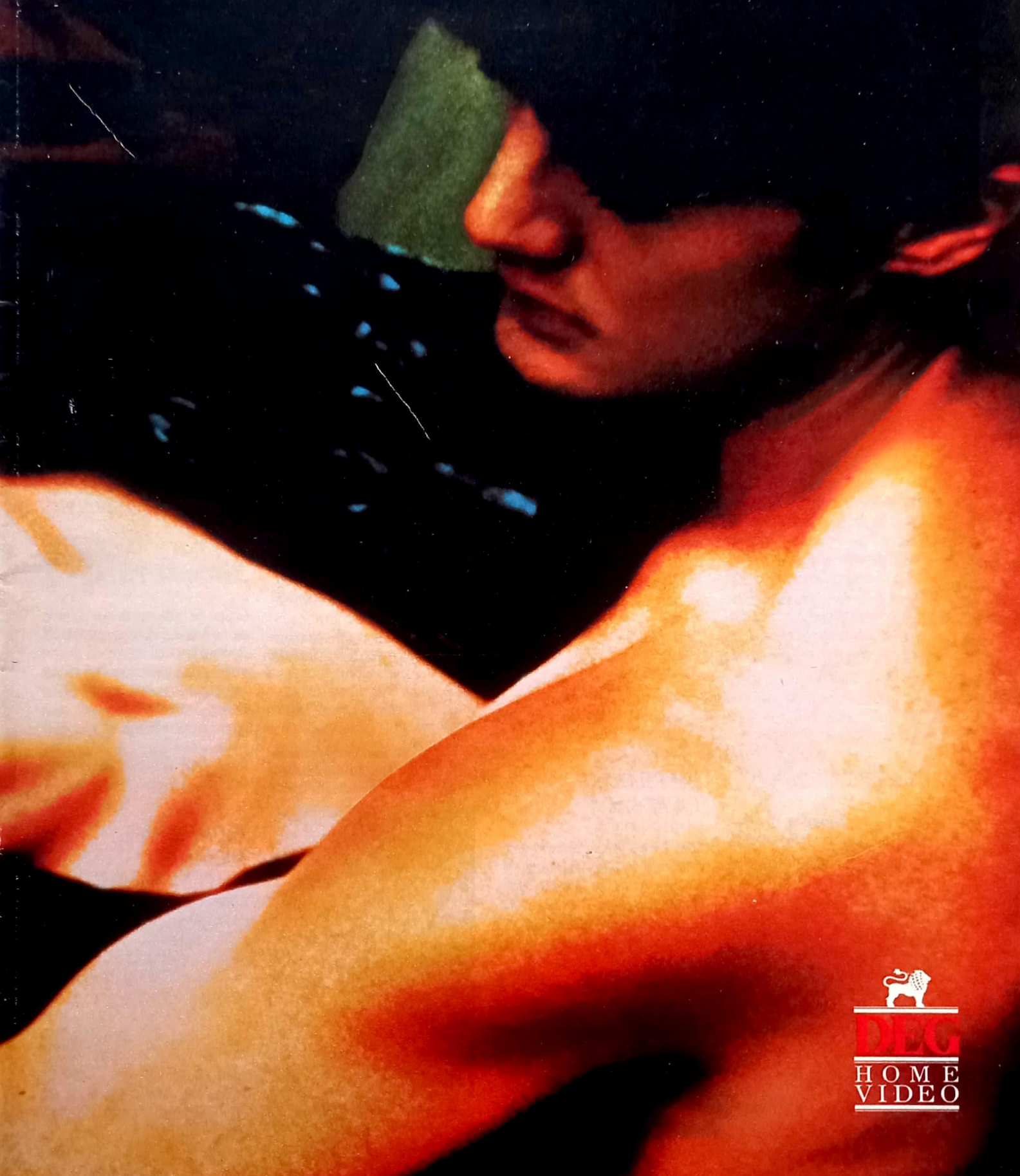
Descubra o Perigoso Mistério do Amor...



TEC
HOME
VIDEO

Rua Groenlândia, 406 - São Paulo - Fone 887.9730 - 887.5112

Veludo Azul




Dolby
HOME
VIDEO



G. Galas/Onyx/Stillis

A lost girl Jami Gertz: seduzindo vampiros e pequenos delinqüentes

ADORÁVEL VAMPIRA

Jami Gertz, a gatinha que seduzia vampiros em *Garotos Perdidos*, continua despedaçando corações em *Abaixo de Zero*, que deve estrear em breve no Brasil. O filme é dirigido por Mark Kanievski e tem ainda no elenco o bom menino Andrew McCarthy (*Manequim*). Mais uma vez trata-se de uma comédia juvenil, só que desta vez os jovens não se divertem sugando sangue, mas sim cafungando cocaína.

NEGÓCIOS SUSPEITOS

Não é à toa que Kevin Costner dirige um Alfa-Romeo em *Sem Saída*, nem é por acaso que Emilio Estevez compra sonhos no Dunkin' Donuts em *Tocaia*. Algumas dessas "escolhas" chegam a custar 150 mil dólares à empresa que fabrica o produto. Anualmente, essa atividade — o *merchandising* cinematográfico — movimenta cerca de 50 milhões de dólares nos EUA, segundo a revista *Première* americana. Caso típico é o de *Wall Street*. No roteiro de Oliver Stone, aparecia uma revista de negócios. A Fox, produtora do filme, não bobou. Enviou uma cópia do roteiro à revista *Fortune* e outra à sua concorrente, a *Forbes*, para ver qual das duas pagava mais para aparecer no filme. A vencedora do leilão foi a *Fortune*, que trocou sua aparição por duas páginas de propaganda gratuita do filme, no valor de 94 mil dólares. *There's no business like show business*.

CINEMA EM CURSO

O Centro de Estudos e Pesquisas Jean Vigo está promovendo uma série de cursos sobre cinema. Em março e abril, o crítico Luiz Nazário dissecou "A Construção do Cinema"; em maio, o próprio Nazário falará sobre a "História do Desenho Animado". O curso de junho, a cargo do crítico e cineasta Jairo Ferreira, será sobre a "História do Cinema Marginal". A "História do Cinema Mundial" será o tema tratado pelo crítico e estudioso Heitor Capuzzo em junho e julho. Os interessados devem telefonar para a 2001 Produtora Cultural (fone 251-1044), São Paulo.

UM PRÍNCIPE DA PESADA

John Landis (*Um Lobisomem Americano em Londres*) prepara *Quest*, em que o tira da pesada Eddie Murphy é o príncipe herdeiro de um reino da África que vai aos EUA procurar uma esposa.

"A televisão fabrica o esquecimento; o cinema, antes de morrer, fabricava lembranças."

Jean-Luc Godard

DE TRÁS PRA FRENTE

Benjamin Button, novo filme de Frank Oz (*A Pequena Loja dos Horrores*), trará o comediante Martin Short (*Viajem Insólita*) no papel de um sujeito que, ao nascer, já é um homem adulto, e vai se tornando mais jovem a cada ano. Orçamento dessa birutice: 15 milhões de dólares.

"Aprendi a ser ator batalhando empregos na juventude. Arranjar um emprego é parecido com representar."

Harrison Ford



LFI

La Brea e Robert Redford: apenas bons amigos?

ATRAÇÃO FATAL

Depois de nada menos que 29 anos de casamento, o *superstar* Robert Redford resolveu separar-se de sua mulher, Lola. O motivo da separação, segundo as más línguas, é uma morena brasileira que atende pelo nome de Sônia Braga.

Harrison Ford e Roman Polanski riem à toa com o sucesso de *Frantic*



S. Amal/Stillis

INCANSÁVEL INDIANA

Depois do sucesso no último filme de Polanski, *Frantic*, que chega ao Brasil nos próximos meses, Ford vai ser um consultor financeiro na comédia romântica *Working Girl*, de Mike Nichols. Sua parceira: Melanie Griffith (*Totalmente Selvagem*). Ela será uma secretária pela qual Ford se apaixona. No fim do ano, o galã veste de novo as puídas roupas de Indiana Jones, no terceiro filme da série.

CHINA REVISITADA

Bernardo Bertolucci continua de olho na China: está preparando a adaptação do romance *A Condição Humana*, de André Malraux, que trata da revolução realizada nos anos 20 por Chiang Kai-Shek, que Mao Tsé-Tung botou pra correr duas décadas depois.



Sipa-Press

Isabelle Adjani
volta às telas
como *La Putain...*

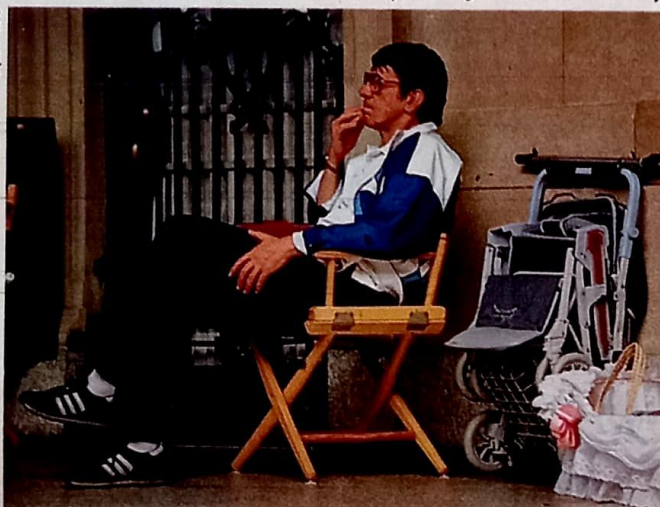
"Eu e William nos separamos porque, entre nós dois, o mais surdo é ele."

Marlee Matlin, atriz surda-muda, ex-mulher de William Hurt

VULCANO NA DIREÇÃO

O Doutor Spock **Leonard Nimoy**, embalado pelo sucesso como diretor de *Jornada nas Estrelas III e IV* e da comédia *Três Homens e um Bebê*, prepara agora *The Blue Train*, para os estúdios Disney. Com isso, o início das filmagens de *Jornada nas Estrelas V* (que será dirigido por **William** Capitão Kirk **Shatner**) ficou para o final do ano.

Leonard Nimoy, sem as orelhas de Spock, dirige *Three Men and a Baby*



Sipa-Press

BILHETERIA QUENTE

Além de um sucesso retumbante de bilheteria (55 milhões de dólares só nos EUA), *Ritmo Quente* tornou-se também um dos quatro vídeos mais bem-sucedidos de todos os tempos. A comercialização da fita — lançada enquanto o filme ainda estava em cartaz — rendeu para a Vestron Inc. nada menos que 75 milhões de dólares no mercado norte-americano.



Insert

Dolph Lundgren evoca os poderes de Greyskull para defender o racismo

HE-MAN RACISTA

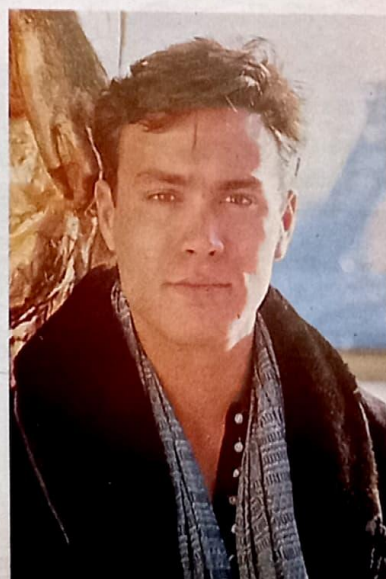
A versão pedestre de He-Man, **Dolph Lundgren** (que interpreta o herói em *Mestres do Universo*), juntou-se ao exército da África do Sul e à extra-extremista direita: a organização American Freedom Foundation vai rodar um abacaxi explorativo *Hollywood style* na Namíbia ocupada pelos sul-africanos. Dolph — cujos bíceps, de acordo com seu *public relations*, são seis centímetros mais largos que os de Sylvester Stallone — é o astro e **Grace Jones** é sua estrela-amante em *Red Scorpion*, uma aventura de guerra que imita o desenrolar do atual conflito em Angola. Ninguém sabe como a eslinga *black* de *Slave to the Rhythm* está se dando com os fascistas sul-africanos. Sim, porque os militares deram todo apoio possível à produção de oito milhões de dólares, incluindo tanques soviéticos capturados em Angola.

Pepe Escobar, de Londres

Brandon Lee, herdeiro da habilidade de papai Bruce nas artes marciais

BRANDON LEE, O FILHO DE BRUCE

Aos 20 anos, **Brandon Lee**, o filho do legendário **Bruce Lee**, estréia no cinema. O filme tem o sugestivo título de *O Herdeiro da Violência*, e nele o jovem Lee mostra suas habilidades nas artes marciais que tornaram seu pai famoso em todo o mundo.



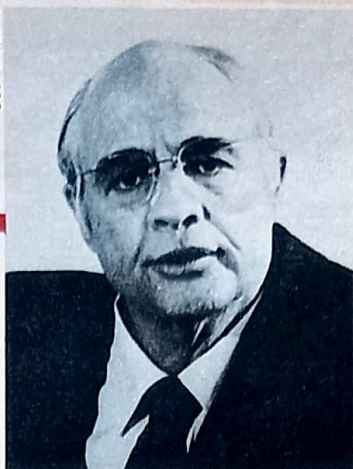
CH-Mourthe/Sillis

INCOMPATIBILIDADE DE GÊMEOS

Arnold Schwarzenegger vai estrear pela primeira vez uma comédia, *Twins*, em que fará o papel de irmão gêmeo de **Danny De Vito**, que ficou como é por causa de uma atrapalhada experiência de energia genética. Outro filme com o mesmo nome, *Twins*, está em fase de acabamento. Seu diretor: **David Cronenberg** (*A Mosca*). **Geneviève Bujold** interpreta uma atriz que se envolve com dois gêmeos, ambos representados por **Jeremy Irons** (*A Missão*).

Brando em *The Formula*; na foto maior, um recado para os que dizem que ele acabou

Doc. Pele/Stills



O ETERNO RETORNO

Desta vez é garantido: **Marlon Brando** está de volta, para o deleite de todos. Em *Jericho*, cujo roteiro ele próprio escreveu, o superstar será um agente da CIA em ação na América Central. As filmagens devem começar em breve, sob a direção de **Donald Cammell**. A última aparição de Brando nas telas, no obscuro *The Formula* (1980), continua inédita no Brasil, que não o vê desde *Apocalypse Now* (1979).



Stills

AGUARDE

Robert De Niro e **Jane Fonda** estão juntos no novo filme de **Martin Ritt** (*Norma Rae*), *Union Station*. ► **Arnold Schwarzenegger** é o protagonista de *Total Recall*, dirigido por **Paul Verhoeven** (*Robocop*). ► **Joe Dante** prepara a sequência do seu *Gremlins*, que vai se chamar *Gremlins Go to Las Vegas*. ► **Claude Chabrol** dirige *Une Affaire de Femme*, com **Isabelle Huppert**. ► O *lost boy* **Kiefer Sutherland** e a gata **Meg Ryan** (*Viagem Insólita*) são o par romântico de *Promised Land*. ► **Al Pacino** é um detetive de Nova York em *Sea of Love*, do diretor estreante **Gregory Hoblit**. ► **Wim Wenders** produz o novo filme do *talking head* **David Byrne**, *The Forest*, uma versão moderna da história de Gilgamesh.

A gata **Meg Ryan** está de volta, ao lado de **Kiefer Sutherland**



DEG



Schwarzenegger e Danny De Vito: não parece, mas eles são irmãos gêmeos

Sipa-Press

Antônio Abujamra e **Jorge Mautner** são dois dos estranhos personagens de *Festa*

Textos e Idéias



Textos e Idéias

FESTA BARATA

Vem aí o terceiro longa-metragem de **Ugo Giorgetti** (diretor de *Jogo Duro*), a comédia *Festa*. No elenco, **Antônio Abujamra**, **Adriano Stuart**, **Jorge Mautner**, **Otávio Augusto** e **Iara Jamra**. As filmagens foram realizadas integralmente nos estúdios da Companhia de Cinema, em São Paulo, o que barateou os custos da produção (300 mil dólares), financiados conjuntamente pela Embrafilme (70%) e pela NDR (30%). Antes de seu lançamento nos cinemas, previsto para agosto, *Festa* será exibido em festivais nacionais e estrangeiros.

Hannauer/Onyzi/Stills



"Não busco mais a originalidade a qualquer preço, como nos meus primeiros filmes. Só quero entreter e retratar emoções profundas."
Roman Polanski



Forbidden
A VERDADEIRA HISTÓRIA



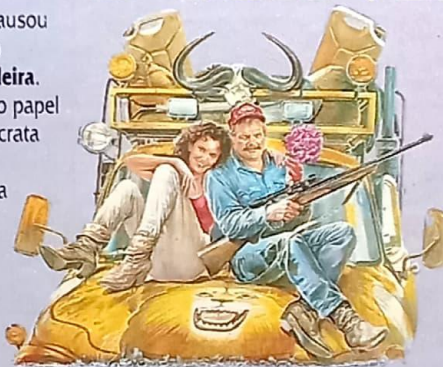
**QUANDO
O JOGO É OUTRO**



Você vai se apaixonar pelas novas atrações que a Herbert Richers traz para o mercado de vídeo este mês. São quatro filmes ainda inéditos no cinema e na televisão do Brasil, com histórias — duas delas verdadeiras — nas quais o amor vence todas as barreiras impostas pelo destino, e mais um novo filme da coleção Clássicos da Chanchada.

A realidade poucas vezes causou tanto impacto na tela como em **Forbidden — A História Verdadeira**. No filme, **Jacqueline Bisset** faz o papel de Nina Von Halder, uma aristocrata alemã contrária à perseguição implacável aos judeus durante a Segunda Guerra. Ao lutar contra esse estado de coisas, ela apaixona-se por um membro da resistência — um judeu. Um amor proibido. Mas apesar dos riscos, os dois decidem levar adiante o romance e enfrentar as ameaças impostas pelo regime de Hitler.

Baseado também em fatos reais **O Homem que Saiu do Gelo**, narra a



**A MISSÃO E O
DIAMANTE**

trajetória do norte-americano Victor Herman (**John Savage**), filho de russos refugiados na América nos tempos do czarismo. Adolescente, ele volta com a família à Rússia, onde torna-se um militar de carreira exemplar. Ao ser pressionado pelo regime para mudar de nacionalidade, ele recusa-se e é condenado a 10 anos de trabalhos forçados na Sibéria, acusado de espionagem. Ao término da pena, casa-se com uma soviética e tem um filho, até que o regime decide exilá-lo novamente. A partir daí, o espectador se vê

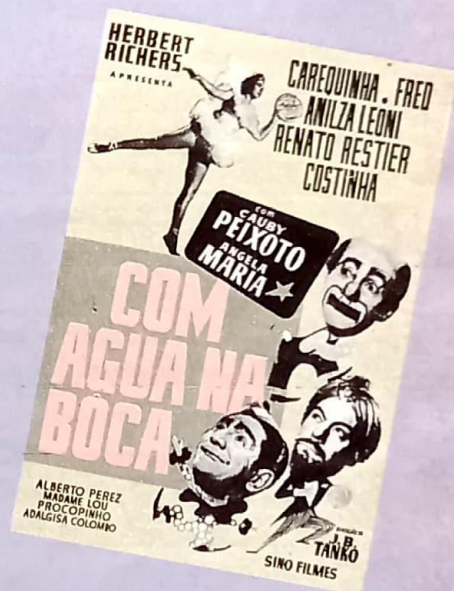
numa trama envolvente, acompanhando a esperança do reencontro da família e as injustiças sofridas por Herman.

Você vai se envolver também com a história de Stud na comédia romântica **Quando o Jogo é Outro**. Ele é um jogador de um time de beisebol da terceira divisão sem muitas perspectivas até que aparece Dixie e os dois se apaixonam.

Ela dá novo estímulo ao time, transforma a pequena torcida numa galera fanática e o filme numa grande diversão.

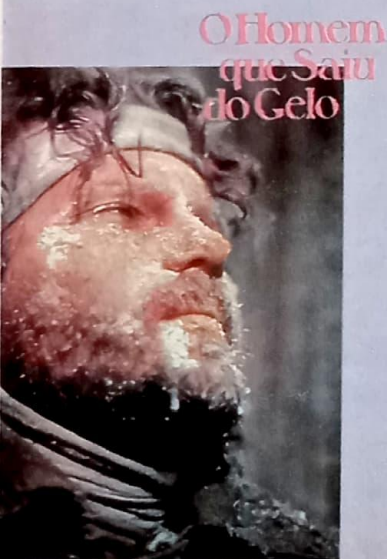
Uma aventura explosiva filmada totalmente no Kenya. É isso que você vai ver em **A Missão e o Diamante**, filme que mostra como uma médica que dedica sua carreira ao atendimento dos nativos e o guia que a conduz pelas aldeias, em meio a uma terra selvagem, acabam tendo um caso muito perigoso.

Completando os lançamentos do mês, a coleção Clássicos da Chanchada apresenta **Com Água Na Boca**. Aqui Carequinha e Fred aprontam mil e uma confusões na



tentativa de ajudar uma jovem a vencer em sua carreira artística. E assim você vai conhecer — ou matar saudades — do humor do jovem Costinha, dos bastidores da televisão, numa época em que os programas eram transmitidos ao vivo, das canções de Cauby Peixoto e Ângela Maria e de astros como Anilza Leoni e Renato Restier.

Com estes filmes a Herbert Richers deixa clara a sua paixão A paixão pela qualidade.



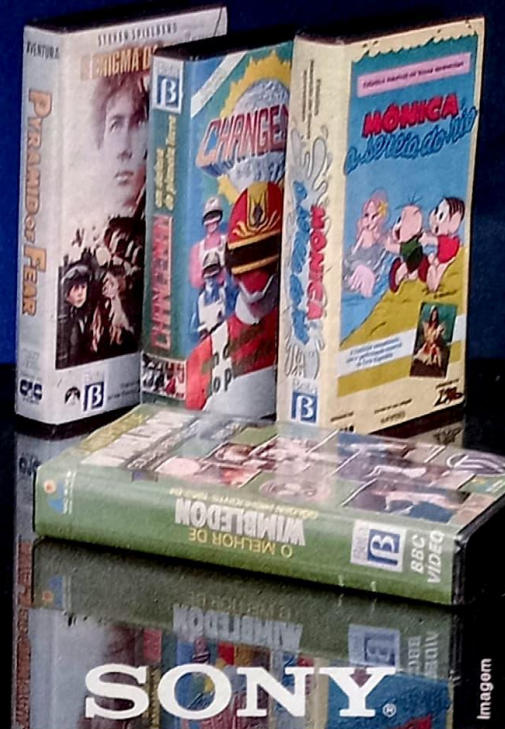
**O Homem
que Saiu
do Gelo**

LORIMAR
HOME VIDEO
A LORIMAR TELEPICTURES COMPANY

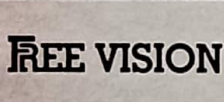
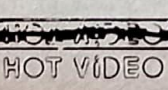


Rua Conde de Bonfim, 1337
CEP 20530 - Rio de Janeiro
Telefone: (021) 288-8142
Telex: (021) 30255

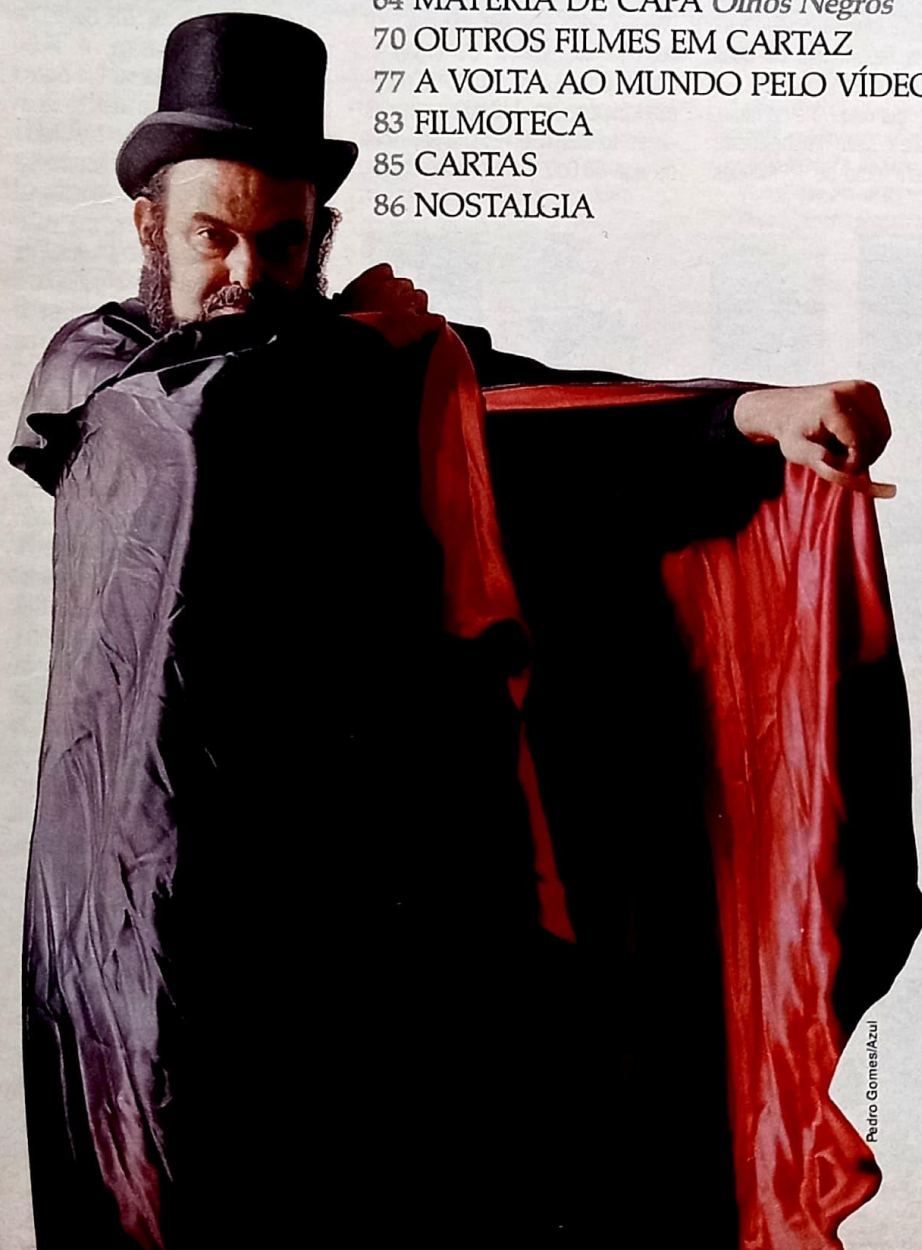
Fitas e Vídeo Sony Betamax



Produtoras de Fitas em Betamax

 AMERICA VIDEO FILMES LTDA. Av. Pacaembu, 1702 (021) 240-9361 240-5686 (011) 864-9111 (031) 222-3691	 VTI - VIDEO INTERAMERICANA R. Gal. Bruce, 55 - S. Crist. (021) 580-4258 580-3130 580-1839 580-2640	 CINEMAT. F.J. LUCAS Av. São João, 1588 2º Sobrelajeira (011) 223-1700 220-6299	 TRANSVIDEO LTDA. R. Tabapuá, 594 5º and. (011) 881-7299
 CIC VIDEO R. Fradique Coutinho, 352 (011) 282-3699	 ONYX VIDEO INTERNATIONAL R. do Triunfo, 134 4º Andar (011) 221-1340 223-9142	 D.I.V. Distribuidora Internacional de Vídeo R. Almirante Pereira Guimarães, 112 (011) 864-7816 263-6512 864-7816 263-7794	 WR.FILMES CINEMA E VIDEO W.R. FILMES Lgo. do Paissandô, 132 4º Andar (021) 220-5039 (011) 223-7730
 HIPERVIDEO Praça Floriano, 51 22º And. - Centro Av. Brig. F. Lima, 1857 10º And. Cj. 1001 (021) 533-3711 533-3887 (011) 814-8971	 MACHINE VIDEO R. Bueno Andrade, 467 (011) 278-5408 278-2447	 HUNTER VIDEO & SOM LTDA. Av. Cons. Rodrigues Alves, 243 - V. Mariana (011) 549-6311	 EVEREST VIDEO DO BRASIL R. Siela, 515 BLC Cj. 142 - 14º And. (011) 549-8388
 POLEVIDEO R. dos Andradas, 241 (011) 220-5022	 VIDEO BAN R. Radantes, 13 (011) 844-1094 844-1391	 LCL Distribuidor Home Video R. do Russel, 766 Sala 01 - Sapopemba (011) 271-9282 271-9622	 DRAGÃO VIDEO Praça XV, 38-A Sala 21 (021) 242-4956
 VIDEOCASSETE DO BRASIL R. Prol. Arthur Ramos, 241 (011) 210-4877 814-1422	 MEGA VIDEO R. Alonzo Brás, 628 (011) 241-9399	 MANCHETE VIDEO R. do Russel, 766 Av. Rebouças, 1955 (021) 285-0033 (011) 280-2856	 BRAZIL HOME VIDEO R. Siela, 515 BLC Cj. 92 (011) 570-1547
 PHOENIX HOME VIDEO R. Siela, 515 BLC 11º Andar (011) 572-1863	 abril video Rua Corope, 186 (011) 288-8242 285-1276 251-2820 283-3201 288-4667	 MUNDIAL FILMES Al. dos Guaramonis, 1124 (011) 533-6140	 VIDEO CASSETE X-RATED FILM R. Tabapuá, 479 9º Andar (011) 64-4696
 MASTER VISION R. Higienópolis, 445 (011) 257-8000	 LOOK VIDEO R. Prol. Arthur Ramos, 241 (011) 210-4877 814-1422	 NEW CENTER COM. E REPREZ. Av. Paulista, 1499 13º And. Cjs. 1304/5 (011) 289-5630 283-2936 285-3797	 VIDEO ROOM R. Morais Barros, 653 (011) 543-3624
 VIDEO TAPE Av. Brig. L. Antonio, 1404 8º And. - Cj. 806 (011) 575-4595	 CENTURY VIDEO Av. Brig. F. Lima, 1857 10º And. Cj. 1009 (011) 212-6533	 OMNI VIDEO Av. Brig. F. Lima, 1570 Cj. 12/13 (011) 212-5766	 GLOBO VIDEO R. Estados Unidos, 650 (011) 885-9362
 TAIPAN VIDEO R. Cardeal Arcoverde, 2987 (011) 813-1366	 VMW VIDEO TAPES DO BRASIL Av. Brig. L. Antonio, 1404 2º And. s/Loja Cj. 21-B (011) 284-6539 287-6485 289-0776	 DIF R. Parafós, 694 (011) 289-9655	 LMP OBRAS CINEMAT. LTDA. Av. Adolfo Pinheiro, 2464 Cj. 64 (011) 522-4948
 ARGONVIDEO R. Traipu, 260 Casa 8 (011) 825-5599	 ARGONVIDEO R. Vitória, 1581º A (011) 222-7988	 TEC HOME VIDEO R. Groelândia, 408 (011) 570-6542 887-9730	 HOT VIDEO PROD. ASSES. Av. Paulista, 2001 16º And. Cj. 1615 (011) 284-5143 285-3875

- 4 TAKES
- 10 COBERTURA Video Trade Show
- 14 VÍDEO LANÇAMENTOS Gângsters na Tela
- 16 OUTROS VÍDEOS
- 23 HOLLYWOOD Os Astros Negros
- 26 FESTIVAL DE BERLIM
- 32 ENSAIO Musas do Cinema Brasileiro
- 38 PERFIL Sean Young
- 42 AVANT PREMIÈRE *Entrevista de Fellini*
- 46 REPORTAGEM Os Maiores Cachês do Cinema
- 50 ESPECIAL Zé do Caixão
- 58 ENTREVISTA Claudia Ohana
- 62 ENTREVISTA Klaus Maria Brandauer
- 64 MATÉRIA DE CAPA *Olhos Negros*
- 70 OUTROS FILMES EM CARTAZ
- 77 A VOLTA AO MUNDO PELO VÍDEO
- 83 FILMOTECA
- 85 CARTAS
- 86 NOSTALGIA



Pedro Gomes/Azul



Marcello
Mastroianni
em Olhos Negros

Essa faz parte do folclore da boca do lixo de São Paulo. Aconteceu na Itália, durante um festival menor. Diante de uma das cenas do mais legítimo terror de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, um cineasta italiano perguntou como ele havia conseguido um efeito tão naturalista com aranhas de controle remoto.

Provavelmente o susto que não levou com a cena em si, ele acabou tomando com a resposta: as aranhas não eram trucagem, eram verdadeiras. Caranguejeiras, animais no sexo explícito, atores que comem minhocas ao molho de groselha e atrizes que bebem champanhe em "crânio de cadáver" — o universo de Zé do Caixão, horrivelmente precário e maravilhosamente genial, permanece desconhecido e desconsiderado por não ser um cinema de classe média. O que ele apavora é a elegância servil dos bem-educados. O que ele espanta é o sonho dócil de entrar na festa dos ricos. Na Europa, alguém afirmava que o verdadeiro artista era aquele capaz de colocar fogo nos móveis da casa para secar o óleo das pinturas. No Brasil, muitas vezes, para ser uma verdadeira atriz, uma mulher precisou se deitar com dezenas de caranguejeiras de verdade. Luz, câmera, danação!

VIDEO TRADE SHOW

O balanço é mais do que positivo, e até animador. Quem tinha o semblante misterioso de um velho pirata veio a público e agradou. Sorte nossa

À luz do dia, o vídeo brasileiro é ainda melhor. Depois do *Video Trade Show*, que ocupou 4 000 metros quadrados do Palácio das Convenções do Anhembi, na capital paulista, entre 4 e 9 de março, esta conclusão é inevitável. Nada menos do que 96 distribuidoras vieram a público mostrar o que têm para vender e saíram ganhando. Ganharam espaço na imprensa — a feira foi anunciada na revista inglesa *Screen* e foi tema de uma reportagem de duas páginas da americana *Variety* —, ganharam tempo na tevê e no rádio, respeito público, peso na sociedade civil e algo em torno de 10 milhões

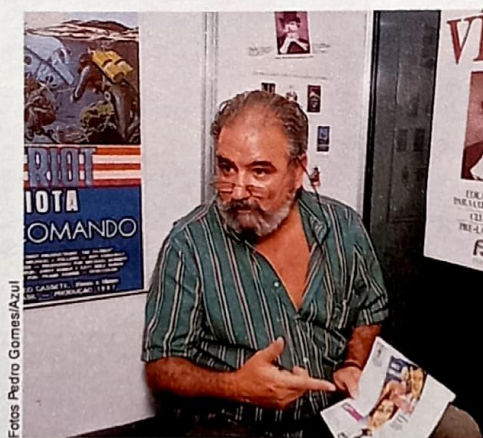
de dólares, comercializando 200 000 fitas de 240 títulos novos (alguns resenhados nesta seção).

Deu lucro. Além das distribuidoras, outras 64 empresas estiveram presentes com seus estandes — prestadoras de serviços, veículos de comunicação e fabricantes de equipamentos —, totalizando um investimento de 1,5 milhão de dólares na montagem da feira, que chegou ao último dia movimentando US\$ 20 milhões. Os organizadores só chutaram alto numa previsão. Esperavam 100 000 visitantes — as roletas não registraram mais do que 60 000. Foi essa a popula-

ção que teve o privilégio de testemunhar a louvável iniciativa do vídeo brasileiro que, para o grande público, ainda tem o rosto oculto atrás de um tapa-olho negro e das barbas sujas e espessas de um corsário misterioso. Num país em que a maioria das fitas de vídeo chega às casas de família como chegavam os litros de uísque de milho aos lares norte-americanos no tempo da Lei Seca, de procedência clandestina, o *Video Trade Show* estabeleceu um marco político decisivo para dar seriedade à imagem pública do mercado.

Naturalmente, como toda primeira vez, atropelos aconteceram — o espaço era pouco. Mas, nas palavras de Cyro Del Nero — o C da JGC, a empresa que organizou o evento —, "o desconforto foi parte do sucesso". Ele tem razão. E os expositores faziam tudo para chamar a atenção. Enquanto uma sócia da atriz pornô e deputada italiana conhecida como Cicciolina surpreendia os transeuntes com os seios à mostra no estande da Dado Group, a Polevideo, bem-humorada, apresentou a sua versão de Asterix e Obelix em carne e osso. A CIC fantasiou meia dúzia de modelos com os trajes típicos dos heróis da série *Jornada nas Estrelas*. Esse brilho, no entanto, arrefeceu com os tumultos vulcânicos que o fulgor de duas coelhinhos fazia explodir logo em frente, no faraônico estande da Playboy. Ali foram lançados três títulos eróticos, bem no estilo das páginas da revista masculina mais conhecida do mundo. A poucos metros dali, a graciosa modelo Débora Scavone, caracterizada como Marilyn Monroe (é ela que aparece na propaganda dos amortecedores idem), parou o trânsito, à frente do distribuidor da Look Vídeo.

Por trás das mulheres, foram fei-



Fotos Pedro Gomes/Azul

A folia contente da Jovem Pan, a compenetrada presença de Sérgio Rosa, que dirigiu o debate sobre cinema nacional promovido pela F. J. Lucas, para dezenas de assistentes, e as coelhinhos, que aglomeravam turmas desproporcionais





tos vibrantes negócios. Só a Globo vendeu 5 000 fitas. A Aragão, outras 10 000. O preço das unidades variava selvagemmente. Uma promoção da Poleyvideo, por exemplo, entregava uma fita por Cz\$ 1 900,00, enquanto a Warner chegou a cobrar Cz\$ 9 000,00. À medida que os dias passavam, o otimismo dos expositores era maior. No estande da Manchete, o clima festivo explodiu logo no começo da feira: os objetivos estabelecidos para os seis dias foram cumpridos em pouco menos de 24 horas.

Mas houve quem reclamasse. "Para achar um filme brasileiro nessa feira, você tem de sair por aí com uma lupa", advertiu o cineasta João Baptista de Andrade, no debate sobre o cinema nacional, promovido pela F.J. Lucas. Realizado na tarde do dia 8 de março, para um público inferior a meia centena de iniciados, o debate foi uma espécie de ilha de inteligência crítica dentro da feira. Com a opinião do diretor concordavam os outros cineastas presentes: Silvio Back (lançado recentemente pela CIC) e Sérgio Toledo, diretor de *Vera* (da Globo).

É verdade que a "lupa" de que falou João Baptista seria totalmente desnecessária no dia seguinte, quando a Mundial levou a seu estande a escandalosa personagem Zé do Caixão.

O objetivo de conquistar também o mercado externo explica o nome num idioma menos bizarro do que o português, embora a delegação de Portugal, curiosamente, tenha sido uma das poucas a comparecer. Efetivamente, alguns negócios com estrangeiros foram fechados. Cite-se apenas o caso da Globo, que comprou 20 títulos inéditos da União Soviética. Ironicamente, a língua dos norte-americanos acabou atraindo os russos.

Acima de tudo, para o visitante, a feira foi divertida. Engraçada até. A Jovem Pan FM, com espirituosas transmissões a partir do estúdio que montou na área da feira, divertia seus ouvintes e os presentes, e aproveitou para alardear o seu canal UHF que pretende colocar no ar ainda em novembro. Finalmente, no estande da SET, réplicas de Woody Allen, Jack Nicholson, Cicciolina e Christopher Reeve como Super-Homem, em tamanho quase idêntico ao natural, posavam para fotos de lembrança junto aos fãs. O *Video Trade Show* deixou boas lembranças, sem dúvida. E o organizador Cyro Del Nero já tem em vista o Pavilhão da Bienal, com seus 16 mil metros quadrados, no Ibirapuera, em São Paulo, para a feira do ano que vem, que está prevista para fevereiro. A idéia deu certo.

Eugênio Bucci e Walter Silva

As fotos divertidas (com uma Cicciolina de papelão) no estande da SET, a glamurosa Marilyn (Débora Scavone) e, ao lado, José Paulo Raoul, que trouxe as novidades da Philco-Hitachi: programas diversos



NOVIDADES TECNOLÓGICAS

- Capitain Power e os Soldados do Futuro recepcionavam o público imediatamente após as roletas, no estande da J. Home Video, na tela do vídeo. Bem em frente, um espectador, empunhando uma nave/pistola, tinha o delicioso poder de alterar o curso da aventura, acertando as naves inimigas na tela. E pode também ser alvejado, o que implica perda de pontos. Este mix de historinha e videogame estará no mercado este ano. A J. Home pretende vender algo em torno de 100 mil fitas, e a nave será comercializada pela fábrica de brinquedos Estrela.
- Novidades de aparelhos de videocassete também apareceram. A Sharp lançou o seu VC-794B, com quatro cabeças de gravação e reprodução, controle remoto com 32 funções e visor de cristal líquido. Já o SV-21, da Gradiente, que será lançado inicialmente no mercado externo, promete gravar o som em estéreo, desde que acoplado a um aparelho de TV estéreo-lônico. A novidade da Philco foi o PVC 4 800, um aparelho de 4 cabeças com decodificador estéreo, que já está à venda.
- Quem quiser gravar e reproduzir em vídeo de alta definição, agora tem o Super VHS, que foi lançado na feira pela JVC e que será comercializado apenas na Zona Franca de Manaus. Quem gosta de grandes imagens ficou contente com o telão apresentado pela TVM, baseado num projetor de três tubos em cor (verde, azul e vermelho) que consegue reproduzir imagens em telas de até três metros. O projetor da TVM capta imagens de emissoras em VHF e UHF.

W.S.

DIREÇÃO DE FEDERICO FELLINI, MIKE NICHOLS, SAM PECKINPAH E WALTER LIMA JR.

JUNIOR BONNER DEZ SEGUNDOS DE PERIGO

Steve McQueen é Junior Bonner, cowboy que retorna à sua cidade natal para o último rodeio de sua carreira, num western moderno e cheio de ação, totalmente filmado no Arizona.

Junior Bonner é um dos filmes mais importantes de Sam Peckinpah, realizador de "Meu ódio será tua herança" e outros grandes clássicos do cinema norte-americano. Superprodução da ABC Vídeo.



SILKWOOD, O RETRATO DE UMA CORAGEM

Meryl Streep e Kurt Russel revivem o drama de uma cientista que denunciou publicamente os perigos da usina nuclear onde trabalhava. A direção é de Mike Nichols, um dos campeões de bilheteria do cinema norte-americano. (A Primeira Noite de Um Homem). Superprodução da ABC Vídeo.



THE POWER

Um ídolo com um diabólico poder. Um poder que provoca uma violenta sucessão de mortes ao longo dos anos. Assim é Power: suspense e terror, sob a direção de dois diretores especializados em emoções fortes: Stephen Carpenter e Jeffrey Obrow.

Com Susan Stokay, Warren Lincoln. Superprodução da Film Ventures International.

Pronta-Entrega: (011) 852-2844 - 853-4533 - 883-5747 - 280-8449 - 282-88

COMO VOCÊ PERCEBE, A DIRETORIA DA POLE NÃO BRINCA EM SERVIÇO.



A CIDADE DAS MULHERES

De Fellini, um dos mais revolucionários diretores do cinema contemporâneo. A Cidade das Mulheres é uma fábula do próprio Fellini, ambientada num congresso só para mulheres, com os grandes temas de nossos tempos: feminismo, machismo, sexualismo.

Marcello Mastroianni, o eterno "latin lover", é o único homem que consegue se infiltrar nesse excitante universo feminino. Superprodução Gaumont.



A LIRA DO DELÍRIO

Obra prima de Walter Lima Júnior, o consagrado diretor de "Ele, o Boto". Aqui, ele desnuda o mundo carioca em ritmo de samba, devassando os contrastes sociais e os dramas da Cidade Maravilhosa.

Cinco prêmios no Festival de Brasília e grande sucesso de bilheteria nos cinemas.

Com Anecy Rocha, Cláudio Marzo e Paulo Cesar Pereiro. Uma obra que você não pode deixar de assistir.



POLE-VÍDEO COMUNICAÇÕES LTDA.
Rua Pedroso Alvarenga, 1203 - CEP 04531
Tels.: (011) 852-2844 - 853-4533 - 883-5747
280-8449 - 282-8822 - 64-7041

22 - 64-7041 ou com nossos Representantes e Revendedores Autorizados.

A MÁFIA NAS TELAS

O PODEROSO CHEFÃO

(The Godfather, EUA, 1972)

Direção: Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, James Caan, Robert Duvall, Richard Castellano, Diane Keaton, Talia Shire, Sterling Hayden. CIC.

O PODEROSO CHEFÃO II

(The Godfather, Part II, EUA, 1974)

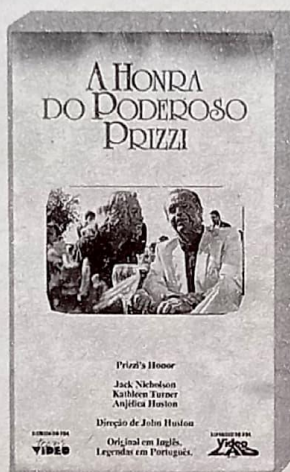
Direção: Francis Ford Coppola. Com Al Pacino, Robert De Niro, Robert Duvall, Diane Keaton, John Cazale, Lee Strasberg, Michael V. Gazzo, Talia Shire. CIC.



A HONRA DO PODEROSO PRIZZI

(Prizzi's Honor, EUA, 1985)

Direção: John Huston. Com Jack Nicholson, Kathleen Turner, Anjelica Huston, William Hickey, John Randolph. Transvideo.



Com o lançamento de *O Poderoso Chefão II*, completa-se, em vídeo, a saga da *família* mafiosa Corleone (a primeira parte está disponível desde 1986 nas locadoras brasileiras, e é fundamental assisti-la para entender

tudo o que acontece na segunda). Ao lado de *A Honra do Poderoso Prizzi*, sua contrafação humorística, *O Chefão* atesta a recuperação de um dos gêneros mais caros à velha Hollywood: o filme de gângsters. E dá-lhe bala!

"Filme de gângster", até a década de 30, era garantia de ação intensa, massacre e retaliação, a crônica contemporânea do crime organizado que germinou nos guetos da América e floresceu na seca da lei idem. Foco na atração perversa dos chefes do crime, desde *Underworld* (o precursor do gênero, filme mudo que Von Sternberg dirigiu em 1927) até o *Little Cesar* de LeRoy (1930), o *Public Enemy* (31) de Wellman, o *Scarface* (32) de Hawks. Mas a fascinante dubiedade moral desses bandidos empreendedores, prima-irmã do cinismo destilado na literatura de Dashiell Hammett e Raymond Chandler, sugeriu uma "estética do crime", determinando a abertura de uma nova vertente no cinema policial.

"Somos sérios. Não temos que dar caução, como advogados", diz o capo Vito Corleone a certa altura do *Chefão I*, garantindo a palavra dada e mostrando que a verdadeira honestidade é prerrogativa de criminosos... "It's only business", rugem os pragmáticos metralhadores. Essa desconfortável indistinção entre o mundo do crime e o dos negócios legais é o que os anti-heróis do cinema *noir* tentavam sacudir dos ombros. "Detetives" por conveniência, alimentavam uma ética pessoal e bons contatos dos dois lados. De verdade, não existiam. A ação nos filmes vai ficando cada vez mais contida e carregada: como a caça à *Relíquia Macabra* já ensinava em 1941, a cada cabeça corresponde um interesse diferente, as ações drásticas só são recomendáveis quando definitivas e nunca como

fanfarronadas, o inimigo interno é tão interno que às vezes é você mesmo. O tipo pegou. Décadas depois, o elogio do moderno cinema europeu ao cinema *noir* foi tão longe que a solidão do investigador contaminou a do cineasta: cumplicidade ou morte, exigia Godard por trás de seu *Acosado* (1959). Em *Blow Up* (1966), a peripécia policial de Antonioni afere a própria textura da película, para concluir que não havia corpo, quanto mais assassino... Cinema de autor... do crime.

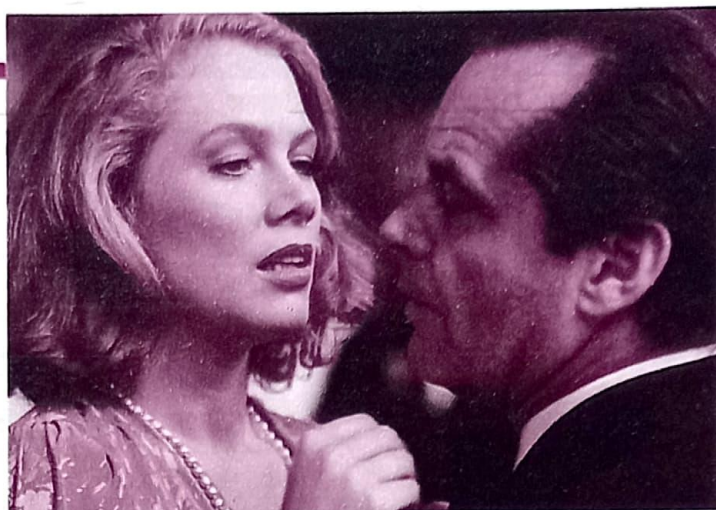
Por achar que a insistência nesse processo mataria o cinema é que uma nova geração de cineastas americanos voltou à família. Coppola, em 1972, retomou o tema do paralelo entre os negócios legais e os escusos, fazendo em *O Poderoso Chefão* um perfeito melodrama doméstico — só que a família era *família*. Ou, como definiu a crítica Pauline Kael, "o crime organizado visto como um pesadelo obscuro sobre a livre empresa americana". Marlon Brando, de bochechas remodeladas, viveu o patriarca Dom Vito. Aos filhos mais velhos (James Caan e John Cazale) sobressai o caçula (Al Pacino), que de rebelde acaba se revelando o mais firme herdeiro do clã. Morte em família. Personagens inspiradas em figuras reais atestam os graus de corrupção na sociedade americana — um certo cantor protegido da Máfia, que aparece no filme e no livro original, levou Frank Sinatra a vestir a carapuça e esmurrar o escritor Mario Puzo em público... Pegou bem. Brando arrebatou um Oscar. Roteiro e diretor, outros dois.

Dois anos depois, Coppola voltaria à carga, com boa parte da equipe e do *cast* originais. Menos sintético de idéias e mais pretensioso, *O Poderoso Chefão II* retrocede na história para situar as origens da violência (na Sicília...) e da corrupção (nos guetos



Doc Paley/Stillis

O poderoso Vito Corleone (Marlon Brando), iniciador da saga de *O Poderoso Chefão*



Transvideo



Liaison Gamma/Sigla



Gamma/Sigla

O filho pródigo Michael Corleone (Pacino), protagonista de O Poderoso Chefão II (foto maior); no destaque, o jovem Vito, papel que deu um Oscar a De Niro; no alto, o obtuso mafioso Charlie Partana (Nicholson) e sua amante fatal (Kathleen Turner); acima, Os Intocáveis de De Palma, que colocaram os bandidos no seu devido lugar

dos imigrantes na América...), mas, de um jeito ou de outro, acaba deixando claro que a América sempre corresponde à truculência dos malfeitores. De quebra, insinua que os limites da corrupção interna não estão longe dos do imperialismo — a América deve reavaliar seus papéis (a última tentativa expansionista da Máfia, em Cuba — "Finalmente somos sócios de um presidente!" —, esbarra na queda do regime e na ascensão de Fidel). Em uma ponta do fio histórico, no início do século, Robert De Niro faz o jovem Vito. Na outra, Al Pacino, nos anos 50/60, traça o futuro de seu filho e de seu império. Novos Oscar: filme, roteiro, trilha (de Nino Rota) e ator coadjuvante, para De Niro. Às duas horas e meia da primeira parte, *O Poderoso Chefão II* acrescenta solenes três.

A primazia da resposta coube a um veterano, John Huston, aquele mesmo que tinha estreado com *Relíquia Macabra*. *A Honra do Poderoso Prizzi* é uma tremenda comédia de humor negro, com uma trama intrincada e todos os maneirismos calcados no *Chefão* de Coppola. Para ficar explícito, quem está em um retrato de hon-

ra na parede de uma cerimônia dos Prizzi é ninguém menos que Marlon Brando, de bochechas infladas... Afilhado querido do *capo* Prizzi (William Hickey, em uma paródia oblíqua a Marlon/Dom Vito), Jack Nicholson é Charlie Partana, que tem a infelicidade de se apaixonar por uma pistoleira (no bom sentido)... polonesa! Competente, objetiva e ardente, a bandida de Kathleen Turner terá que driblar as manobras dissimuladas da ex-namorada italiana de Charlie, venenosamente composta por Anjelica Huston.

Filha, aliás, do diretor, e esposa, por diversas vezes, de Nicholson — não espanta que Huston arranque um efeito convincente desse *imbroglio* familiar. À sua moda, Huston corro-

bora os mitos plantados por Coppola e ao mesmo tempo os ridiculariza, e à Máfia. Nicholson — como se fosse novidade — está impagável, combinando manias carcarnas com um "cientificismo" ridículo, à maneira dos leitores do *Readers Digest*. Quando ele abre a boca para dizer que "leu em um artigo", sai de baixo (pena que algumas das melhores tiradas dos diálogos de Richard Condon — também autor do conto original — tenham sido simplificadas ou suprimidas na tradução, que torna lacônicas as mais verborágicas declarações). Mais Oscar: para Anjelica Huston, atriz coadjuvante, numa mal dissimulada homenagem a seu pai.

Mas, se o filme policial é resgatado à

condição de espetáculo, é de Brian De Palma a palavra final. Logo dele, que maliciosamente, na cola de Hitchcock, urdiu algumas das mais perigosas tramas, daquelas que ninguém nunca pode estar bastante seguro de sua inocência. Pois De Palma, em *Os Intocáveis* (cujo lançamento em vídeo foi anunciado com estardalhaço pela CIC, no 1.º Video Trade em São Paulo, mês passado, mas que só deve chegar às locadoras em junho ou julho), resolveu colocar tudo no lugar: bandido no lugar de bandido, mocinho no lugar de mocinho, bebê no colo da mãe, família e *famiglia* onde devem (e o público com o coração na boca). Mas essa gente também não existe.

Alex Antunes

POLICIAL

MISTÉRIO NO PARQUE GORKI

(Gorky Park, EUA, 1983)
Direção: Michael Apted. Com William Hurt, Lee Marvin, Joanna Pacula, Brian DeNehy. Globo Video.



A boa idéia por trás do vibrante romance de Martin Cruz Smith em que se baseia esse filme foi usar uma trama policial (com ramificações na epionagem) para esmiuçar o burocrático dia-a-dia dos cidadãos moscovitas. No filme não há tempo hábil para explorar muito esse aspecto, mas o diretor inglês Michael Apted soube concentrar, na desconfortável situação do policial Arkady Renko (William Hurt), as contradições e dificuldades de uma investigação civil em uma sociedade sufocada pelos segredos de Estado. William tira de letra: Marlowe soviético, cool como um deportado na Sibéria, investiga com um peculiar humor eslavo e com total falta de recursos as sujas armações que envolvem a KGB e um proeminente comerciante americano (o perigosíssimo Lee Marvin, em seu último papel de relevo). Um filme muito curioso, com um clima tão gélido quanto o de Helsinki (Finlândia) em que foi rodado. Muita atenção: a trama é um pouco confusa.

Alex Antunes



O matador aposentado Martínez e sua garota: violência e prazer

MATADOR

(Espanha, 1986)
Direção: Pedro Almodóvar. Com Assumpta Serna, Nacho Martínez, Antonio Banderas. J. Home Video.



Que pode um toureiro afastado prematuramente das arenas fazer com seu implacável instinto de matador? Que pode o jovem filho de uma mãe castradora e adepta da Opus Dei fazer com seu transbordante desejo sexual? Que pode uma pacata e

bem-intencionada advogada fazer com o indistigável tesão que sente diante da morte alheia? São justamente os caminhos desses três condenados que se cruzam neste filme de Pedro Almodóvar, cineasta vencedor do prêmio de melhor direção no último FestRio com o seu *A Lei do Desejo*. E não dá outra: também em *Matador*, a lei do desejo é a que impera, embora intervenham na trama outras leis igualmente poderosas — as do Estado, as da Igreja e as do mercado.

O jovem Angel (Banderas) tem aulas de tauromaquia com o matador aposentado Diego Montes (Martínez), ao qual devota verdadeira idolatria. Um belo dia, depois de espiar pela janela uma *strip tease* de sua vizinha (não por acaso a namorada de Diego), Angel não resiste e a ataca. O estupro não se consuma, mas mesmo assim o rapaz se entrega à polícia e confessa não só o ataque como também o assassinato de quatro jovens desaparecidos há meses, por coincidência (será?) todos alunos de Diego. Quem se oferece para defender o rapaz, convencida de sua inocên-

cia, é a advogada María Cardenal (Assumpta Serna), uma afeccionada das touradas, que presenciou a corrida fatídica em que um touro feriu Diego e lançou-o na aposentadoria. Para complicar este quadro, Angel é meio vidente desde criança, e sua mãe, medievalmente católica, acha que ele está possuído pelo mal. O encarregado de juntar os cacos do quebra-cabeças é o comissário de polícia (o mesmo Eusebio Poncela de *A Lei do Desejo*).

Para se ter uma idéia do estilo com que Almodóvar conta essa história seria preciso imaginar uma mistura da irreverência anárquica de Buñuel com a precisão dramática de Hitchcock. Equilibrando com habilidade humor e tragédia, tradição e modernidade, fluência narrativa e profundidade psicológica, Almodóvar demonstra que nem só de bailes flamencos à Carlos Saura vive o cinema espanhol contemporâneo. Lançamento oportuníssimo e obrigatório, que torna ainda mais escandaloso o ineditismo dos filmes do diretor nas salas de cinema brasileiras.

José Geraldo Couto

HORROR

MANITU

(The Manitou, EUA, 1978)

Direção: William Girdler. Com Tony Curtis, Susan Strasberg e Michael Ansara. Globo Vídeo.

A história é totalmente absurda. Uma mulher (Strasberg) vai ao médico porque se queixa de um calombo na nuca. O doutor examina e vê que é um feto (!) que cresce numa velocidade espantosa. O namorado médio (Curtis) descobre que se trata da reencarnação de um maligno pajé, morto há 400 anos. Com a ajuda de um índio místico ele enfrenta o dito cujo, que numa sequência deveras nojenta acaba "nascendo" das costas da moça. Apesar de alguns bons sustos, esse filme é bom mesmo para "rachar o bico", principalmente no confronto final entre o espírito do mal e o "manitu das máquinas". Seria uma alusão à eterna luta entre barbárie e civilização? Thomas Pappou

TRAMA SINISTRA (The Uncanny, Canadá/Inglaterra, 1977) Direção: Denis Heroux. Com Peter Cushing, Ray Milland, Samantha Eggar, Donald Pleasence. Mundial. Três episódios para provar que os gatos (demoníacos!) formam uma sociedade inteligente e vingadora. Um escritor (Cushing) é quem conta as histórias e, óbvio, morre de medo dos grunhidos dos bichanos. REGULAR.

SUSPENSE

PSICOSE III

(Psycho III, EUA, 1986)

Direção: Anthony Perkins. Com Anthony Perkins, Diana Scarwid, Jeff Fahey. CIC.

Psicose (1960) foi o mais violento e aterrador Hitchcock. Sua notoriedade gerou dezenas de paródias e imitações — vale o mesmo

para a lendária trilha de Bernard Herrmann. Em 1983, Richard Franklin arriscou dirigir uma sequência trazendo o psicótico Norman Bates (Anthony Perkins, o mesmo ator do *Psicose* original), supostamente reabilitado após uma temporada no manicômio, de volta ao seu antigo ambiente. Fez sucesso, driblando a técnica exibida no clássico com doses maciças de suspense. Mas a carreira de Norman não terminou aí. O próprio Perkins, a pessoa mais familiarizada com o tema (o papel de psicótico perseguiu o ator durante toda a sua carreira), dirigiu a terceira vinda. Sua estréia na direção cita Hitchcock — correria numa escadaria vertiginosa (*Um Corpo que Cai*) logo na primeira sequência do filme e o inevitável banho sangrento de Janet Leigh (*Psicose*). Entretanto, o resultado de *Psicose III* não passa de uma chacina alucinada, nos moldes da matança gratuita de *Sexta-Feira 13*. Muitos cadáveres e nenhum suspense. Boa-noite, Norman.

Marcel Plasse

LADRÃO DE CASACA

(To Catch a Thief, EUA, 1955)

Direção: Alfred Hitchcock. Com Cary Grant, Grace Kelly, Charles Vanel, Brigitte Auber. CIC.



Mesmo sendo um filme menos brilhante de Hitchcock, com um roteiro às vezes confuso e ritmo demasiadamente lento, *Ladrão de Casaca* faz

jus à assinatura do mestre. Afinal, já nas primeiras cenas, ele consegue colocar o espectador a par do principal da história sem se utilizar de diálogos, através apenas de uma sucessão de planos. Assim ficamos conhecendo John Robie, o "Gato" (Grant), um *bon vivant* e ex-ladrão de jóias sob liberdade condicional, que começa a ser incriminado pelos furtos cometidos por outra pessoa, usando suas "velhas técnicas". Para limpar sua reputação, o "Gato" sai em seu encalço e descobre que... Bem, não vamos estragar a surpresa. Ainda mais se ela é apresentada em meio a um visual deslumbrante, com locações externas feitas em Côte d'Azur, na Riviera francesa. E se, por um lado, essas tomadas enriqueceram seu filme, por outro representaram uma perda considerável para Hitch: foi durante essas filmagens que Grace Kelly — a "loura hitchcockiana" mais clássica e sensual — conheceu o príncipe Rainier e trocou as câmeras e refletores pelo cetro e a coroa do principado de Mônaco.

Celso Pucci

AVENTURA

COMANDO DE RESGATE (Skeleton Coast, EUA, 1987) Direção: John "Bud" Carlos. Com Ernest Borgnine, Oliver Reed, Robert Vaughn. VIC. Um velho americano (Borgnine) organiza um exército particular e vai a Angola resgatar seu filho, um agente da CIA preso pelo exército angolano. Aventura ultra-reacionária para quem gosta de muita ação e pouco raciocínio. REGULAR.

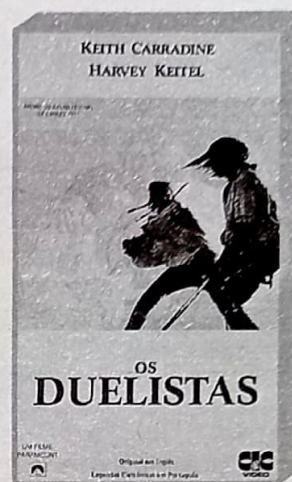
O TERCEIRO OLHO (The Yin and Yang of Mr. Go, EUA, 1970) Direção: Burgess Meredith. Com Jeff Bridges, James Mason. AB Vídeo. Confuso e pretensioso pastiche de espionagem, misturando venda de segredos militares americanos com budismo e transmutação. Passo em falso dos ótimos Bridges e Mason. RUIM.

DRAMA

OS DUELISTAS

(The Duellists, Inglaterra, 1977)

Direção: Ridley Scott. Com Keith Carradine, Harvey Keitel, Albert Finney. CIC.



Esse negócio de não levar desaforo pra casa já rendeu uma obra-prima — este filme, dirigido por Ridley Scott, o mesmo de *Blade Runner*. Na Europa devastada por Napoleão, um hussardo (soldado da cavalaria ligeira) vai prender outro, parrudo e maniaco por duelos. Naturalmente, o primeiro é desafiado ali mesmo. Movido ao som do choque frio de lâminas de aço e emoldurado pelas mais belas paisagens campestres, *Os Duelistas*, baseado num conto de Joseph Conrad, explora um tema caro a Ridley Scott: a fragilidade da vida. O vício do duelista (Harvey Keitel) persegue o outro (Keith Carradine), eternamente desafiado. Tamaña é a obsessão do desafiador que só fica faltando um legítimo duelo de bengalas. Eles se espelham sempre que se encontram. Provam das mais diferentes modalidades letais. Vivem por um fio o tempo todo. Acabam as guerras napoleônicas, os dois agora são vistosos generais. Não importa. O vício de se bater em duelo, à sombra da morte, continua percorrendo as suas veias, como uma legítima e inigualável droga. Carlos Volpato

O RETORNO DO SOLDADO

(*The Return of the Soldier*, Inglaterra, 1982)

Direção: Alan Bridges. Com Glenda Jackson, Julie Christie, Alan Bates, F.J. Lucas.

Um soldado (Alan Bates) volta estranho da Primeira Guerra: uma experiência traumática o fez esquecer os últimos vinte anos de sua vida, e aos 50 anos passa a agir como um boboca de 20. Quer rever sua antiga namoradina (Glenda Jackson), que, assim como sua sofisticada e rica esposa (Julie Christie), está louca para "curá-lo" da amnésia. O centro do caso é um filho do soldado que morreu cedo, e sua lembrança é usada para trazê-lo à realidade. Com bucólicas tomadas, é um comedido e delicado representante do cinema, com irresistível sotaque britânico. A direção não chega a empolgar, mas, com um elenco desses, nenhum filme é desinteressante.

Antonio Querino Neto

A ÚLTIMA VEZ QUE VI PARIS

(*The Last Time I Saw Paris*, EUA, 1954)

Direção: Richard Brooks. Com Elizabeth Taylor, Donna Reed, Van Johnson, Walter Pidgeon, Roger Moore. Baseado no romance *Babylon Revisited*, de F.Scott Fitzgerald. Minas Sul.

Clássico da Metro, resultado da paixão do diretor Richard Brooks por Liz Taylor. Ela nunca esteve tão bonita quanto nesta fita. Liz vive uma garota incoerente e falida que se apaixona por um jornalista americano na Paris do pós-Guerra. O jornalista, interpretado por Johnson, também não tem onde cair morto. Tenta em vão se tornar um escritor, mas seus originais nunca são publicados. Eles acabam se casando, mas a insatisfação com suas vidas não se resolve sequer quando surge o dinheiro tão esperado. A tragédia tem seu momento inesquecível: Liz, sob uma gélida chuva de inverno, gritando e batendo à porta de sua casa, trancada pelo marido que não a ouve por es-

tar desmaiado, bêbado na sala. O filme ainda traz como curiosidade a participação de Roger Moore, anos antes de encarnar James Bond, entre os atores coadjuvantes. Mas o melhor de tudo é que a distribuidora Minas Sul, nova no mercado, promete mais lançamentos de clássicos do cinema americano. Oooba!

Marcel Plasse

ONDE SONHAM AS FORMIGAS VERDES

(*Wo die Grünen Ameisen Träumen*, Alemanha, 1984)

Direção: Werner Herzog. Com Bruce Spence, Wandjuk Marika, Roy Marika. Globo Vídeo.



Após registrar paisagens da África, da Irlanda, da Tchecoslováquia e da América do Sul, com sua câmera errante e visionária, o cineasta Werner Herzog se deteve nos desertos australianos. Lá, duas tribos aborígenes — os *wororas* e os *riratjings* — têm de enfrentar uma grande companhia que vai explorar urânio num território sagrado. Resolvem tentar bloquear pacificamente os tratores da companhia de mineração, entoando hinos sagrados. Pois aquela é a terra "onde sonham as formigas verdes". Perturbar o sono delas desequilibrará a paz no mundo.

Longe de estar entre os melhores filmes de Herzog, contém a sua marca registrada: a sensibilidade minuciosa

para retratar a natureza e compor personagens contra-correntes. Sem se limitar ao enfoque meramente "ecológico", é uma boa reflexão sobre o estrangulamento do sonho no mundo "racional", a preocupação permanente de Herzog.

Antonio Querino Neto

STRIPPER (EUA, 1986) Direção: Jerome Gary. Com Janette Boyd, Sara Costa. DIF. Bem-realizado semidocumentário sobre a atividade e a vida das profissionais do strip tease, tendo como pretexto uma convenção internacional que vai eleger a melhor stripper do mundo. BOM.

MORTE E VIDA SEVERINA (Brasil, 1977) Direção: Zelito Viana. Com José Dumont, Stênio Garcia, Jofre Soares, Tânia Alves, Elba Ramalho. Baseado no poema de João Cabral de Mello Neto. Transvídeo. O drama do sertanejo Severino em sua arquetípica trajetória em direção ao litoral, entrelaçado com cenas documentais sobre a vida dura dos nordestinos. O duro mesmo é agüentar Tânia Alves e Elba Ramalho juntas. REGULAR.

COMÉDIA

PRIMO, PRIMA

(*Cousin, Cousine*, França, 1975)

Direção: Jean-Charles Tacchella. Com Marie-Christine Barrault, Victor Lanoux, Marie-France Pisier, Guy Marchand. Polevídeo.

Finalista do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Uma comédia de costumes que critica amoralmente a hipocrisia das famílias, as relações conjugais e extraconjugais, através da história de um homem e uma mulher (Marthe e Ludovic) que se tornam aparentados devido ao casamento da mãe de um com o tio do outro. Seus respectivos consortes, entretanto, não são nada fiéis. O marido

de Marthe é um notório conquistador que sonha bater o recorde de Don Juan e a esposa de Ludovic só se contenta quando está em sonoterapia. Aos poucos, os "primos" desistem do papel passivo/compreensivo e passam a sair juntos, divertindo-se com a idéia de que a família começava a crer que eles poderiam estar cometendo adultério. E é o que acaba acontecendo, quando decidem levar seu caso às últimas consequências.

Não se trata do tipo de comédia indicada para quem pretenda "rachar o bico". Nem se trata de uma crítica tão mordaz quanto a de *Cerimônia de Casamento*, de Robert Altman. *Primo, Prima* é um exemplar típico do cinema francês da metade da década de 70: um pouco chato, um pouco artístico, um pouco interessante. Marcel Plasse

TANGA — DEU NO NEW YORK TIMES?

(Brasil, 1987)

Direção: Henfil. Com Henfil, Rubens Corrêa, Elke Maravilha, Flávio Miggliaccio. CIC.

Mais que o canto do cisne de um artista talentoso, este primeiro e único filme do cartunista Henfil revela-se como uma espécie de testamento — às vezes tingido por sombrias cores premonitórias. Tudo do melhor Henfil está lá. Ecos do Fradim; de Ubaldo, o Paranoico, e muito da agilidade e das cusparadas no pun-donor que caracterizavam seus desenhos. Do humor que não respeita ninguém, nem ele mesmo escapa: um personagem se chama Aids. A Aids não só matou Henfil como acaba de levar seu irmão Chico Mário. Tanga é um país fictício, governado por um ditador onde tudo depende das manchetes do *New York Times*. Henfil, na pele de Kubanim, o sobrinho do ditador, acaba fraudando as manchetes do único exemplar do jornal que é enviado para Tanga e promove um verdadeiro pandemônio revolucionário. A esquerda, lá, continua a se degladiar e a direita, a inventar atentados etc. etc. Mas o que

acontece com o filme de Henfil — rigorosamente planejado com calhamços de *story-boards* e revelando um cuidado incomum com as imagens para um cineasta de primeira viagem — é que, por incrível que pareça, não tem a menor graça. Por que nada nele dá certo, já que é um Henfil legítimo que se projeta nas suas imagens estudadas?

Carlos Volpato

CHARADA

(Charade, EUA, 1964)

Direção: Stanley Donen. Com Cary Grant, Audrey Hepburn, Walter Matthaw, James Coburn. Transarte. Deliciosa comédia romântica com doses exatas de suspense, mistério e humor negro do consagrado diretor de *Cantando na Chuva*. A ação se passa em Paris. O marido rico da jovem Reggie Lampert (Audrey Hepburn) é assassinado num trem e a viuvinha passa a ser perseguida por quatro desconhecidos, ávidos por descobrir onde o defunto escondeu 250 mil dólares obtidos de maneira nada lícita. Entre os quatro está o galã grisalho Peter Joshua (Cary Grant), aliás Carson Dyle, aliás Alexander Dyle, aliás Adam Canfield, aliás...

A mistura de ação e humor, com carros e figurinos típicos do início dos anos 60, lembra as primeiras missões de James Bond. Para completar, o elenco é impecável e a música de Henry Mancini (indica para o Oscar) é irresistível.

José Geraldo Couto

CONFUSÕES À ITALIANA (*Miseria e Nobiltà, Itália, 1954*) Direção: Mario Mattoli. Com Sophia Loren, Totó, Enzo Turco, Dolores Palumbo. AB Vídeo. Farsa ingênua que lembra as chanchadas brasileiras dos anos 50. Duas famílias que moram num cortiço napolitano concordam em passar por parentes de um nobre diante do pai de sua noiva. Vale pelo talento cômico de Totó e pela beleza da então jovem Sophia. BOM.

Dilson Gomes

ERÓTICO

O GARANHÃO ITALIANO

(*The Italian Stallion, EUA, 1970*)

Direção: Morton Lewis. Com Sylvester Stallone. PBV.



Stallone na sua "melhor" forma. O bem-sucedido estro de *Rocky* e *Rambo* faz aqui sua estréia no (sub)mundo do cinema. 200 dólares foi o suficiente para o *Mr. Muscless* mostrar o bumbum, participar de bacanais e orgias (artificiais) e ainda fumar um baseado. Para quem imagina poder degustar alguma coisa, esqueça. O sexo explícito do começo dos anos 70, pré-Aids, não era nem *hard* e muito menos erótico. Mas se o espectador tiver saco de agüentar o zoom desenfreado da câmera através das bundas e dos seios flácidos das atrizes, pode perceber, na trilha sonora, a canção-tema de *Rocky* — *Um Lutador* pasteurizada num *musak* deprimente e logicamente inserido neste filme mais tarde, após Stallone atingir o *hall* da fama.

Para os fãs, há um esclarecimento inicial sobre o bom desempenho do ator (*sic*) e por que ele começou a carreira por tão baixo degrau. Puro entretenimento.



A dama Sônia Braga, cansada dos passeios de ônibus

A DAMA DO LOTAÇÃO

(Brasil, 1978)

Direção: Neville D'Almeida. Com Sônia Braga, Nuno Leal Maia, Paulo César Pereiro. Baseado em crônica de Nelson Rodrigues. Polevideo.



O cinema brasileiro e a obra de Nelson Rodrigues mantêm um namoro de muitos anos. A queda do dramaturgo por situações abjetas e extremas encontrou na área cinematográfica um espaço que as salas de teatro nem sempre lhe concederam. *A Dama do Lotação* pretende mergulhar fundo nas raízes desse universo para extrair dele o clima abafado dos desejos proibidos.

Neville D'Almeida foi um dos expoentes do chamado Cinema Marginal, que no início dos anos 70 levou até o fim da linha algumas das propostas radicais levantadas pelo Cinema Novo. Antes de *A Dama do Lotação*, Neville realizou os longas *Jardim de Guerra* (1968), *Piranhas do Asfalto* (1970) e *Mangue Bangue* (1971). São obras significativas da estética "marginal", ignorando por

completo qualquer relacionamento mais próximo com as expectativas do público para mergulhar na fragmentação narrativa. *A Dama do Lotação* pode ser considerado uma guinada na carreira de Neville, que deixa de lado aqui suas antigas idéias para atingir em cheio o mercado exibidor (*A Dama* é a segunda maior bilheteria do cinema brasileiro, só perdendo para *Dona Flor e Seus Dois Maridos*).

Nuno Leal Maia e Sônia Braga fazem o casal que se ama muito mas não consegue se satisfazer sexualmente. Ela passa então a procurar outros homens em ônibus e lugares públicos, com os quais busca o prazer que não tem com o marido. O universo da traição — recorrente em Nelson Rodrigues — é explorado aqui através da agonia do marido, o único que não consegue usufruir dos favores da mulher.

Sônia Braga encontra nas cenas de sexo, que se repetem no filme, a condição ideal para valorizar seus dotes de atriz. Como em outras atuações suas, demonstra que possui algo muito forte e magnético que só é detonado de forma convincente quando está nos braços de um parceiro.

O filme em si deixa um pouco a desejar. A direção de atores é frouxa e a adaptação do roteiro chega a ser enfadonha. O próprio estilo do diretor parece ter regredido se comparado com o de seus filmes anteriores. Há, no entanto, uma melodia deliciosa que percorre toda a fita e parece ter sido composta sob medida. É sempre um prazer ouvir Caetano cantando a dificuldade de saber onde colocar o desejo.

Fernão Ramos



O ex-astronauta ouve depoimento sobre o mistério de Solaris

FICÇÃO

SOLARIS

(URSS, 1972)

Direção: Andrei Tarkovsky. Com Donatas Banionis, Natalya Bondarchuk, Nikolai Grinko, Yuri Jarvet. Baseado no romance de Stanislaw Lem. Taipan.



A contrapartida soviética a 2001 — Uma Odisseia no Espaço (1968), de Kubrick. O épico de Tarkovsky combina ficção e humanismo da mesma forma que a odisséia de Arthur C. Clark. Não há, porém, uma data precisa nem se tem conhecimento detalhado sobre os eventos que envolvem Solaris.

Solaris é um planeta que, por motivos obscuros, possui importância vital para a humanidade. Seu inconveniente é que os cientistas que o estudam acabam tendo um destino trágico. Enquanto o comando da Terra se divide entre cancelar ou continuar as pesquisas, um psicólogo espacial chamado Kelvin (Banionis) recebe a missão de investigar os remanescentes da última estação espacial que estuda o planeta, e determinar a viabilidade do projeto.

Mas, enquanto os eventos do livro se passam inteiramente em Solaris, o filme começa sobre a superfície da Terra. Um ex-astronauta repassa o vídeo do depoimento de sua experiência com a mística substância oceânica que recobre todo o planeta, concedido a uma comissão de inquérito anos antes. Suas revelações são tão enigmáticas quanto as descobertas dos astronautas americanos do filme de Kubrick.

O mistério continua mesmo depois da chegada de Kelvin à estação espacial. Ele encontra o capitão da nave suicidado e os dois tripulantes restantes agindo como loucos. Logo, ele mesmo se pega vendo coisas que não poderia estar vendo, como sua esposa falecida há dez anos...

A compreensão ultrapassa a capacidade da mente humana. O próprio planeta é apresentado como um cérebro gigante, uma substância inteligente (Deus?) que se comunica com seus visitantes através da materialização, em forma humana, de traumas, sonhos obsessivos ou lembranças que assombram como uma consciência palpável. Cada um dos tripulantes possui, grudada a si, a imagem que mais culpa e horror lhe causa. Os cientistas querem descobrir de qualquer modo uma maneira de destruir o planeta. Mas Kelvin se apaixona pelo fantasma de sua ex-mulher, que havia se suicidado, deprimida com a indiferença que ele dedicava a seu amor, e decide salvar Solaris...

Os efeitos especiais são contidos e a ação é intelectual. Quem, porém, se deixar absorver por seus 167 minutos — até o final elíptico — se renderá a seu esplendoroso horror. E terá nas mãos o desafio de desvendar o mistério de Solaris, bem como o de sua própria existência.

Marcel Plasse,

JORNADA NAS ESTRELAS IV — A VOLTA PARA CASA

(Star Trek IV — the Voyage Home, EUA, 1986)

Direção: Leonard Nimoy. Com William Shatner, Leonard Nimoy, DeForest Kelley, James Doohan. CIC.



O Capitão Kirk está sendo julgado por desobediência e terrorismo! Explicação: para salvar Spock, ele destruiu a Enterprise, matou a tripulação da nave Klingon e roubou-lhes a condução. Na sua volta à Terra, o nosso planeta está sendo apocalipticamente importunado por uma bizarra visita alienígena. Eles emitem indecifráveis sinais numa mensagem dirigida aos oceanos. Sua presença evapora nossa água, destrói a atmosfera... É o fim.

A lógica de Spock, porém, está por perto e desvenda o mistério: os estranhos sinais são dirigidos às baleias-corcundas, extintas na virada do século XX. Uma viagem no tempo para recuperar as bichas é a providência mais urgente.

Este quarto episódio da série é mais do que um superespetáculo de ficção e efeitos especiais. As pretensões "ecológicas" do roteiro não comprometem, e dão mais emoção à trama. Mas o que vale mesmo são as seqüências na atualidade: Spock passa por ex-hippie sobrevivente do LSD e o Capitão Kirk resolve citar a literatura da nossa época — Jacqueline Susan é Harold Robbins — para mandar à merda os paranóicos do trânsito.

Dilson Gomes

BRASIL

1 A Máquina Mortífera

(Warner)

2 Ases Indomáveis

(CIC)

3 Blade Runner

(Warner)

4 Apocalypse Now

(CIC)

5 Fievel

(CIC)

6 A Morte Pede Carona

(América)

7 Super-Homem IV

(América)

8 Solaris

(Taipan)

9 Hank Panky

(JB Vídeo)

10 Na Hora da Zona Morta

(VTI)

EUA

1 RoboCop

2 Platoon

3 Ritmo Quente

4 Sem Saída

5 Predador

6 La Bamba

7 The Big Easy

8 S.O.S. Tem um Louco

Solto no Espaço

9 Dragnet

10 Roxanne

FONTES — Brasil: Omni, 2001, Rentacom, Real Video (SP); Video 4 Clube, Video Clube Shack, Omni's Studio (RJ); Cinemateca Ltda. (MG); Video Hobby (BA); Video Locadora Gaúcha (RS); Video Service (DF); EUA: Billboard



**Estes filmes
já viraram
sucesso**



**Agora vão virar
sua cabeça. Ataque
sua locadora antes
de outros
aventureros.**

Velite VÍDEO
PRODUÇÕES LTDA.
CLASSE "A" EM VÍDEO.

Alameda Barros, 407 - loja 10 - 01232 - Sta. Cecília - São Paulo - S.P. - Telefone: (011) 825-5212

Estrelas black:
o milionário
Eddie Murphy,
Robert Townsend
em Hollywood
Shuffle e uma
cena de
School Daze



Gamma-Liaison/Sigla

CAPITAL DO CINEMA

Em Hollywood, o assunto é dinheiro. Os artistas negros saem do underground e conquistam espaço no olimpo hollywoodiano, seguindo a trilha aberta por Eddie Murphy. Os dólares, aos milhões, não têm preconceito de cor. Nossa correspondente em Los Angeles conta tudo



Films Number One



Columbia

Além da inevitável discussão em torno do Oscar, a outra conversa de Hollywood nesta época é dinheiro: esta é a hora em que se acertam orçamentos e projetos para a temporada 1988/89. Comenta-se, por exemplo, a instável sorte do filme *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, de Terry Gilliam (*Monty Python, Brazil*), que já estourou seu orçamento três vezes, teve filmagens interrompidas outras tantas, foi abandonado por seu astro, Sean Connery, mas, mesmo assim, está programado para estrear no início de setembro.

Fala-se muito sobre os quase 2 milhões de dólares que a Warner já gastou com a continuação de *Gremlins* — agora, *Gremlins Go to Las Vegas* —, mas sem definir, por enquanto, quando o filme entra em produção. (Parte do problema era a recusa de Joe Dante em dirigir essa continuação, alegando que os roteiros eram "péssimos, calcados apenas em gags e truques, sem personagens"; mas agora, finalmente, surgiu um roteiro que Dante concorda em dirigir).

Fala-se também, em tom de admiração, da notável perseverança do diretor Wes Craven (*A Hora do Pesadelo*), que gastou dois meses, 500 mil dólares adicionais ao orça-

mento original e quatro exibições-teste para fazer seu novo filme, *The Serpent and the Rainbow*, ao gosto do público. Baseado na história verdadeira do antropólogo Wade Davis — que descobriu, à própria custa, como se faz um zumbi —, *The Serpent and the Rainbow* estreou, enfim, no dia 5 de fevereiro.

E, afinal, estrelas black sobem ao olimpo hollywoodiano. O ataque vem das bordas, do subterrâneo independente, e está entrando pelas brechas do esquemão, principalmente pela via da comédia. Assim é com Robert Townsend, autor do cult *Hollywood Shuffle*, feroz sátira ao (triste) papel dos negros no cinema, que ele financiou do próprio bolso, à custa de um bocado de "penduras" em cartões de crédito. Hoje, ele é o diretor de uma das melhores bilheteria da virada do ano, o filme *Raw*, registro ao vivo de um show de comédia de Eddie Murphy. E assim poderá ser com Spike Lee, que vem do cult (e autofinanciado, barganhado, tomado emprestado) *She's Gotta Have It* para um projeto em larga escala, apoiado pela poderosa Columbia: *School Daze*, uma comédia musical sobre as disputas internas numa fictícia universidade black do sul dos Estados Unidos.

Ana Maria Bahiana **71**

COLEÇÃO

QUATRO RODAS

Esportes Mundiais

EM VIDEOCASSETE

MOTOCROSS CAMPEONATO MUNDIAL 500 cc



MOTOCROSS CAMPEONATO MUNDIAL DE 500 cc.

Você vai ver em sua casa as melhores cenas de todas as pistas e percursos da competição mundial de cross. Vai conferir seqüências incríveis, como a do circuito de Citadel, em Namur na Bélgica, onde os melhores pilotos do mundo alcançam as estrelas.

Duração: 60 minutos.

ACIDENTES FANTÁSTICOS E PROVAS MALUCAS



HAVOC 6 ACIDENTES FANTÁSTICOS E PROVAS MALUCAS

Os acidentes mais fantásticos e as provas mais malucas que aconteceram no automobilismo mundial durante a temporada de 1984, 85 e início de 86. HAVOC 6 leva para sua casa uma hora de emoção com 180 acidentes que você nem vai acreditar.

Duração: 60 minutos



PARIS-DAKAR RALLY 1987



PARIS - DAKAR RALLY 1987

Você vai ver em sua casa o mais famoso rally do mundo. Carros, caminhões e motos encaram os 13.000 quilômetros de prova com todo tipo de obstáculo e dificuldade. Cruze o deserto com eles e conheça as inúmeras histórias de coragem, garra e habilidade de homens que superaram seus próprios limites.

Duração: 90 minutos.

Preços especiais

para grandes quantidades.



Frete grátis para compras

com pagamento antecipado.

Rua Coropé, 186 - Caixa Postal 11044 - CEP 05499 - São Paulo - SP

Faça já o seu pedido. Telefone para a **Abril Vídeo (011) 285-1276/288-8242** ou seus representantes.

Representantes em todo Brasil:

ARAÇATUBA SP TEL (0186) 23-3528 / ARARAQUARA SP TEL (0162) 36-0453 / BAURU SP TEL (0142) 23-2890 / BELO HORIZONTE MG TEL (031) 335-6940 / CAMPO GRANDE MS TEL (067) 624-0165 / CURITIBA PR TELS (041) 254-6607 / 262-9592 / FLORIANÓPOLIS SC TEL (0482) 22-6819 / FORTALEZA CE TEL (085) 223-3546 / GOIÂNIA GO TEL (062) 223-5384 / ILHÉUS BA

TELS (073) 231-1010 / 2664 / 1718 / MANAUS AM TELS (092) 234-8164 / 233-8881 / 8281 / PORTO ALEGRE RS TEL (0512) 34-4700 / RECIFE PE TEL (081) 222-3241 / RIBEIRÃO PRETO SP TEL (016) 624-1117 / RIO DE JANEIRO RJ TELS (021) 325-9403 / 9990 / 9424 / SÃO LUIZ MA TELS (098) 221-1500 / 5416 / 235-1964 / TERESINA PI TEL (086) 222-8322 / VITÓRIA ES TEL (027) 223-6942

FINALMENTE NO BRASIL



PLAYBOY *Video*

COM TODOS AQUELES SONS E MOVIMENTOS
QUE VOCÊ FICAVA IMAGINANDO.

CONSULTE:


abril vídeo

TEL.: 288-8242 E 285-1276



Leon Cakoff

FESTIVAL DE BERLIM



Durante onze dias, Berlim foi uma festa: 700 filmes e muita polêmica sacudiram a cidade dividida pelo muro. SET estava lá e conferiu as novidades



Leon Cakoff

O 38.º Festival Internacional de Filmes em Berlim (12 a 23 de fevereiro), apontado como o segundo mais importante, depois de Cannes, inaugurou a temporada de 88 com muita sensação para a nova produção comercial norte-americana, poucas revelações européias, uma hilariante retrospectiva dedicada ao ator napolitano Totó, muitos filmes musicais e de homossexuais, e muitos filmes de países socialistas afinados com a política de abertura cultural promovida pelos soviéticos.

Em países ricos, como a Alemanha Ocidental, o que é bom não é para todos. Os cinemas viveram lotados nos treze dias de festival. Nas platéias, mais de dois mil jornalistas estrangeiros e, basicamente, gente jovem de todo o país.

O festival era diariamente sacudido por algum tipo de protesto nas portas dos dezesseis cinemas onde passaram mais de 700 filmes de longa metragem. Punks, junkies, turcos, judeus, atores, estudantes, refugiados políticos, homossexuais e até hare krishnas tinham do que protestar, agrupados na porta do Zoo-Palast, o principal cinema da cidade — Berlim um cenário completo de apocalipse. O símbolo da antiga capital da Alemanha e do mundo (nos anos 20) é uma catedral em ruínas, sobra do bombardeio que precedeu à capitulação da cidade às tropas russas no final da Segunda Guerra Mundial. Do lado oriental de Berlim, o símbolo é um execrável muro cinzento com arames farpados, cães raivosos e soldados que atiram para matar em quem tentar escapar para o lado ocidental. A Torre de Babel é uma mitologia. O muro de Babel é uma realidade. Essa condição geográfica faz de Berlim um dos festivais mais políticos e agitados, com uma programação de filmes inéditos que depois rolam pelo mundo.

Entre críticas que se fazem ao Festival de Berlim está o destaque exagerado que se dá à produção norte-americana que, logo depois do festival, já estréia pelos cinemas da cidade. A direção do fes-



OS PREMIADOS

Melhor Filme (Urso de Ouro) — Hong Gaoliang (*Sorgo Vermelho*), do estreante Zhang Yimou, República Popular da China.

Prêmio Especial do Júri (Urso de Prata) — Komissar (*A Comissária*), de Aleksandr Askoldov, estreante, União Soviética.

Urso de Prata — *La Deuda Interna* (*A Dívida Interna*), do estreante Miguel Pereira, Argentina/Inglaterra.

Melhor Atriz (Urso de Prata) — Holly Hunter, no filme *Nos Bastidores da Notícia*, de James L. Brooks, EUA.

Melhor Ator (Urso de Prata) — Jörg Pose e Maufred Möck (ex-aequo) — ambos no filme *Eimer Trage des Anderen Last* (*Alguém Sempre Suporta o Sofrimento dos Outros*), de Lothar Warneke, Alemanha Oriental.

Melhor Diretor (Urso de Prata) — Norman Jewison por *Feitiço da Lua*.

A tela do principal cinema de Berlim (página oposta) mostrou de tudo: de atores conhecidos como Marlee Matlin e Ed Harris, em Walker (acima), aos garimpeiros de Serra Pelada, em Powagqatsi



tival se defende dizendo que esse é um jeito de provocar a presença de grandes nomes de Hollywood em Berlim e de testar a aceitação popular dos seus filmes de maior sucesso a cada temporada, com pré-estreias internacionais exclusivas na Alemanha.

É uma tese discutível. Septem-

ber, de Woody Allen, passou e nem por isso ele veio com a sua mulher e atriz Mia Farrow. James L. Brooks veio promover o seu *Nos Bastidores da Notícia*, mas sem conseguir ter a tiracolo os atores William Hurt, Holly Hunter ou Albert Brooks. Kevin Kline também não deu as caras com *Um*

Grito de Liberdade, de Richard Attenborough. Cher, em *Feitiço da Lua*, de Norman Jewison, deu o cano. Barbra Streisand e Richard Dreyfuss, em *Nuts*, de Martin Ritt, nem se dignaram a dizer se viviam ou não. Steven Spielberg, com o seu ótimo *Império do Sol*, programado para a sessão de encerramento do festival, não só não veio como também teve a sessão de imprensa do seu filme passada em clima de debandada geral. Berlim é uma das cidades mais caras do mundo, e quase ninguém se deu ao luxo de continuar gastando em hotel e comida para ver um filme que provavelmente passe na esquina de sua casa semanas depois.

Andrzej Wajda, que veio três dias depois de o seu filme ser exibido num domingo chuvoso e temperatura na marca de zero grau, disse com cara de entediado que não tinha mais idade (62



Seus filmes preferidos em vídeo cassete.



BUSCA DESPERADA
Haverá tempo para impedir uma morte na 4ª dimensão?

O RETORNO DO SOLDADO
5 estrelas
Video Movie Guide

ELO DE SANGUE
Explicam-se as visões simultâneas de irmãos siameses?

QUEM NÃO CORRE... VOA
Veja que elenco

O PATRIOTA
Só ele poderia evitar uma explosão nuclear

Duas obras polêmicas: Os Possuídos, de Wajda (página oposta), e Linha Um, de Reinhard Hauff (abaixo)

anos) para ficar disputando prêmios em festivais. O seu novo filme, *Les Possédés* (Os Possuídos), com Isabelle Huppert, Lambert Wilson, Omar Sharif e Jutta Lampe, uma adaptação de Dostoievski para a televisão francesa, com 124 minutos de duração, era tão desanimador quanto a sua cara...

Mas nem tudo foi triste e funesto. Os mitômanos e caçadores de autógrafos não tiveram do que reclamar com a presença do ídolo Chuck Berry que interrompeu a sua excursão pela Alemanha Ocidental para defender o musical *Chuck Berry: Hail! Hail! Rock'n' Roll!*, que Taylor Hackford rodou em sua homenagem. Alex Cox teve uma passagem meteórica, como na última Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, para falar do seu novíssimo *Walker*, com Ed Harris e Marlee Matlin. E, paixão suprema, sobrou para a britânica Jane Birkin a



JÁ NA SUA
LOCADORA



MAUSOLEUM
feitos Especiais
terrorizantes

O LORDE DRAGÃO
O novo "Bruce Lee"

ERAM OS DEUSES
ASTRONAUTAS?
59 edições do Livro de
Erich von Daniken

A VIÚVA VALENTINA
Uma fita + um livreto com
a história do Cinema
Nacional

O CAVALIRO ESTELAR
Klaus Kinski melhor que
nunca

FJL
FJ LUCAS VÍDEO

Av. São João, 1588 - 2ª Sobreloja - Santa Cecília - CEP 01260 - São Paulo - SP

glória de ser a musa absoluta do festival, ao vivo e aparecendo em dois filmes em competição: *Jane B. par Agnes V.* e *Kung-Fu Master!*, ambos dirigidos pela dama belga do cinema francês, expoente da *Nouvelle Vague*, Agnes Varda — uma cineasta na linha de Jean-Luc Godard, só que mais conclusiva e compreensível.

O filme-choque do festival foi *Powaqqatsi*, do ex-padre norte-americano Godfrey Reggio, com músicas dilacerantes de Philip Glass e muitas imagens filmadas no Brasil. Reggio foi acusado de dar um tratamento sublime à miséria do Terceiro Mundo e ao caos urbano que nos cerca. Críticas estúpidas de europeus flatulentos. Se ninguém desse conta no mundo da sua condição existencial e cultural, isso tudo seria um mar de suicidas.

A maratona de filmes para todos os paladares e todas as enfermarias foi mostrada em Berlim nas seguintes seções: Seleção Oficial com filme em competição e fora de competição; Panorama - Seleção Oficial de concurso; Fórum Internacional dos Filmes Jovens, fora de competição; Festival de Filmes de Crianças - Seleção Oficial, fora de concurso; Retrospectiva do Cinema Australiano Contemporâneo; Retrospectiva "História da Cor no Cinema".

Leon Cakoff,
de Berlim

Uwe Bohm
como Jan e Ayse
Romey no papel-
título de
Yasemin, do
alemão ocidental
Hark Bohm



OS MELHORES FILMES DE BERLIM

Seleção Oficial e Competição — Os 10 Melhores Filmes

• *Linie 1 (Linha Um)*, de Reinhard Hauff, Alemanha Ocidental, 96 min. Com Thomas Ahrens, Claus-Peter Damitz e Inka Groetschel. Fora de concurso.

Um musical com toda a fauna dos habitantes de Berlim Ocidental: punk, yuppies, turcos, policiais, junkies e também gente inocente, cruzando-se no Metrô do Zoológico, o principal de Berlim Ocidental.

• *La Deuda Interna (A Dívida Interna)*, de Miguel Pereira, co-produção argentino-britânica, 96 min. Com Juan José Camero, Gonzalo Morales e Juanita Caceres. Competição.

Na deslumbrante paisagem andina do noroeste argentino, um pequeno pastor cresce — órfão de mãe e abandonado pelo pai — para um destino ainda mais trágico. Depois do golpe militar, cujas notícias chegam a sua aldeia de forma patética, o menino-adolescente será engajado na Marinha para ir morrer no mar da Guerra das Malvinas.

• *Hong Gaoliang (Sorgo Vermelho)*, de Zhang Yimou, República Popular da China, 90 min. Com Gong Li e Jian Wen. Competição.

Na província chinesa de Shianxi, nos anos 30, às vésperas da invasão japonesa, um comerciante de vinhos, leproso, contrata o seu casamento com uma adolescente de forte personalidade. Ela o substituirá no comando do negócio que prospera com uma receita especial de vinho — fermentado com a urina do seu amante. A segunda parte do filme é muito violenta e a composição dos personagens, alegres e patéticos, lembra os clássicos japoneses dos anos 50.

• *Komissar (A Comissária)*, de Aleksandr Askoldov, União Soviética, 108 min. Com Nonna Morjukova, Rolan Bykov, Vasilj Schukschin. Competição.

Um filme rodado em 1967, recusado pela censura soviética, escondido em casas de amigos durante vinte anos e só agora revelado sem perder nada do seu impacto original. Lembra clássicos do cinema russo — filmado em preto e branco e lentes de cinematógrafo. Uma oficial do Exército Vermelho, durante a guerra civil russa de 1922, fica grávida e confisca um quarto na casa de um pobre artesão judeu para dar à luz. Pesadelos, alucinações e crises de consciência se misturam nesta parábola política sobre os rumos desde então tomados pela revolução socialista russa.

• *Walker*, de Alex Cox, EUA, 102 min. Com Ed Harris, Marlee Matlin, Richard Masur. Competição.

William Walker, um mercenário norte-americano, vai "pacificar" a Nicarágua em 1855 a serviço dos interesses multinacionais americanos. Acaba enlouquecendo com o sentido da sua missão messiânica, autoproclama-se presidente da Nicarágua e defende a volta da escravidão. O caso é real, e Alex Cox (Sid e Nancy, *Straight to Hell*) faz o maior deboche, transformando-o num "chili-western" dos mais cínicos.

• *Powaqqatsi*, de Godfrey Reggio, EUA, 100 min. Documentário sem diálogos ou narrativa, com músicas de Philip Glass. Fora de competição.

Os 6 minutos e 45 segundos iniciais do filme são com imagens deslumbrantes de Serra Pelada. A paixão de Godfrey Reggio pelo Brasil começou com a sua vitória na 8.ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, com *Koyanisqatsi*, a primeira parte desta hipnótica trilogia. Imagens em ritmo alterado e músicas de harmonia e convulsão numa sinfonia para corais de crianças hispânicas completam as sensações chocantes do filme e mostram que, apesar de todas as dores da miséria e das desarmonias provocadas pelos homens na natureza, a beleza e a vontade de viver são superiores.

• *Alice (Neco Zalenky)*, do tcheco Jan Svankmajer em produção sulça, 90 min. Com Kristyna Kohoutova e efeitos de animação. Fora de competição.

Uma versão original e assombrosa de animação sobre o eterno tema de Alice no País das Maravilhas, clássico escrito por Lewis Carroll. O coelho apressado que conduz a narrativa original é, desta vez, um brinquedo forrado de serragem e cercado de surrealismo mais apropriado para adultos do que para crianças.

• *Yasemin*, de Hark Bohm, Alemanha Ocidental, 86 min. Com Ayse Romey, Uwe Bohm e Sener Sen. Competição.

O tema de Romeu e Julieta, imortalizado por Shakespeare, é agora adaptado para a região portuária de Hamburgo, envolvendo um adolescente alemão e uma menina nascida na Alemanha mas de pais turcos. O filme não perde a elegância ao responsabilizar os turcos pelo intolerante racismo cultural e segregacionismo hoje explosivo no país.

• *Império do Sol*, de Steven Spielberg, EUA, 153 min. Com Christian Bale, John Malkovich, Miranda Richardson, Nigel Havers. Fora de competição.

Na Shanghai de 1941, vésperas da invasão japonesa, um menino de 11 anos, ocidental, interpreta os horrores da guerra concentrado na sua loucura de um dia poder pilotar um avião-caça. É o melhor filme de Spielberg, repleto de homenagens a clássicos do cinema americano como *Cidadão Kane* e *...E o Vento Levou*.

• *Jane B. par Agnes V.* (Jane Birkin por Agnes Varda), de Agnes Varda, França, 97 min. Competição.

Um filme colagem de fragmentos e impressões sobre a vida real da atriz britânica Jane Birkin — uma versão feminina de Mick Jagger — delicada e emotiva. Segundo Varda, uma homenagem a um símbolo de mulher dos anos 80, por ter nobreza clássica tendo três filhos com três maridos diferentes. O filme é uma deliciosa viagem de sensações por Paris e Londres, repleta de reproduções de quadros de pintores clássicos e contemporâneos.

L.C.

TELA INTELIGENTE

Fique de olho nos novos filmes brasileiros. Tem de tudo para todos: ação, aventura, emoção. Filmes que falam brasileiro como você, inteligentes como você. Gostou? Então não perca os próximos filmes brasileiros.



BRASILIBIDO & NINFATAIS

AS MUSAS DA GENTE

*De sugestiva sonoridade, a palavra
genealogia define bem este
levantamento da florida
legião de musas que
atizam a libido da
pátria. Viva a
mulher gostosa
(e diferente)!*

Brasil Filmes

Eliane Lage





Carmen Santos

Abri

Sem o erotismo feminino nas telas, não haveria manicômio suficiente para abrigar tanta frustração proporcionada pela vida real. A fêmea de celulóide encarna o potencial libertador do cinema, reativa os sentidos na sala escura, o espaço por excelência da "luxúria, da liberdade dos corpos e dos afetos" na feliz definição de Roland Barthes. Talvez apenas no cinema americano, verdadeiramente de massa e desenvolvido na linha de montagem industrial, o estrelato se constituiu num sistema, o *star-system*. Nesse sistema, são as Marilyn Monroes, as Greta Garbos e as Brigitte Bardots que asseguram o sucesso e o retorno financeiro, independentemente da trama. É uma relação mítica, um olimpo com suas deusas adoradas aguçando a libido.

Num cinema dependente e periférico como o nosso (que nunca se consolidou completamente como indústria), quais são as grandes divas? Quais são as mulheres que sobem a temperatura da plateia? A star depende sempre de um suporte fora da tela para sustentar seu mito, como os fãs-clubes e a idolatria na imprensa especializada. No Brasil dos anos 20, essa imprensa se chamou *Cinearte* — uma sofisticada e colorida revista inspirada nas publicações norte-americanas, como a *Photoplay*, tribuna do *star-system* em Hollywood. Das posa-

das e sensualíssimas fotos da *Cinearte* nasceram "estrelas" como Eva Nil, Carmen Santos, Lola Lys, Isa Lins, Lelita Rosa, Iara Jordão, Polly de Vienna e muitas outras beldades cheias de "fulgor".

Aqueles eram mesmo os anos loucos. O patriarcalismo e o moralismo da sociedade brasileira não impediu o pipocar de musas eróticas flagradas em posições altamente ousadas, num tempo em que dançar o charleston era um desrespeito. É só folhear a *Cinearte* e olhar as pernas e os lábios de uma Georgette Ferret ou de uma Aurora Fúlgida sobre as legendas que perguntam: "Com essas poses você não fica gostando do cinema brasileiro?"



Nita Ney

Acervo Kinart



A sensualidade
exótica das nossas
primeiras musas
não deixava
nenhum
brasileiro
íleso. Nos
anos sessenta,
Betty Faria
dava o tom



Didi Vianna



Acervo Kinart

Eva Nil

Começava ali o chamariz invariável do cinema nacional — a mulher gostosa.

Mas o padrão da musa *made in Brazil* varia, é indefinido e tem muitas faces. Como o próprio cinema. E não tem nada da aura das divas de Hollywood, enclausuradas nas ricas mansões de Beverly Hills. O subdesenvolvimento só produz mulheres de carne e osso, dessas que podemos encontrar a qualquer hora na rua, e muitas atrizes espirituosas do tipo Marília Pera e Lucélia Santos.

Da crioula Zezé Motta a arianas como Kate Hansen e Vera Fischer, a superfêmea da pornochanchada promovida hoje à cobiçada Jocasta (mamãezinha do Brasil) da novela das oito, passando pelas infinitas morenas na linha Claudia Ohana e Malu Mader; essas estrelas refletem um modelo estético que é puro Brasil, ou seja: não é bem uma coisa nem outra e é tudo ao mesmo tempo. Ecletismo ou falta de identidade no duro? Em todo caso, yes, nós temos stars — com o toque de anarquia e Carnaval que é de praxe. Stars que começaram a cantar e não pararam nunca mais, tão logo o cinema começou a falar. Todas com uma pitada de influência da primeira estrela *for exportation* da nossa Era do Rádio — Carmen Miranda —, uma era que mandou para o espaço muito da atmosfera inebriante dos anos 20 com suas ninfatais.

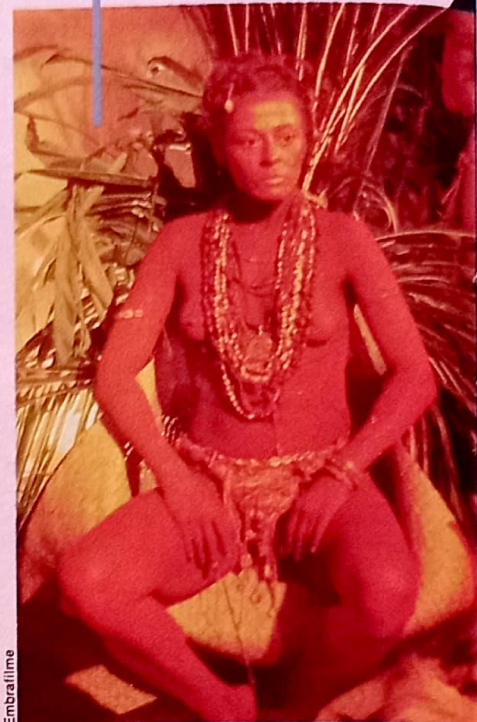
Carmen Miranda, com suas bananas-nanicas e seus balangandãs tropicais, colocou a América de quatro e imortalizou o mito ufanista do país idílico ao sul do Equador. As chanchadas da Atlântida celebram, nos anos 40 e 50, a malandragem e o desbunde de um cinema que guardou acima de tudo seus vínculos com o circo, a folia de Momo e com toda a galeria de

"boazudas" do Teatro de Revista. Mulheres que o homem comum (o herói das chanchadas) nunca vai possuir a não ser nos sonhos, e que o cinema, depositário de seu inconsciente e sua válvula de escape, lhe dá de mão beijada. Ou...faz que dá, mas não dá! Presenteia-o com um éden de gracinhas sedutoras do tipo Eliana Macedo, Adelaide Chiozzo e Fada Santoro, que, de sarong havaiano e lábios rubros, reciam todos os clichês americanos à moda da casa.

Os paulistas torciam o nariz para o estilo popularesco da Atlântida e criaram a Vera Cruz em 1949, na ânsia de um cinema na linha industrial e refinado. Importaram muitos talentos para implantá-lo. Mas muito do fascínio da companhia de São Bernardo do Campo estava no charme, no veneno e na fotogenia de suas estrelas: as eternamente jovens e sofisticadas Tônia Carrero e Maria Della Costa, a trágica Cacilda Becker e a cândida Eliane Lage, estrela de *Caçara*, o primeiro filme da empresa. Anos mais tarde, os conscientizadores do Cinema Novo iriam propor a "política de autor" contra o *star-system* da Vera Cruz, influenciada, é óbvio, pelos modelos teóricos e estéticos europeus. No balanço final, nem o cinemão industrial nem o cinema de autor deu completamente certo. Já as mulheres...E há uma tonelada de xuxuzinhos, algumas oriundas da chanchada que fazem a glória do cinema "sério" e não perdem o *sex appeal* mesmo em plena estética da fome, como Anecy Rocha e Odete Lara. Ou como as atrevidinhas Dina Sfat e Norma Bengell, como Ítala Nandi ou como a séria *frau* Lilian Lemmertz ou a enigmática Helena Ignez.

Ah Helena Ignez! Como proclamou Nelson Rodrigues — "Uma Helena que também é Inês dá o que pensar". Dois símbolos femininos unidos numa só personalidade. A Helena do nariz misterioso, que foi esposa do papa Gláuber Rocha e se tornou depois mulher de Júlio Bressane e Rogério Sganzerla, cintilâncias do Cinema Marginal. Certo dia entrou em crise,

Norma Bengell:
atrevido em
celulóide nacional

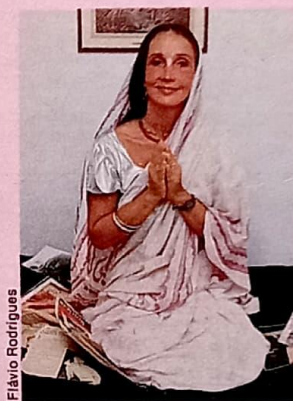


Embralline

A compleição
séria de
Cacilda Becker.
Talentos que
deu o que falar



Abri



Flávio Rodrigues



Abri



Abri

*Odete Lara
(à direita),
provoca a
libido com
sophisticção,
Leila Diniz
(abaixo) e
seu jeito
livre-natural...*



Fernando Pimentel/Abri



Ademar Veneziano

*Estrelas que trocaram
de fé: a hare krishna
Helena Ignez (à esquerda)
e a pregadora Darlene
Glória (à direita).
Hoje brilham em
outro firmamento*



Abri

abandonou a carreira e foi correr mundo. Pouco se falou depois dessa atrevida, loura e caprichosa estrela fundamental. Mas quem esquece a fatal namorada do Bandido da Luz Vermelha, de botas de cano longo e minissaia? Segundo o crítico Luis Nazário, "Helena não se satisfaz em ser amada como símbolo e concebeu a idéia de traição". Por isso traiu o líder do Cinema Novo com os líderes do Cinema Marginal. Justamente com os filhos que se sublevaram contra o pai.

Os anos 60 trouxeram, junto com as promessas revolucionárias, todo um time de rostos e corpos misteriosos, independentes, provocantes, doces, agressivos nas telas, como os de Irene Stefânia, Márcia Rodrigues, Maria Lúcia Dahl, Adriana Prieto e outras atrizes de postura contraditória e inquietante como a própria época. Mas apenas uma delas transcendeu radicalmente a fotogenia e tornou-se o grande símbolo feminino da transição da festa dos anos 60 para a ressaca dos anos 70: a libertária musa carioca Leila Diniz, interpretada recentemente por Louise Cardoso no filme de Luiz Carlos Lacerda. Confirmando que as es-

trelas de brilho muito intenso apagam depressa, Leila, a *natural woman* que gostava de posar grávida, morreu em 1972 após uma vida que simbolizou toda a inteligência e o tesão não afogados pela burrice pátria.

A censura do regime militar não viu com bons olhos os tipos femininos contestadores. Por isso despolitizou o cinema, deixando o campo livre para os dramas ufanistas históricos e, principalmente, para a pornochanchada, com seu peculiar sistema de produção, sua vulgaridade ingênua e suas musas *made in* rua Aurora, com alguma celulite e sem nenhum pudor. Tudo parece um açougue, mas há aquelas que extrapolam o gênero em si, como Helena Ramos e Aldine Müller, ou todo o harém existencial de Walter Hugo Khouri. A brasilibido continua solta nos suspiros de atrizes como Rossana Guesa e nos olhos etéreos de Selma Egrei, mas contida agora em freios muito apertados. Tematicamente as pornochanchadas reforçam todos os valores tradicionais. Visualmente, admitem até bum-buns na tela, mas jamais o nu frontal. Cada vez aumenta mais a hegemonia da telenovela, essa instituição nacional que vende sabão em pó, ideologia e, acima de tudo, mulheres que vão para o cinema, como Sônia Braga, que após viver Jorge Amado, transar com um ônibus inteiro e contracenar com Marcello Mastroianni e William Hurt, se transformou na diva oficial do Brasil nos EUA. Ou como Lucélia Santos, Christiane Torloni, a sardentinha Débora Bloch, Fernandinha Torres... Mas pode um meio dessacralizador, vulgar de doméstico como a televisão gerar mitos? Enquanto isso, outras estrelas são mais premiadas que o próprio cinema e agradam à exigente clientela de Berlim, como Ana Beatriz Nogueira (*Vera*) e Marcélia Cartaxo (*A Hora da Estrela*). A *blondie* Carla Camuratti, de roupas negras, simboliza, como Shirley Sombra (*Cidade Oculta*), a garota gostosa urbana que somente o eixo Rio-São Paulo é capaz de engendrar, revivendo o mito da cantora fatal como

Fernanda Torres:
talento
hereditário
e repleto de
apelo erótico



Isabel Garcia



H. B. Filmes



Fernando Seixas/Abril

paródia e farsa. Isso sem falar da *ex-pretty baby* Lidia Brondi, que encarna a musa infantilizada que todo homem sonha carregar no colo, e de Myriam Rios, com sua carinha de interiorana meiga. Qual outro cinema do mundo possui mulheres tão belas, tão variadas? Mais do que em qualquer proposta, o cinema nacional continua forte nesse campo, produzindo obscuros objetos para todos os paladares.

Antonio Querino Neto



Ricardo Chvalic/Abril

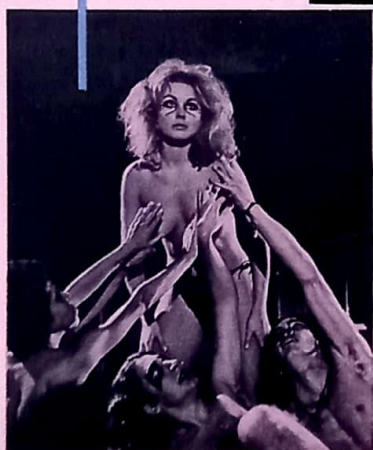


*A deusa da
pornochanchada,
Vera Fischer,
evolui para a
mãe incestuosa
de Amor
Estranho Amor
e depois é
promovida a
mamaezinha do
Brasil pela
novela das oito*



Embratime

*Sônia Braga (acima):
a diva produto
de exportação,
a engraçadinha
Lucélia Santos
(à esquerda),
e vamp-neguinha
Zezé Motta (abaixo)*



Abril

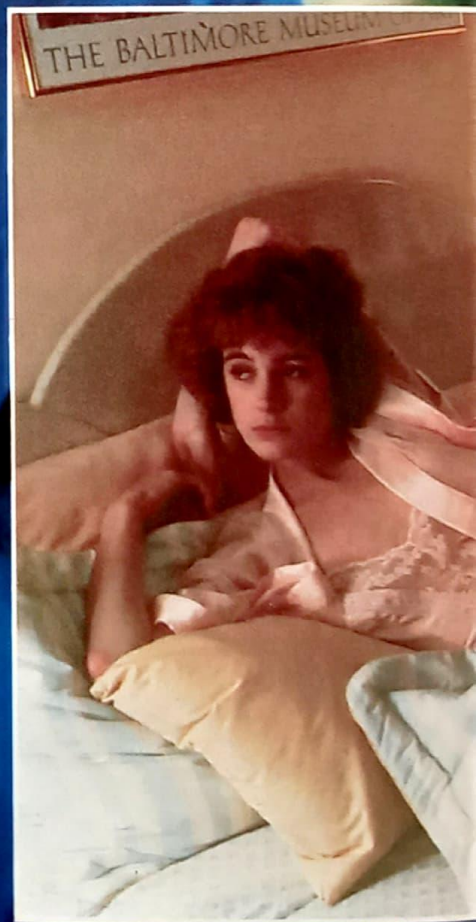


J. R. Duran

*Carla Camuratti:
erotismo urbano,
pesado, dark e
irresistível*



Paulo Vasconcelos/WEA



SEAN YOUNG

A morena impossível, que trava os maxilares da platéia e alforria a imaginação erótica de todos e todas, arrebentou o limite da tolerância libidinal em Sem Saída. Em Blade Runner, Harrison Ford topou a celestial tarefa de ensiná-la a beijar e abraçar. Em Wall Street, fez uma ponta esquisita. Conheça-a



Harrison Ford exigiu, ordenou. Ela tinha que pedir. "Beije-me, abrace-me..." Ele não se fez de rogado e, na miséria afetiva do futurismo de *Blade Runner*, ensinou àquela deliciosa replicante os prazeres da carne e do coração. Agora, em *Sem Saída*, ela não teve que pedir coisa alguma. Kevin Costner de um lado e Gene Hackman do outro disputavam os seus encantos com a unanimidade dos espectadores. 29 anos, em plena forma e charme, Sean Young passou por Londres o mês passado para promover *Sem Saída* na Europa. De Susan Atwell, sua personagem no filme, ela guarda o sorriso e a disposição: "Sempre quis ter um papel importante, já estava ficando impaciente. *Sem Saída* foi um presente para mim. Kevin Costner também me queria para o papel e me deu muita força".

Trabalhar com Costner, que já desfruta das glórias dos grandes ídolos do cinema, não intimidou nem um pouco a atriz que havia sido recusada para um papel em *Caçadores da Arca Perdida* ("tinha certeza de que o papel seria meu, foi um choque, mas desde aquele dia aprendi que quem escolhe o ator é o diretor e não o inverso"). Como ela mesma conta: "Trabalhar com Kevin foi bastante encorajador". Mas como é que se sente uma atriz do porte de Sean ao ser recusada? "As razões para ser recusada não têm muito a ver com a atuação. Às vezes a cor dos meus olhos, minha altura... Fiquei menos inocente a esse respeito."

Fotos Fox

Quanto a dinheiro, ela não se preocupa. "Vivo com um salário e o que ganho é investido seguramente. Essa imagem de que uma atriz deve gastar sua grana com roupas não tem nada a ver comigo. Prefiro aulas de dança e canto, além de comprar livros." Mas Sean passou um certo aperto no início de sua carreira de nove anos. Recorreu a comerciais. Depois veio *Stripes*, ao lado de Bill Murray, *Blade Runner*, e aí embalou. "Neste momento estou de férias (acabou de fazer *Boost*, ao lado de James Woods, sobre um casal que se envolve gravemente com drogas), mas depois de *Sem Saída*, comecei a receber mais propostas, as

peças me mandam diversos roteiros. Isso nunca me aconteceu antes!"

Não poderia dar outra. Quem vê o filme se apaixona de cara por Susan. "É que ela não se sente completa sem um homem ao seu lado, o que é uma atitude bastante comum entre as mulheres, hoje em dia. Por isso acho que o público simpatiza com ela", teoriza a atriz. "Desde o primeiro encontro ela está pronta para se envolver com Tom (Costner). A cena da limusine (uma transa alucinante com o carro em movimento, bem no começo do filme, em que Costner e Sean se amam com a paisagem noturna de Washington passando ao fundo) foi muito difícil porque para funcionar tinha de deixar claro que Susan realmente queria estar ali. Dei a Susan um ar jovial, insolente e às vezes engraçado. Ela não é má, não queria ser uma vítima, mas é vítima de si mesma."

E o fato de Susan ser elimina-



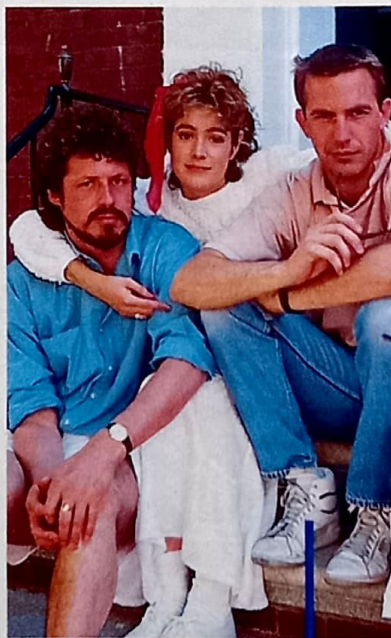
Gamma Sigla

da no meio do filme, assassinada? "Eu gostei disso. Faz com que o público sinta falta dela, fique revoltado com sua morte. Kevin e eu conversamos muito sobre isso. Ele ficou com uma enorme responsabilidade de não deixar a peteca cair depois disso. Ficamos preocupados com a possibilidade de o filme perder o ritmo. Ele tinha de ser obsessivo, tinha que mostrar que amava Susan incessantemente."

Agora a indústria do cinema está mais próxima de Sean, que começou sua carreira no Kentucky, formou-se na Universidade de Nova York e só conseguiu boas experiências profissionais anos mais tarde. "Em *Blade Runner* fiz um bom trabalho porque tinha Ridley Scott tomando conta do meu personagem. Um bom diretor é importantíssimo para mim." Uma grande lição ela aprendeu com Kevin Costner: "Sou uma pessoa que gostaria de trabalhar o tempo todo, mas Kevin me disse uma verdade: 'Se quiser fazer um bom trabalho, deve trabalhar menos frequentemente'. Tenho mais confiança porque trabalhei com gente que acreditou em mim".

E agora, quais são seus planos? "Agora? Estou empenhada em fazer uma comédia musical. Algo bem mais leve. Acho que é uma atitude que está na natureza do artista: fazer algo diferente. Atores querem ser cantores, cantores querem ser dançarinos, e os dançarinos querem largar a profissão."

Eva Joory,
de Londres

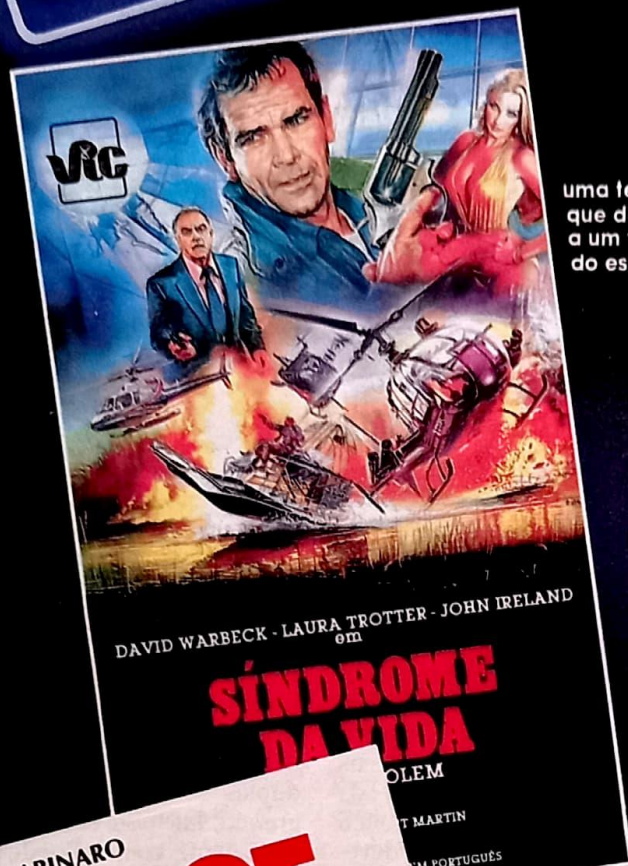


A replicante de *Blade Runner* no alto, à direita. Acima, com o ator Kevin Costner e o diretor de *Sem Saída*, Roger Donaldson. À esquerda, com o ator Will Patton



NÓS CHEGAMOS!

E TROUXEMOS TRÊS SUPER PRODUÇÕES
DE 1987 PARA VOCÊ.



uma terrível experiência,
que dá nova vida
a um velho matador
do espaço...

ninguém
poderá enfrentar
sua fúria.



VOCÊ NUNCA VIU TANTA QUALIDADE.

EM TODOS NOSSOS LANÇAMENTOS, UM GRANDE
NÚMERO DE ATORES E DIRETORES CONSAGRADOS.
VARIEDADE DE GÊNEROS, PRODUÇÕES RECENTES
E EXCLUSIVAS, É O COMPROMISSO QUE NÓS
ESTAMOS ASSUMINDO COM VOCÊ.

PREFIRA VIC-VIDEO,
NÓS DESDE JÁ LHE AGRADECEMOS,
E, FIQUE CERTO DE QUE VOCÊ NÃO FICARÁ
DESAPONTADO.

CERTAS COISAS NA VIDA, SÃO TÃO SIMPLES,
QUE NÃO EXISTE FORMA DE COMPLICÁ-LAS.

vic-video produções Ltda.
A SUA MELHOR OPÇÃO



rua ministro de godoi, 595 - 05015
perdizes - são paulo sp - telefones: (011) 262-3521 e 62-3694



INTERVISTA DE FELLINI

O cineasta de Rimini entrega ao mundo uma fantasia delirante sobre Cinecittà e sobre o próprio cinema, povoada de camelos de verdade e elefantes de pano e coroada com o reencontro entre Mastroianni e Anita Ekberg

Intervista é o 23.º filme do mestre Federico Fellini (Rimini, 20/1/1920). É um *filmetto*, como o define o mago de Cinecittà. É uma entrevista de Fellini para um público mundial de admiradores e para a história do cinema. E é também uma fantasia, plena de inteligência, graça e capacidade de nostalgia. *Intervista* venceu o Grande Prêmio do Festival de Moscou-87. Ganhou um prêmio inventado à última hora pelo júri de Cannes. Fez extremo sucesso nos festivais de Locarno e Montreal. Foi projetado em sessões especiais para políticos do governo italiano, causando, na sequência, uma cascata de referên-

cias carinhosas. Finalmente, no início de outubro, *Intervista* entrou em cartaz em toda a Itália. Fellini — ao qual é sempre penoso largar seu laboratório permanente de sonhos e domicílio ocasional, o Teatro 5 de Cinecittà — até veio a Milão apresentar *Intervista* para seus “amigos jornalistas”. Antes da projeção, e de uma conversa com o mestre, sem dúvida todos deveriam estar com a mesma pergunta na cabeça: como se concede — e como se conduz — uma entrevista a propósito de um filme cujo título é, justamente, *Intervista*?

Sim, a história desse *filmetto* envolve uma série infindável de jogos de espelhos. Começou como um *TV-movie*. Depois passou a entrevista a uma equipe da TV japonesa. Depois, um documentário. Depois, um filme para a TV. Finalmente assumiu sua forma definitiva: um filme destinado ao cinema. O título também “viajou”: de *A Entrevista para Diário de um Diretor de Cinema*, depois *Notas de Federico Fellini* e finalmente *Intervista*.

A expectativa é encontrar um daqueles afrescos barrocos fellinianos onde tudo se entremescla, como um michelangellesco Juízo Final da imaginação. Não é o que acontece. *Intervista* desenrola-se como uma brincadeira, como um fil-

me sendo girado sobre um diretor que está pensando como girar um filme, em um *feeling* de improvisação, camaradagem de set, até que, de repente, a magia se intromete... E nós, espectadores, passamos do real à ficção e desta à ficção de uma ficção. Os espelhos se refletem, os duplos se unem, e, nesse playground, *Intervista* começa a passear lentamente, como o bonde que pela primeira vez trouxe o jovem Fellini a Cinecittà, nos anos 40.

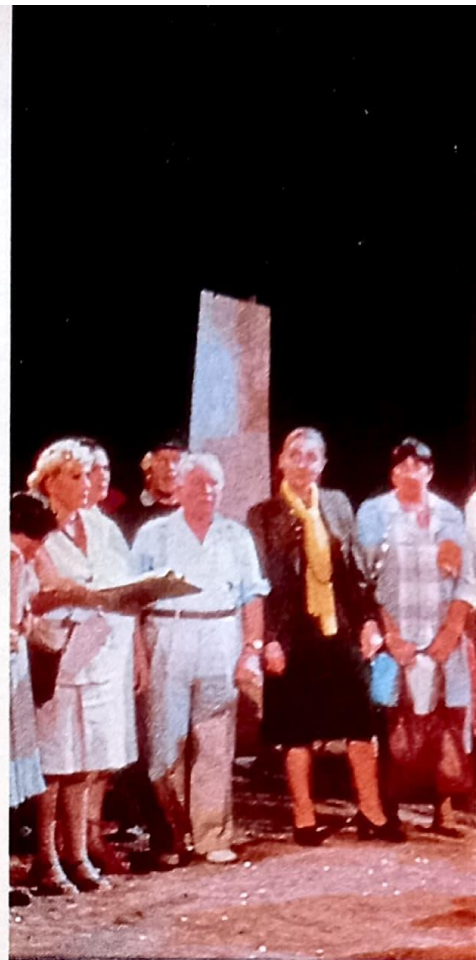
Acompanhamos Fellini hoje e seu duplo — Fellini aos 20 anos de idade (Sergio Rubini). O Fellini diretor está concedendo, em fragmentos, *in progress* durante seu trabalho, uma entrevista a uma equipe da TV japonesa (o que eles querem saber mesmo é sobre a pré-produção da versão felliniana de *América*, de Kafka, projeto que o mestre ainda pretende levar à frente). Inevitavelmente, Fellini recorda sua primeira visita a Cinecittà, quando era um jovem jornalista, em 1940. Fellini, jovem, chega no bondinho azul, desce... e está no mundo com que sempre sonhou, “a cidade onde estavam as divas belíssimas, os atores bravíssimos, os diretores poderosos, os refletores cegantes, os edifícios de cartolina...”

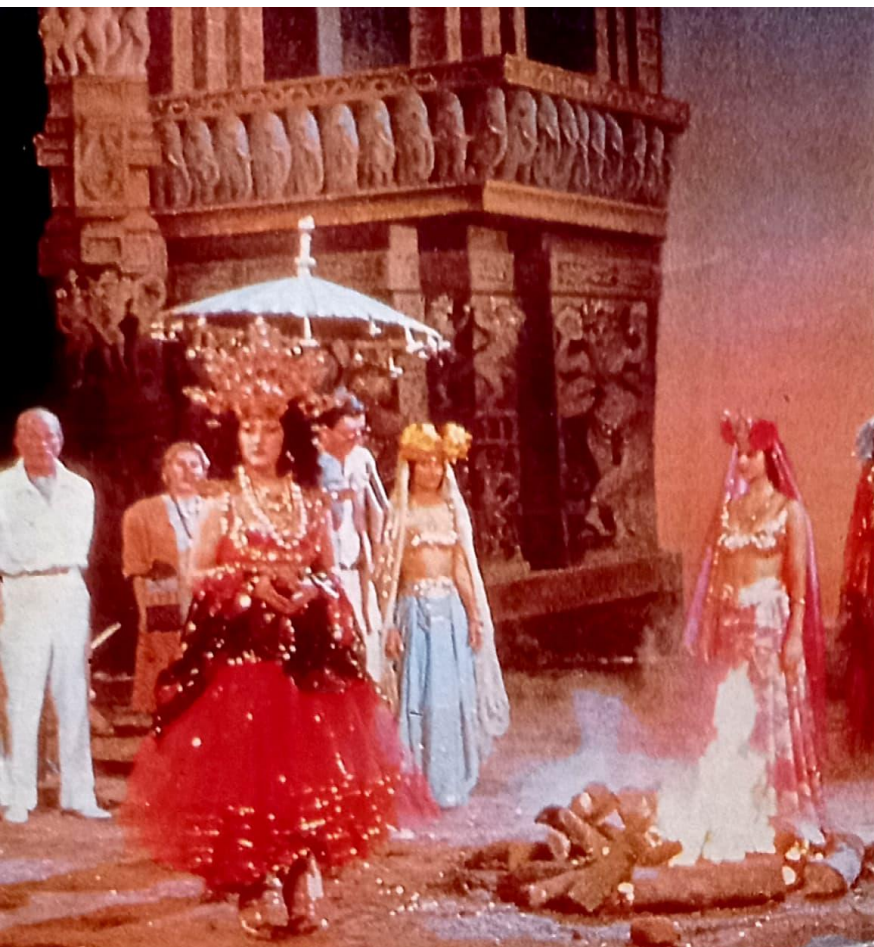
É assim que tudo se entremescla — as criaturas imaginárias de Felli-

Na Cinecittà de sonho que Fellini mostra à equipe de TV japonesa, há até um elefante de pano



Foto Kiba





ni, a sua visão nostálgica da Cinecittà do passado, os personagens nos sets atuais, figurantes, técnicos, os *soundstages*, figuras mussolinianas, damas melancólicas de negro, a Cinecittà "real" e a Cinecittà "de cartolina" (fábrica de sonho dentro de um sonho de fábrica de sonho...), bandas, paradas, elefantes de pano, camelos de verdade... E, no meio destes elementos de filme dentro de filme dentro de filme — ao infinito... —, os japoneses da TV, que com sua câmera e seu microfone assumem para Fellini a dimensão de marcianos, os pequeninos homens-mídia de um universo distante...

Na interpolação "de fato" e nostalgia, chegamos a dois momentos básicos, dos mais emocionantes na história do cinema contemporâneo. Fellini está filmando por Cinecittà quando, de repente, por uma janela, aparece ninguém menos que Marcello Mastroianni, vestido de Mandrake (estava girando um comercial, em outro estúdio...). Ora, a imaginação do mestre saltita e na "viagem" subsequente, para a campanha, Federico arma a surpresa: vai arquitetar, na tela, 25 anos depois, o reencontro de uma das mais incandescentes duplas da história do celulóide: Marcello e a bomba sexy blonde

Anita Ekberg, em *La Dolce Vita*. Chegam à casa de campo de "Anitona": ela, enorme, ainda impressionante, vivendo de memórias, recebe Federico e de dentro do carro sai Mandrake, ou melhor, Marcello. Anita quase desmaia, conversam, rememoram, as lágrimas de emoção, na tela e na platéia, são quase inevitáveis...

O bondinho azul continua via-

jando, sacolejando. É uma caravana, no Velho Oeste. E a caravana vai ser assaltada ao amanhecer. Fellini e sua equipe estão dentro da caravana, esperando. E vem o ataque dos "índios": os índios, sub-repticiamente, ao amanhecer, atacam a caravana do cinema com antenas de TV... É uma cena de absoluta genialidade conceitual — o emblema de todos os *mixed feelings* do cineasta Fellini em relação à devastação cultural via tela pequena. Recupera o tema de *Ginger e Fred* — a TV como braço armado do barbarismo contemporâneo. Ao mesmo tempo, *Intervista* é produzido pela RAI, a TV estatal italiana...

Muito bem. A questão continuava. Como fazer a entrevista de *Intervista*? (Em Cannes, Fellini não deu nenhuma entrevista sobre o filme.) Fellini, como sempre, conversou com todos naquele seu mix de semiconfidência cálida e semi-recusa rigorosa. Sobre o filme, esquivou-se, é claro: era o *filmetto*, aquele objeto que "já adquiriu vida própria, e agora passa a pertencer a vocês, o público: eu não sei mais se invento os episódios da minha vida ou se simplesmente narro os que inventei nos filmes como se fossem verdadeiros. Se me engano ou vou longe demais, por favor me avisem". Rimos, o que mais? É a

No universo
mágico de
Intervista,
Mastroianni
vira ninguém
menos que
Mandrake



generosa "confissão" de um dos mais fabulosos construtores de mitologia pessoal desta época.

O mestre reclamou das substituições para *Intervista* — e da dublagem para o inglês: "É uma operação telegráfica, redutiva. Como é possível fazer um espectador estrangeiro entender o sentido do filme, que é de um magma, um caos, uma confusão polifônica? É muita gente falando, que frase deve ser privilegiada?" (*Intervista*, note-se, é um filme basicamente "romano", falado no dialeto local, em superposições às vezes impenetráveis).

Maestro, e este título explosivo? "Os títulos me vêm de repente, como uma pequena iluminação que abre caminho para o resto da estrada. Eu queria chamar *Intervista* assim mesmo, mas em japonês. Eu achava que a tradução da palavra daria um vocábulo cabalístico e suave do tipo Ra-shomon... Mas é uma pena, *intervista* em japonês é *interview*..."

Todos querem saber o que Fellini fará a seguir: trabalhar com a RAI, ou com a cadeia do Silvio Santos peninsular, Berlusconi, ou com o teatro La Scala, ou com moda (ele desenhou o poster da feira de moda milanesa, em outubro), se vai ao Brasil para um festival de cinema (não pode confirmar...). Todo mundo — do mundo inteiro — quer Fellini: "A Arena de Verona me pediu para dirigir um *Turandot* com Pavarotti, na China. Eu iria para

a China, para ficar junto de Pavarotti, mas jamais para dirigir uma ópera. A ópera me é estranha, como as procissões, os cortejos, o Exército, tudo aquilo que é ligado às multidões. A única maneira na qual eu poderia me ocupar de uma ópera seria tirar a baqueta de Karajan e posar de maestro, aí talvez tivesse um sentido. Caso contrário, não entendo como um diretor de cinema possa se ocupar de uma coisa tão volátil, que muda toda noite com os humores dos cantores, da orquestra, a casualidade cotidiana".

E o *America*, de Fellini, finalmente levantará vôo? É difícil dizer. Fellini brinca, desconversa, tem — como todo mundo sabe — vários projetos em andamento que vai arastando consigo, eles ficam dormindo, Fellini os observando ironicamente, quem sabe um dia se realizem, quem sabe permaneçam eternamente uma fantasia. Nunca se sabe quando Fellini está fantasiando ou não. Mas ele, na aparência, tem alguns projetos definidos: "Quero rodar filmes como *Intervista*, para falar, mais uma vez, de mim mesmo, o que sempre faço. Poderia fazer um, por exemplo, para explicar por que não consigo entender ópera, a forma mais popular de arte italiana. Poderia fazer um outro sobre outra impossibilidade, a de filmar nos Estados Unidos, ou sobre o meu desejo de filmar a América em Cinecittà. Uma vez quase que deu certo. Eu tinha proposto a produtores americanos um filme ba-

seado em narrativas de Raymond Chandler, mas rodado na Itália. Tinha quase convencido uma bela do tipo da Ava Gardner, que era na época vice-presidente da Columbia, mas depois dei para trás, por preguiça..." Filmar nos EUA Fellini considera impossível: "É preciso ser da Europa central, e judeu, como Lubitsch, como Polanski. Mas eu, eu sou de Rimini, dos outros países não conheço nem mesmo os odores, os gestos, as emoções".

Só que o incenso do planeta inteiro continua caindo sobre o velho mestre de Rimini, um simpático senhor de idade, com seu casaco, a *écharpe* de lã, o chapeuzinho, o Fellini look sobre os óculos grossos e os cabelos brancos, a voz paternal com uma ironia sutilíssima de fundo que, quando percebida, nos dá frêmitos de prazer. Fellini e sua Giulietta: existe um casal de idade mais simpático? Mas a questão seguinte é como Fellini reage aos incensos e eventuais críticas: "Os elogios me dão um grande prazer. Mas devo admitir que, por causa de um certo masoquismo, eu tendo a acreditar em quem fala mal de alguns de meus filmes. É um complexo de inferioridade católico. Afinal, eu nunca respeitei as regras: nem como estudante, nem como marido, nem como cidadão, nem como soldado. Nunca fiz o meu "dever", e essas coisas um dia se pagam, mais cedo ou mais tarde. Todas essas amplificações sobre o meu trabalho, na verdade, me deixam perplexo. Eu não faço o gênero felliniano deliberadamente. Eu vejo as coisas desse jeito. Esses rostos todos, com os quais as pessoas se assustam... É só olhar no metrô. Nós vivemos rodeados de rostos que exprimem tudo — egoísmo, frustração, irresponsabilidade, velhice, morte. Claro que todos esses rostos juntos, dentro de uma mesma história, têm que provocar reações".

É o mestre volta e revolta sobre si, do metrô que pega todo dia para o trabalho (desce na estação de Cinecittà) à direção da "seqüência dos índios televisivos". Mas na sua *Intervista*, maestro, o senhor é contra o quê? "Contra a absoluta, veemente banalidade de tudo que nos rodeia". E la nave felliniana va...

Pepe Escobar,
de Milão

Mastroianni,
Anita Ekberg
e Fellini:
o reencontro
25 anos
depois de
La Dolce Vita

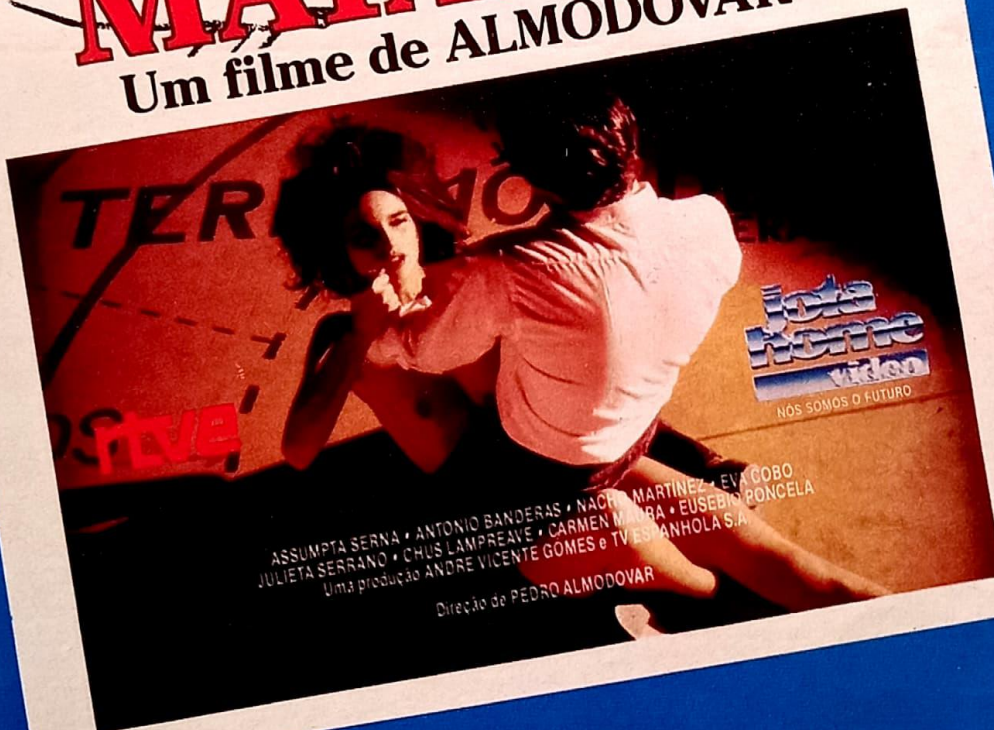


MORTE E PRAZER



MATADOR

Um filme de ALMODÓVAR



ASSUMPTA SERNA • ANTONIO BANDERAS • NACHO MARTINEZ • EVA COBO
JULIETA SERRANO • CHUS LAMPREAVE • CARMEN MARRA • EUSEBIO PONCELA
Uma produção ANDRÉ VICENTE GOMES e TV ESPANHOLA S.A.
Direção de PEDRO ALMODÓVAR

Eighty-Second **VARIETY** Annual



THANKS

THE LOS ANGELES
FILM CRITICS ASSOCIATION

FOR HONORING

PEDRO ALMODÓVAR

RECIPIENT OF

THE NEW GENERATION AWARD

Relacionado entre os grandes gênios fora de sua época como Picasso, Woody Allen, Steven Spielberg, Pedro Almodóvar foi reconhecido pela Associação de Críticos de Cinema dos Estados Unidos, premiado como o melhor diretor revelação de 1987.



NÓS SOMOS O FUTURO

JOTA HOME VÍDEO

Av. Marechal Câmara, 160 • grupo 1422
CEP 20020 • Rio de Janeiro • RJ
Tels.: (021) 262.6659 • 262.3530

RICOS E FAMOSOS

O mais recente ranking dos maiores salários do cinema, publicado pela revista financeira americana Forbes, confirma a ascensão dos astros negros Cosby e Murphy e dos jovens Cruise e Fox. Stallone em baixa, Schwarzenegger em alta, nenhuma mulher no páreo... Acompanhe as tendências desse frenético mercado

OS ATORES QUE MAIS GANHARAM EM 1986 E 1987
(EM MILHÕES DE DÓLARES)

		1986	1987	Total
1	Bill Cosby	27	57	84
2	Sylvester Stallone	53	21	74
3	Eddie Murphy	23	27	50
4	Arnold Schwarzenegger	8	18	26
5	Paul Hogan	10	10	20
6	Tom Selleck	7	11	18
7	Bruce Willis	9	8	17
8	Michael J. Fox	8	9	17
9	Jack Nicholson	5	11	16
10	Tom Cruise	5	11	16

Há pouco mais de 50 anos, o ator mais bem pago da América era o grande John Barrymore, que levava para casa, anualmente, 150 mil dólares, o equivalente a cerca de 800 mil dólares de hoje, considerando a desvalorização da moeda. Uma bela cifra, não resta dúvida, mas Drew Barrymore, sua netinha de 13 anos, inesquecível intérprete de *E.T.* e de *Viagens Alucinantes*, recebeu nada menos que 500 mil dólares por seu último filme, *Irreconcilable Differences*. O que diria disso seu avô, que era muito invejoso da fortuna alheia? E qual seria sua reação se pudesse dar uma olhada nesta tabela dos atores que mais ganharam em 1986 e 1987, publicada pela revista econômica americana *Forbes*? De fato, são números assustadores, mesmo para os nossos dias, em que as cifras com nove zeros não causam mais arrepio.

É claro que estamos falando dos que estão no topo, ou melhor, no topo do topo do mundo do *show-business* americano, porque, segundo as estatísticas, dos 70 mil atores inscritos no Screen Actor Guild (o sindicato da categoria), 80% ganham menos de 5 mil dólares por ano. Isso quer dizer que passam fome, a menos que tenham outra fonte de renda. E só 3% dos atores recebem um salário líquido de mais de 50 mil dólares anuais. Entre esses, é claro, estão os dez homens da tabelinha.

Não por acaso, são todos homens, confirmando a tendência dos últimos anos em que os filmes de maior sucesso têm protagonistas masculinos. Para encontrar a primeira atriz da lista seria preciso descer até o 12.º lugar, onde se coloca a bela e talentosa Jane Fonda. Sintomático também é o fato de que três dos "dez mais" — Bill Cosby, Tom Selleck e Bruce Willis — devem sua imensa popularidade sobretudo à televisão. São justamente os protagonistas das séries de maior sucesso na TV americana, respectivamente o *Bill Cosby Show*, *Magnum* e *A Gata e o Rato*. A excepcional audiência de seus pro-

1

BILL COSBY

O ator negro cinquentão é ativo no mundo do espetáculo há duas décadas, mas nunca deu muito certo no cinema, embora tenha aparecido em diversos filmes (o mais conhecido é *California Suite*, de 1978, em que contracenava com Jane Fonda e Michael Caine). Em compensação, conheceu um imenso sucesso com algumas séries de TV e particularmente com o *Bill Cosby Show*, que há três anos lidera a audiência de TV nos EUA (no Brasil, o programa é transmitido pela Rede Bandeirantes).



Gamma-Liaison Sga

2

SYLVESTER STALLONE

Depois de 1985, que foi o ano de ouro do ator (com *Rambo II* e *Rocky IV*), Stallone experimentou um ligeiro declínio em 1986 e 1987 com os limitados sucessos de *Cobra* e de *Falcão*, o *Campeão dos Campeões*. Muita expectativa cerca, portanto, *Rambo III*, que ele acabou de rodar no início do ano, em Israel. E já está pronto, esperando na gaveta, o roteiro de *Rocky V*. Com esses dois filmes, Stallone joga pesado para voltar ao topo das listas de maiores bilheterias.

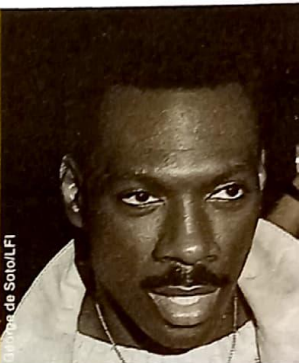


Gamma-Liaison Sga

3

EDDIE MURPHY

Se se exclui o pouco visto *A Melhor Defesa É o Ataque*, Murphy só conheceu sucessos estrondosos desde sua explosiva estréia em 1982 com *48 Horas*, ao qual se seguiram *Trocando as Bolas*, *O Rapto do Menino Dourado* e os dois *Um Tira da Pesada*. E o êxito continua com *Raw*, atualmente em exibição nos Estados Unidos, que documenta as exibições teatrais do ator ao vivo, sob a direção do cineasta negro Robert Townsend.



Gamma-Liaison Sga

4

ARNOLD SCHWARZENEGGER

Inteligente, astuto, calculista, o ator austríaco naturalizado americano construiu com sagacidade sua carreira com base no seu físico imponente. Passou assim de *Conan*, o *Bárbaro* ao herói taciturno, mas irônico, de *Comando para Matar e Predador*. Atualmente pode ser visto na ficção científica *The Running Man*, enquanto não é lançado *Red Heat*, um policial em que ele representa um agente russo em ação nos Estados Unidos.



Sipa Press

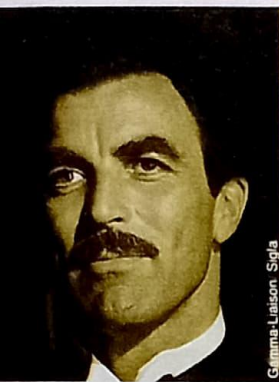
5

PAUL HOGAN

Até dois anos atrás ele só era conhecido na Austrália, onde era o protagonista de um telefilme de sucesso. Mas tornou-se uma figura popularíssima depois do surpreendente êxito de *Crocodilo Dundee*, o filme mais visto de 1987 em todo o mundo. Naturalmente, já está pronta a sequência, *Crocodilo Dundee II*, que deverá ser lançada nos próximos meses nos EUA e na Europa.



Sipa Press

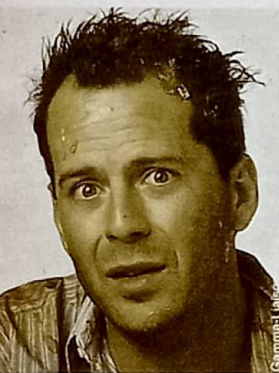


Gamma-Liaison - Sigla

TOM SELLECK

Foi o primeiro ator escolhido por Steven Spielberg para o papel de Indiana Jones em *Os Caçadores da Arca Perdida*, mas preferiu continuar na série televisiva que o havia tornado famoso. Mesmo assim, o cinema continuou em seus planos. Seus primeiros filmes, como *Runaway* e *High Road to China*, não foram bem-sucedidos, mas atualmente ele brilha no maior êxito de bilheteria da temporada americana, *Três Homens e um Bebê*.

6



Gamma-Liaison

BRUCE WILLIS

Deve a sua notoriedade quase exclusivamente à série de TV *A Gata e o Rato* (exibida no Brasil pela Rede Globo), na qual contracena com a belíssima Cybil Shepherd. No ano passado enfrentou também o cinema com resultados mais que satisfatórios, como *partner* de Kim Basinger em *Encontro às Escuras*. Em breve, será visto em todo o mundo como protagonista de *Sunset*, dirigido pelo mesmo Blake Edwards.

7



Adobe - ILFI

MICHAEL J. FOX

Lançado pela série televisiva *Caras e Caretas* (exibida no Brasil pela Rede Globo), o pequeno ator decolou depois para o sucesso cinematográfico com o divertidíssimo *De Volta para o Futuro* e com o simpático *O Garoto do Futuro*. Após o pequeno escorregão de *Light of Day*, de Paul Schrader, Fox voltou a brilhar com *O Segredo do Meu Sucesso*, um dos filmes mais vistos em 1987. E em breve ele aparecerá em *Casualties of War*, de Brian De Palma.

8



Gamma-Liaison - Sigla

JACK NICHOLSON

Em trinta anos de carreira, Jack Nicholson conquistou um justo reconhecimento internacional como um dos melhores atores do cinema contemporâneo. Nos últimos anos, conseguiu conciliar o respeito da crítica com o sucesso de público, com suas participações sempre muito especiais em filmes como *A Honra do Poderoso Prizzi*, *A Dificil Arte de Amar*, *As Bruxas de Eastwick* e o recente *Ironweed*.

9



Superpress

TOM CRUISE

Entre os numerosos garotos-prodígio que invadiram o cinema americano nos últimos anos, Cruise é o que conseguiu maior êxito popular e financeiro, graças, principalmente, aos campeões de bilheteria *Ases Indomáveis* e *A Cor do Dinheiro*. Seu primeiro sucesso aconteceu em 1983, com *Negócio Arriscado*. Este ano Cruise será visto no papel de um *barman* em *Cocktail*.

10

gramas permite a Bill Cosby faturar 250 mil dólares por episódio e a Tom Selleck abocanhar 100 mil mais uma porcentagem sobre os ganhos com publicidade. A esses rendimentos acrescentam-se, como numa reação em cadeia, os lucros provenientes da popularidade do ator, como contratos publicitários, aparições em outros programas televisivos, participações em cerimônias etc.

Quanto aos outros sete, astros do cinema propriamente dito, são os atores que, com seus filmes, dominaram as listas de maiores bilheterias dos últimos anos. Stallone, com os vários *Rocky* e *Rambo*, fez centenas de milhões de dólares nas bilheterias de todo o mundo. Eddie Murphy foi o grande dominador das últimas temporadas. Schwarzenegger se impõe como o mais ameaçador antagonista de Stallone. Paul Hogan, ator australiano de telefilmes, tornou-se um homem de ouro da noite para o dia graças a um único filme, *Crocodilo Dundee*, que foi a maior bilheteria de todo o mundo em 1987. Há também os garotões Cruise e Fox, os mais amados e bem pagos do populoso batalhão de jovens atores do cinema americano. O outro cinquentão da lista é o extraordinário Nicholson, que nos últimos anos enfileirou uma notável série de filmes de sucesso, de *A Honra do Poderoso Prizzi* a *As Bruxas de Eastwick*.

Serão esses os homens de ouro também dos próximos anos? Provavelmente sim, porque cada um deles tem em preparação ou em andamento novos filmes que prometem ser os dominadores de 1988: de Paul Hogan, com *Crocodilo Dundee II*, a Stallone, com o esperado e conturbadíssimo *Rambo III*; de Eddie Murphy, com *Raw*, a Tom Cruise, com *Cocktail*; de Bruce Willis, com *Sunset* (de Blake Edwards), a Tom Selleck, cujo *Três Homens e um Bebê* já faturou cerca de 100 milhões de dólares.

Carlo G. Dansi, da Ciak, publicada no Brasil com exclusividade pela SET



Transworld Feature

JOHN WAYNE

O grande "Duke" foi o número um dos salários por cinco anos, de 1951 a 1955, e novamente em 1971, graças a Jake, o Grandão.



GARY COOPER

Mesmo não tendo estado nunca no topo das bilheteiras, o galã esteve sempre entre os dez primeiros entre 1937 e 1957.



AP

BING CROSBY

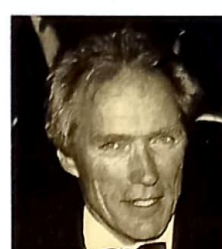
Campeão absoluto da segunda metade dos anos 40 com cinco primeiros lugares consecutivos graças a filmes como O Bom Pastor.



MGM

CLARK GABLE

Também para o "rei de Hollywood" um quinquênio de ouro de 1936 a 1940: são os anos de E o Vento Levou e outros filmes.



Gamma/Sigla

CLINT EASTWOOD

Na liderança em 1972, 1973, 1979 e 1980, conheceu nos últimos anos um ligeiro declínio, mas continua sendo requisitado.

TODOS OS MILIONÁRIOS DOS ANOS DOURADOS DE HOLLYWOOD

Um paralelo entre os ganhos dos deuses de hoje e os dos grandes astros do passado é impossível. Hoje os atores são livres para negociar (através de seus agentes) salários e comissões, escolher o tipo de contrato que mais lhes agrada, optar por um filme em detrimento de outro. Mas não era assim na época de ouro do studio system: mesmo quando fossem astros popularíssimos como Clark Gable, Bette Davis ou John Wayne, eles não passavam de empregados dos grandes estúdios, aos quais estavam presos pelos famosos contratos de sete anos. Podiam ganhar até 200, 300, 400 mil dólares (da época) por ano, mas faziam também dois, três ou quatro filmes em um ano, sem nenhuma possibilidade de escolher os roteiros, a menos que quisessem entrar em conflito com os grandes chefões — são famosos os atritos entre Bette Davis e Jack Warner, assim como as brigas de Katharine Hepburn contra a MGM.

De qualquer maneira, entre os mais bem pagos dos anos 30, merecem destaque Mae West, que em 1935 ganhou a bela soma de 480 mil dólares; Shirley Temple, que em 1937 faturou 305 mil dólares; e Bing Crosby, o número 1 de 1946, com 325 mil dólares. Depois, com o declínio do studio system, os atores começaram a negociar diretamente seus salários e assim, em 1959, Liz Taylor obtinha 500 mil dólares por De Repente, no Último Verão, e John Wayne e William Holden, no mesmo ano, abocanhavam 750 mil dólares cada um por Marcha de Heróis.

Causou grande furor, depois, o salário conquistado por Marlon Brando por seu papel em Superman: 2,5 milhões de dólares por doze dias de trabalho. A classificação publicada aqui diz respeito aos rendimentos acumulados no período de 1932 a 1980 segundo o Quigley Poll, e também ao ranking da popularidade publicado todos os anos pela associação dos comerciantes americanos.



Sipa

BOB HOPE

No topo por cinco anos, de 1941 a 1945, graças à popularidade da série Road to... e de filmes como Monsieur Beaucaire.



Gamma/Sigla

PAUL NEWMAN

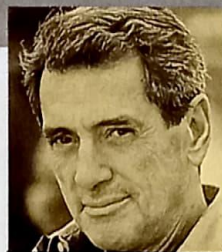
Até hoje em plena atividade, o astro Newman foi o dominador absoluto do quinquênio que vai de 1966 a 1970.



Universal

DORIS DAY

É a única mulher a fazer parte deste álbum de ouro, dominando no quinquênio 1961-1965 com comédias ao lado de Rock Hudson.



Gamma/Sigla

ROCK HUDSON

Dominador absoluto entre 1956 e 1960 graças a Assim Caminha a Humanidade e aos melodramas de Douglas Sirk.

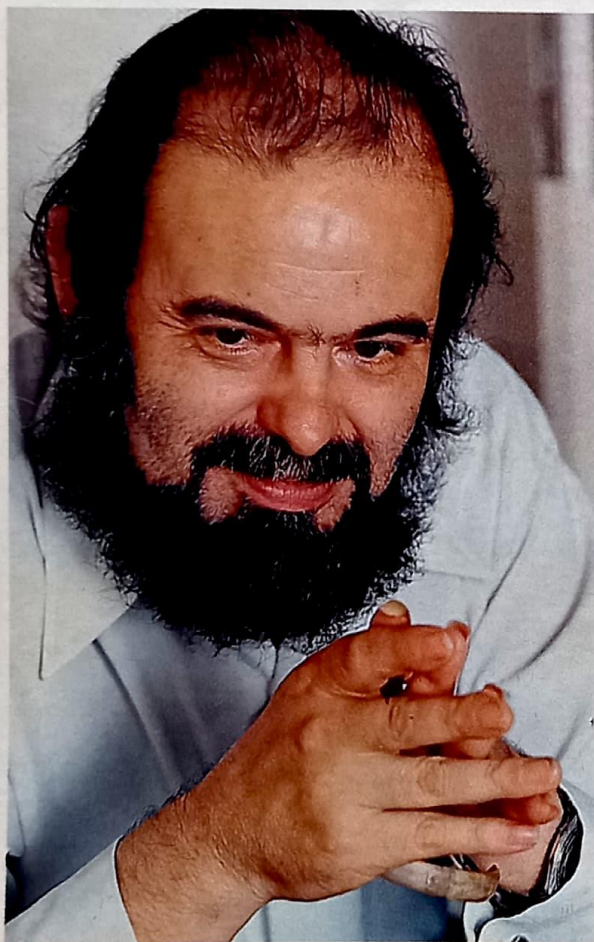


Gamma/Sigla

CARY GRANT

Como Cooper, também Cary Grant nunca foi o maior salário, mas entra no álbum pelas boas colocações sempre obtidas.

ZÉ DO CAIXÃO



Carlos Mancini/Azul

Prepare seu coração: José Mojica Marins trama a volta de seu horripilante personagem, em Encarnações de Lúcifer, com orçamento de um milhão de dólares. Aos 57 anos, Mojica conquistou produtores generosos e fama internacional. Com todos os demônios, um anjo da guarda ajuda esse Zé do Caixão

O cineasta paulista José Mojica Marins, 57 anos, prepara-se para rodar o desfecho de uma trilogia que tem tudo para ser clássica. Começou com *A Meia-Noite Levantei Tua Alma*, prosseguiu em *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* e deve se concluir até o final do ano com o título (provisório) de *Encarnações de Lúcifer*. O primeiro está sendo negociado para os mercados de homevídeo e circuito de salas de cinema em Portugal, Espanha e vários países da América Latina. No Brasil o vídeo (da Mundial) já é sucesso. O segundo, *Esta Noite...*, acaba de ser reliberado pela Censura Federal para maiores de 14 anos. Por isso será relançado em circuito comercial. O terceiro começa a ser rodado em maio. O roteiro traz a colaboração de Oddy Fraga, o papa da Boca do Lixo, em São Paulo, morto em agosto do ano passado. A produtora será a MASPE, que está bancando um orçamento vistoso de 1 milhão de dólares. *Zé do Caixão* está com tudo. Confira nesta exclusiva.

SET — Mojica, que tipo de garoto você era?

Mojica — Eu sou filho de artistas circenses, meu pai era toureiro na Espanha, minha mãe cantava tango. Eu já nasci meio agitado. Na minha infância fiz muitas viagens correndo o Brasil todo. Num dessas viagens, quando eu tinha três anos, fui raptado por um grupo de ciganos. Foi um corre-corre, minha mãe ficou desesperada. Depois, disse ela, exigi de meu velho que tivéssemos um lugar fixo para morar. Um tio arrumou então para que meu velho ficasse como gerente de um cinema que estava inaugurando em Vila Anastácio, São Paulo. Minha mãe montou uma *bonbonnière* no cinema e a partir daí (embora meu pai saísse para fazer umas touradas) a gente passou a ter uma residência permanente.

SET — Foi aí que começou seu interesse por cinema?

Mojica — Não, até aí eu ainda achava que ia ser toureiro. Eu

via o velho toureando, o pessoal jogando flores, moedas, lenços, as mulheres gritavam... Até que um dia surgiu uma vaca. Como eu já tinha uma capa de toureiro, resolvi então sair para pegar a vaca. Acontece que a bicha era violenta e não teve jeito. Tive de subir num poste e chamaram correndo meu pai para me tirar de lá. Logo após, a Sociedade Protetora dos Animais fechou as touradas, que passaram a ser proibidas no Brasil, e aí acabaram de uma vez por todas meus sonhos de toureiro.

SET — E então, como você chegou ao cinema?

Mojica — É uma longa história. Onde eu morava havia um batateiro. Ele vivia contando histórias sobre morte para as crianças, dizendo que quando as pessoas morriam iam lá para o céu, que tinha muitos bichos, que se podia falar com os bichos, que tudo era muito bonito. Este batateiro passava sempre aos berros, dando balas para a criançada que ia correndo atrás dele. Um dia ele morreu. No velório era a maior choradeira, todo mundo pedindo para que o homem voltasse, que só gente boa morria, aquela coisa toda. Num dado momento, o homem levantou. Levantou do próprio caixão, com os algodões nas narinas. A essa altura, correu todo mundo para fora. Até a esposa que estava pedindo que fosse ela no lugar dele, os filhos que rezavam para que ele voltasse, a mãe, o padre. Só ficamos eu e mais três garotos, quando ele levantou todo apavorado querendo saber o que tinha havido. Era catalepsia, uma coisa que na época ninguém conhecia. No final, ninguém mais queria comprar batatas do homem — até sua mãe já dizia que havia encarnado nele um negócio do demônio, a esposa pediu o desquite. Aquilo me traumatizou, eu vi que tudo é bonito quando a pessoa morre, mas, se ela volta, tudo fica muito diferente.

SET — Quando você fez seu primeiro filme?

Mojica — Aos nove anos, com



Pedro Gomes/Azul

uma câmera 8,5 mm (a antecessora do super 8) que ganhei. Chamava *O Juízo Final*. Eu era coroinha, o filme mostrava um fim do mundo influenciado pela minha vivência na Igreja. Um dia a juventude parava de pensar e surgia o que eu chamava de um desequilíbrio ecológico mental. As pessoas se transformavam em uma imensa massa cozida que ia se desfazendo, ao mesmo tempo que os vermes iam correndo.

SET — E seus filmes em 16 mm, você começou a fazê-los logo depois?

Mojica — Sim, quando tinha doze anos eu fiz minha primeira fita em 16 mm. São ao todo dezessete filmes em 16 mm e dois

em 8,5 mm.

SET — Como era o esquema de produção dessas fitas em 16 mm?

Mojica — Na época eu era adolescente e tinha muitas namoradas. De preferência eu escolhia aquelas que tivessem muitas irmãs. Então eu punha todas para trabalhar como atrizes, e os irmãos me ajudavam na parte técnica. O único problema é que, quando acabava o namoro, eu ficava de repente sem equipe.

SET — Qual foi sua primeira experiência de terror?

Mojica — Com quinze anos, eu vinha da Vila Leopoldina, havia brigado com uma garota, perdido a equipe. Estava com um amigo

Acima, o
legendário
Zé do Caixão;
na página
ao lado,
"à paisana",
seu criador,
José Mojica

e a moto enguiçou em frente ao cemitério da Lapa. Nessa época, os muros do cemitério estavam todos caídos e nós começamos a ver algo cintilar. Para nós eram os mortos que estavam se levantando, saindo. Hoje sabemos que é o fogo-fátuo. Chegamos à Vila Anastácio aos gritos de que os mortos estavam invadindo tudo. O pessoal acreditou no meu amigo que já tinha uns 17, 18 anos, e umas trinta pessoas correram ao cemitério para ver os tais mortos se levantando. Quando chegaram lá ninguém viu nada. No dia seguinte, eu fui à Igreja dos Congregados e o padre tentou me convencer de que eu estava alucinado. Meu amigo acreditou no padre mas eu não, eu tinha certeza do que havia visto lá no cemitério. Então, mais do que nunca, eu senti vontade de fazer fita de terror, exatamente para ver se tirava esse medo de dentro de mim.

SET — *Você então fazia cinema para exorcizar esse seu medo do sobrenatural?*

Mojica — Isso. Logo após, aos 18 anos, eu fiquei noivo, e havia um problema: como eu podia casar com uma mulher se eu era medroso? Ela via nas fitas uma coisa e eu era outra completamente diferente. Então eu tinha de tirar isso de uma vez da cabeça e tomei a decisão de ir ao cemitério da Consolação numa noite de sexta-feira. Pulei o muro com um terço e invoquei com muito medo os espíritos, dizendo que estava lá e que, se eles quisessem, podiam aparecer para dizer o que desejavam. No início, eu não via nada, mas de repente

eu vi uma espécie de dança de um só espírito. Eu queria fugir, mas resolvi ficar, dizendo as coisas que o pessoal havia me ensinado. Cheguei bem perto para ver, era um túmulo novo, com um rapaz que havia sido enterrado ali no máximo há dez dias. O fato de eu haver enfrentado aquilo me deu muita coragem e eu saí do cemitério assobiando "Maria Bonita", uma canção de Agostinho Lara, de muito sucesso na época. Quando saí de lá, fui ver o padre e lhe disse que dessa vez havia de fato visto um espírito. Ele me mandou para a Biblioteca Municipal, onde eu achei uma explicação para o que eu havia visto: o fogo-fátuo. Em dias de calor, os porcos, os bois que morrem na porteira soltam uma luz da gordura. No cemitério é a mesma coisa, isso eu já fui várias vezes verificar. Então eu achei que havia descoberto a América, um ovo de Colombo. O medo acabou. Eu era um homem novo. A partir daí eu achei que já era hora de parar com os filmes de 16 mm e passar para os de 35 mm.

SET — *Em sua primeira fita em 35 mm, Sentença de Deus, houve uma atriz que morreu. É verdade que em quase todos os seus filmes você enfrenta problemas com a morte de atores?*

Mojica — Não, isso foi uma coincidência. Nessa primeira fita, houve um problema com uma das atrizes que morreu quando foi tomar banho em uma piscina da Vera Cruz. Eu peguei uma outra atriz que era muito bonita mas que estava tuberculosa. Ela começou a fita, não pôde prosseguir. Eu tive de parar as filmagens e, depois de um certo tempo, ela veio a morrer. Ela morreu de tuberculose, eu não tive nada com o problema, mas aí o pessoal começou a juntar... foi um... foi outro... mas é que eu trabalhava com muita gente. Às vezes, eu tinha duzentas ou trezentas pessoas de figuração. O indivíduo saía, era atropelado porque ia mesmo ser atropelado, ou o marido matava a mulher,

mas, como ela estava na fita, então ficava debitado como sendo praga do Zé do Caixão.

SET — *Você diz que seu segundo filme, A Sina do Aventureiro, foi o primeiro cinemascopo feito no Brasil. Como você conseguiu isso?*

Mojica — Nós pegamos uma lente de cinema e adaptamos à lente e a coisa funcionou. Só os primeiros planos que ficavam um pouco embaçados. Mas a fita ficou boa e foi lançada no Cine Coral. Aqui em São Paulo a coisa correu bem, mas no interior os padres falavam nas igrejas para o pessoal não ir ver, porque era uma fita maldita. Meu terceiro filme, *Meu Destino em Tuas Mãos*, foi feito para os padres, que eram os grandes heróis da fita. Fizemos até uma sessão só para padres e freiras. Eles levantavam de pé, aplaudiam. Só que quando nós fomos tentar lançar *Meu Destino em Tuas Mãos*, ninguém quis comprar. Eu fiquei revoltado. O produtor perdeu dinheiro e ninguém mais queria financiar meus filmes. Dessa revolta contra a censura da Igreja nasceu *Geração Maldita*, um roteiro que nunca foi filmado mas que serviu de base para o nascimento de *A Meia Noite Levarei Tua Alma*, meu primeiro sucesso de público.

SET — *Por que você resolveu interpretar o personagem Zé do Caixão?*

Uma identificação?

Mojica — Por uma questão bastante prática: ninguém queria assumir o papel. Na última hora eu resolvi entrar na base do improviso. Eu nem sabia com que roupa entrar, havia uma capa preta de um trabalhinho que o pessoal havia esquecido na noite anterior. Eu vi aquela capa e pensei que ela seria uma capa ideal para o personagem. Arrumei também uma cartola e estava criado o personagem.

SET — *E as unhas?*

Mojica — Eu tive unhas compridas desde criança, para o filme eu resolvi deixá-las um pouco maiores.

SET — *Elas dão muito trabalho?*

Mojica — Dão. Eu cheguei a ficar vinte e um anos com elas



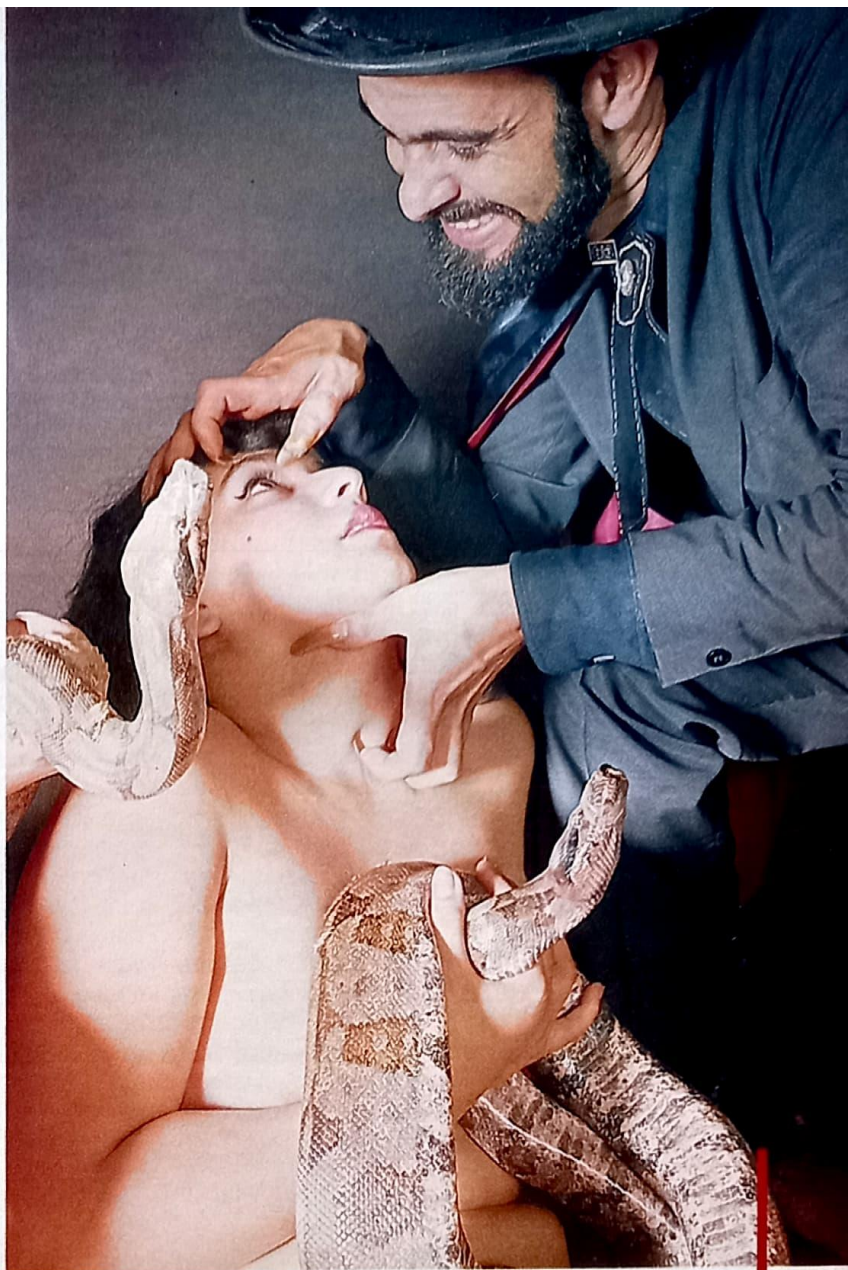
Fotos Carlos Mancini/Azul



"Quando eu tinha 18 anos, queria casar mas tinha medo. Para me testar, fui até o cemitério da Consolação à noite e invoquei os espíritos"



Fotos Abril



crescidas, mas depois tive de cortar porque estava me atrofiando a mão. Me levaram até num programa de televisão para cortar as unhas.

SET — *Mojica, e os famosos testes para os atores que você fazia nas escolinhas de cinema?*

Mojica — Isso surgiu durante as filmagens de *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, realizado após o sucesso de *À Meia Noite Levarei Tua Alma*. Às mulheres que participavam das filmagens a gente perguntava se tinham medo de cobra ou aranha, e avisávamos que ia ter cenas com esses animais no filme. Então, a gente descobriu um cara em Cosmópolis que criava aranhas. Ele dava um nome para cada uma e deixava elas espalhadas pela casa, para não entrar ladrão. Nós pegamos essas aranhas e fomos filmar, eram umas aranhas gran-

des, peludas. Na hora da filmagem, no entanto, nenhuma das atrizes quis fazer as cenas.

SET — *As aranhas eram venenosas?*

Mojica — Não, eram caranguejeiras. A mordida dói, dá uma dorzinha, mas a gente dava o antidoto e passava.

SET — *Quer dizer que você filmava com o soro ao lado?*

Mojica — Sim. Agora, como essas meninas não queriam filmar de jeito nenhum, nós tivemos de contratar novas atrizes e antes de tudo fizemos os testes com as aranhas, as cobras. Até conseguir as meninas certas.

SET — *E as filmagens, como foram?*

Mojica — Olha, eu trouxe até quinhentas aranhas. Então as aranhas cobriam tudo. Quando as mulheres se viravam na cama, as aranhas estavam por baixo, saíam por cima, se enfiavam pelas camisolas, saíam pelos seios...

SET — *E elas agüentavam?!*

Mojica — Agüentavam numa boa. Quem tinha medo eram os homens. Elas ficavam amigas das coisas. As aranhas tinham nome, quando morriam era um choro das mulheres.

SET — *E a história de tirar dentes dos atores nos testes?*

Mojica — Ah, não. Isso foi para outro filme, mas não aconteceu desta forma. Quando nós acabamos *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, iniciamos os testes para *Encarnação do Demônio*, que era o terceiro filme da trilogia, que na época, acabou não sendo realizado. É esta terceira parte da trilogia que eu estou filmando hoje com o nome de *Trindade Demoniaca*. Então nós começamos a fazer os testes para o filme. Muitas das coisas atribuíam a mim, mas é o pessoal que vinha e falava: eu faço isso. Eu só dizia que

O estranho mundo do Zé do Caixão: caveiras, mulheres nuas e serpentes

queria ver. Então vinha gente que tomava choque, que arrancava barba com alicate, mulher com barba até embaixo, gente que comia minhoca com groselha, tomava champanhe em crânio de cadáver, ficava dentro de um caixão fechado com uns bichinhos...

SET — *Que bichinhos?*

Mojica — Os mais diversos. Esses eram os testes, mas a maioria das pessoas pedia isso. Como esse negócio de arrancar os dentes. O cara chegava e dizia que arrancava os dentes sem anestesia e arrancava mesmo, depois até me agradecia.

SET — *Você chegou a ter algum problema com a polícia?*

Mojica — Tive. Acabaram me proibindo esses testes, porque achavam que era espetáculo. Até que o Silvio Santos, a Hebe Camargo, o Jacinto me abriram o programa para fazer os testes ao vivo. Interrogaram também diversas moças para ver se elas me acusavam, mas cada uma falou o que tinha de falar. Se eu tiver que tomar champanha no pinico eu tomo e ninguém tem nada a ver com isso.

SET — *Mojica, você é ateu?*

Mojica — Não, eu não me considero ateu. O Zé do Caixão pode ser ateu, mas eu não.

SET — *No que você acredita?*

Mojica — Eu creio em uma coisa suprema, uma força que rege. Não dá para imaginar que você existe simplesmente para comer, dormir, praticar sexo, escrever um livro, fazer um filme, morrer

e acabou tudo. Acho que tem uma razão para a existência, para o ser. Eu não sou contra nenhuma religião porque as pessoas têm necessidade de acreditar em alguma coisa. Eu sou contra o fanatismo!

SET — *Qual foi a vez que você sentiu mais medo na vida?*

Mojica — Quando você fala, tem uma coisa que logo me vem à cabeça. Foi um espetáculo pelo interior de Minas que eu fiz. Dentro daquele negócio de sugestão, eu dizia para o público que as pessoas querendo, acreditando nisso, conseguiam falar com os mortos. Poderiam se comunicar com o pai, a mãe, a esposa, um amigo, se tivessem a força superior para isso. Aí um cara levantou e disse: "Eu quero me comunicar com meu pai e você vai fazer isso hoje". Como o cara era o tal, filho do coronel da cidade, não havia como recusar. Eu desci do palco e nós fomos para o cemitério, ele com uma arma na mão dizendo que se ele não falasse com o pai eu nunca mais iria me comunicar com ninguém. A uns dez metros da cova do pai, ele virou-se para mim e disse em um tom solene: "Meu pai não quer que me comunique com ele". Apesar do susto, tudo acabou bem.

SET — *Há três anos você dirigiu três filmes de sexo explícito. Fale um pouco dessa experiência.*

Mojica — Eu não vejo arte no sexo explícito. Sempre fui contra. Havia, no entanto, um problema de sobrevivência e as propostas dos produtores eram muitas.

SET — *E como é que foi a experiência?*

Mojica — Não foi das melhores. Eu já havia ouvido falar muito nos problemas do sexo explícito, mas não sabia a dureza que é. Na época os produtores me apresentaram os maiores do gênero: "Eu faço isso, faço aquilo...". Na hora de fazer as cenas, no entanto, o cara começava a negar fogo. Então ele pede para comer não sei o que, menina precisa dar uma ajuda (o tal laboratório que eles chamam). No fim o cara se concentra, todo mundo fica pre-

"Introduzi os animais no sexo explícito pois tinha de fazer algo diferente. Pegamos um pastor alemão. Nunca vi um bicho tão tarado"

parado, mas ele espirra antes da coisa e tem de começar tudo outra vez. O maior problema é que as meninas entram no negócio, mas transam antes das filmagens, você não consegue evitar isso. Existem uns dois ou três que levam a coisa profissionalmente, mas eu não vejo também qual é a razão de se fazer isso. No fundo eu acho degradante.

SET — *24 Horas de Sexo Explícito foi um dos filmes brasileiros de maior arrecadação em 1986.*

Mojica — Este filme foi feito na base da promessa do produtor financiar depois um filme no meu estilo. Mas só acabei conseguindo que ele fizesse um outro filme do mesmo gênero (48 Horas de Sexo Explícito). Agora ele vai fazer uma fita de terror.

SET — *Ainda no mesmo ano você fez As Taras de um Anormal e assinou como J. Avelar. Por que o pseudônimo?*

Mojica — Eu não queria mais esse gênero de fita. Eu sempre fiz estes filmes visando fazer uma fita de terror.

SET — *É verdade que foi você que introduziu os animais no sexo explícito da Boca?*

Mojica — Foi.

SET — *Como é que apareceu a idéia?*

Mojica — Tinha de se fazer algo diferente. Tudo já tinha sido explorado. Então eu decidi partir pra algo bem bizarro com um cachorro.

SET — *Como é que foram as filmagens?*

Mojica — Nós demos sorte. Pegamos um pastor alemão, que o dono dizia ser bem manso. Eu nunca vi um bicho tão tarado como aquele cachorro. O cachorro já era viciado. Pra mim ele era realmente viciado. Eu pus a mulher nua e o bicho veio com tudo. Lambeu os seios, a xoxota,

O Zé do Caixão e seu séquito de adoradores



A MEGA ENTRA FIRME NAS MINISSÉRIES!

A MINISSÉRIE DE MAIOR SUCESSO NOS ESTADOS UNIDOS EM 1987!

ALGUNS TRECHOS
DE NOTAS SOBRE

"AT MOTHERS REQUEST" LAÇOS DE SANGUE

"... será difícil superar
"AT MOTHERS REQUEST"

TIME

"... retira a máscara da sociedade
aparentemente respeitável...
Sra. Powers mostra uma
frieza inabalável."

NEW YORK TIMES

"... uma trama angustiante.
Um relato emocionante
do declínio de uma família."

VARIETY

"... Stefanie Powers como uma
mãe autoritária e Frances
Sternhagen como sua mãe
se sobressaem sob a direção
de Michael Tuchner."

TV. GUIDE

"... É um espetáculo digno de
um drama Shakespereano."

NEWSDAY



LAÇOS DE SANGUE

estrelando STEFANIE POWER, E.G. MARSHALL,
FRANCES STERNHAGEN, DOUG McKEON, CORE PARKER
e JOHN WOOD dirigido por MICHAEL TUCHNER

LEGENDAS ELETRÔNICAS EM PORTUGUÊS

MINISSÉRIE

DURAÇÃO: 240 MINUTOS

Distribuído por:



MEGA VIDEO PRODUÇÕES LIDA.

Rua Afonso Brás, 628 - CEP 04511
V.N. Conceição - São Paulo - SP
Telefone: (011) 241-9399

deu um banho de língua. Depois nós ainda filmamos a mulher de quatro. Amarramos um pano nas patas do cachorro para que não machucasse e ele abraçou a fulana. O negócio deu certo e a fita foi um sucesso. Como uma fita de sexo, eu procurei ridicularizar tudo. Aquele negócio é feio demais, em primeiro plano é feio demais.

SET — *Que negócio? Uma xoxota em primeiro plano é uma imagem feia?*

Mojica — É feio. Eu fiz uma xoxota falando, um pênis conversando. A idéia era gozar aquilo tudo. Eu queria fazer mais, mas não deixaram. Você olhando bem, dá pra fazer daquilo uma imagem de diabos escuros, daqueles que se imagina em pesadelos. Dá para você fazer uma caverna terrível, tirar tudo lá de dentro e ninguém descobrir que é uma xoxota. Por exemplo, em *O Despertar da Besta*, que ficou dezoito anos na censura, tem lá um pênis de um homem que eu fiz uma espécie de monstro pré-histórico e ninguém percebeu. É um pênis todo maquillado, com orelha por detrás, um cordão em volta, soltando fumaça. Nesse filme há também as nádegas das mulheres desenhadas, tinha nariz, fumava charuto, e também ninguém sabia que era um bumbum. Se você quiser explorar isso não com um fim sexual, mas para o lado do terror, dá um negócio fantástico.

SET — *Voltando ao Zé do Caixão. Qual é a sua relação pessoal com este*

personagem que você criou?

Mojica — O Zé é um personagem forte que tem toda uma ideologia sua. Acredita na hereditariedade do sangue, acredita na força da mente, acredita que poderá ter um filho imortal a partir de uma mulher que pense como ele. Respeita muito as crianças pela sua inocência. Se ele pudesse, manteria as crianças eternamente crianças. Eu pessoalmente admiro o personagem, mas não tenho a coragem dele, sou completamente o inverso. Ele até está procurando ter um filho com a mulher ideal, eu já estou com 23 filhos.

SET — *Vinte e três filhos?*

Mojica — É, vinte e três.

SET — *Quantas mulheres?*

Mojica — Três mulheres. Uma das minhas filhas irá fazer o papel central de *Trindade Demoniaca*, o filme que estou dirigindo neste momento.

SET — *Não é difícil sustentar tanto filho?*

Mojica — Não. O que eu tive foi sempre de todos, por igual. Alguns são mais próximos, o que cria certas desavenças porque acham que eu auxiliei mais um do que outro. Eu sou uma pessoa muito aberta, mas a pessoa tem de ser aberta comigo. Em épocas passadas, aparecia meu nome na televisão e a família achava que eu tinha o que eu não tinha. No final, eu tava explicando coisas que eu não tinha de explicar. Mas eu acho que cumpri minha parte, no que eu pude eu os auxiliei.

SET — *Mojica, o Zé do Caixão é um personagem extremamente sádico. Você se considera uma pessoa sádica?*

Mojica — Não. Ele realmente é sádico ao extremo, mas eu tenho até uma certa aversão ao filmar. Eu acho que o maior ato de sadismo da minha vida foi pôr aquelas meninas para filmar sexo explícito. Eu tentei tirar a idéia da cabeça das meninas, falei que aquilo não tinha nada de arte... No final eu fiquei mal. Quando acabei de filmar *24 Horas de Sexo Explícito*, eu fiquei vinte, trinta dias com uns problemas, meio

“Admiro muito o Zé do Caixão, mas sou o oposto dele. Ele está procurando ter um filho com a mulher ideal, eu já tenho 23”

traumatizado, porque achei que aquilo era muito sadismo. Às vezes eu tinha de usar três, quatro homens para dar impressão de uma única cena. Era desumano.

SET — *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver é um filme em branco e preto que tem a sequência do inferno em cores. Como foi essa sua idéia do inferno em cores?*

Mojica — Tudo é uma questão de visão da pessoa. Eu via o inferno e dizia porque o inferno tem de ser branco e preto? Eu o via em cores, de gelo, cheio de neve. É uma questão da nossa visão, uma coisa pessoal. Na época eu nunca havia ouvido falar em Dante e o pessoal fazia muita comparação com o inferno de Dante. Eu pedi até para ser apresentado ao tal do Dante. O Person é que me trouxe o livro para que eu o conhecesse.

SET — *Você tem visto esses últimos lançamentos americanos de filmes de terror?*

Mojica — Não muito. Quem me leva é o Augusto, meu produtor. Das fitas que eu tenho visto, nenhuma me marcou muito. Eu gostei de *Coração Satânico*; *Carrie*, a *Estranha*; *O Bebê de Rosemary*, e algumas outras que eu vi em vídeo.

SET — *Uma última pergunta, Mojica. Você tem medo de morrer?*

Mojica — Não, da morte em si não. Eu tenho medo é de saber a hora certa em que vou morrer. Agora, para se ver a morte tem de se morrer. E uma coisa é certa, depois que você morre, para cá você não volta. Pode voltar até para outro canto, mas para cá não. Então meu desespero é que eu não posso sair daqui. Não agora, pois eu ainda não acabei de deixar a minha marca aqui.

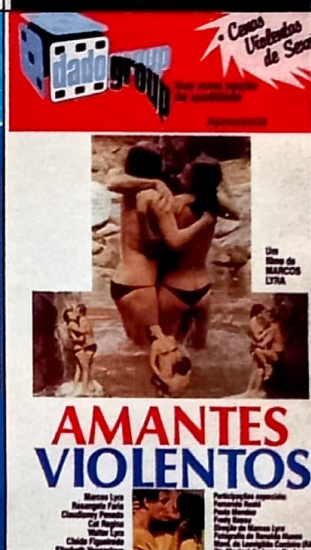
por Fernão Ramos e
Antonio Querino Neto

*Zé do Caixão
em seu
elemento,
o cemitério*



terror
aventura

Sua nova opção de qualidade



*Agora...
O cinema mais
perto de você.*

Dado Group Filme e Televisão Ltda.
Rua Paulino Fernandes, 64 — Botafogo
Tels.: 275-6594 / 275-6796



Maurício Valladares/Ázul

Ela é uma das mais belas atrizes brasileiras que aos 25 anos chega ao seu décimo longa metragem: Luzia Homem (foto abaixo). A menina tímida que tremia na primeira filmagem e a mulher irresistível que prefere não fazer televisão, você vai conhecer agora



Embrallime

CLAUDIA OHANA

Quando, no dia 5 de maio, *Luzia Homem*, de Fábio Barreto, estreou em circuito nacional, enquanto *Breathless Beauty*, do inglês Charles Linch, chega às telas de Paris e Los Angeles, a atriz Claudia Ohana estará completando sua primeira dezena de filmes. Aos 25 anos, ela já viveu personagens tão opostas quanto a prostituta nordestina de *Amor e Traição*, de Pedro Camargo, seu filme de estréia, aos 15 anos; a garota maltratada pela avó em *Erêndira*; ou a riquinha safada de *A Ópera do Malandro*, ambos dirigidos por seu ex-marido Ruy Guerra. Sem contar a exilada política de *Le Long Manteau*, uma produção francesa, e a sedutora criadora de pombos de *A Bela Palomeira*, que Ruy Guerra dirigiu para a TV espanhola (em fase final de adaptação para o cinema).

Por trás de todo esse currículo, há uma menina que detesta tomar sol, mas gosta de inventar palavras. Vive numa cobertura do bairro carioca da Lagoa (após um período de moradia em Paris), acompanhada da filha Dandara, de 4 anos, e do namorado, o diretor-assistente Rudy Lárma. Aos 15 anos, perdeu a mãe num desastre de automóvel e teve de ir morar sozinha num apartamento dado pelo avô. O pai, pintor, ela quase não o vê. Carioca, ex-péssima aluna, e eterna tímida, Claudia Ohana acha que tudo isso serviu de "chão" para ficar sozinha e virar atriz. O que não a impede de apreciar, muito até, o lado inseguro da vida: "Gosto quando tenho medo de entrar em cena, gosto de sentir aquele frio na barriga, de ficar ansiosa, de ficar trêmula. Gosto de emoções fortes, de amor que bate coração".

SET — *Embora Claudia Ohana seja um nome de alcance internacional no mundo do cinema, você não é o que se pode chamar de uma atriz muito popular no Brasil. Isso é opção sua?*

Claudia — O que torna uma atriz conhecida aqui no Brasil é a televisão. Claro que é uma opção minha estar trabalhando só em cinema, e cinema no Brasil poucas pessoas vão ver. Eu só fiz uma novela de TV, *Amor com Amor se Paga*, em

1984, na Globo, e, claro, eu poderia fazer uma novela das 7, sei lá, mas minha carreira é muito dividida entre aqui e a Europa. Agora eu estou abrindo campo nos Estados Unidos. Isso tudo ocupa: não dá para ficar, pelo menos hoje em dia, sete meses presa numa televisão fazendo uma novela.

SET — *Independentemente de ser mais ou menos conhecida, você não faz muito o número da star, ou faz?*

Claudia — Acho um elogio falar isso, eu detesto, mas às vezes você tem que ter uma postura para ser respeitada. Agora que trabalhei num filme lá fora, percebi que você fica o tempo todo no teu próprio trailer, só sai para a filmagem. No Brasil, a gente tem mania de "vamos lá, pessoal", vai todo mundo tomar cafezinho ou falar besteira. Lá fora, você não pode fazer esse tipo de coisa, tem que se impor, principalmente uma mulher.

SET — *Como foi sua estréia no cinema, foi uma coisa que te deslumbrou ou você já tinha na cabeça que iria ser atriz de cinema?*

Claudia — Minha mãe era montadora e eu não tive aquele negócio do mito com o cinema. Mas eu queria ser cantora, eu pensei que ia ser cantora. Aos 15 anos, eu tocava com amigos e queria me apresentar em bares, mas não conseguia nada. Aí, algumas pessoas me chamaram para fazer curtas-metragens, uma pontinha. Sempre me chamavam para esse tipo de coisa, pelo meu tipo. Aí, fui fazer figuração. E fui tentando trabalhar, batendo nas portas, telefonando para todo mundo, passando por aquelas vergonhas, as pessoas me dizendo: "Você é gorda, baixa, magra, bonita, feia", e por aí afora; cada um diz uma coisa. Dois anos antes de *Erêndira*, eu tinha me encontrado com uma diretora venezuelana que estava com os direitos do romance, e ela me disse que eu era muito velha para o papel. Por aí você vê.

SET — *E como foi a sensação de se ver na tela pela primeira vez?*

Claudia — A primeira vez que eu filmei, no *Amor e Traição*, eu tremia tanto, tremia tanto... Aí, quando eu assisti, tremia a mesma coisa,

dentro e fora da tela.

SET — *Naquela época em que diziam que você era "bonita, feia, gorda etc.", você tinha consciência de ser uma mulher bonita?*

Claudia — Eu sempre fui muito narcisista. Mas eu tenho medo desse negócio de me considerar bonita; tinha dias em que eu me achava a mulher mais bonita do mundo. Tinha dias em que não, eu me achava horrorosa. E ainda sou assim.

SET — *Mas é uma coisa vantajosa em termos de cinema?*

Claudia — É, é uma coisa boa de usar. É legal, sim, é legal. Quer dizer, tem os "pré"-conceitos e os "pós"-conceitos. Claro que o teu tipo já diz o que você vai fazer, né? Você tem que estar sempre lutando contra o seu próprio tipo, se você quiser, é claro. E tem também o preconceito do bonito e burro, porque, geralmente, de uma pessoa bonita não se exige muito mais que isso, porque isso já é um agrado. Eu mesma tenho preconceito: se vejo um homem bonito, penso: "Bem, é bonito, mas deve ser um panaca, um idiota completo", e nem chego perto.

SET — *Você é ambiciosa, persistente?*

Claudia — Minha meta a cada dia muda, cada dia eu estou mais ambiciosa, cada dia quero ir mais longe. É horrível isso, não tem fim.

SET — *E o que você quer conquistar?*

Claudia — (rindo muito) O mundo todo.

SET — *Como é que aconteceu o teu casamento com Ruy Guerra?*

Claudia — Ah, essas coisas acontecem assim. Não sei, mas as pessoas estranharam: um homem mais velho e tal. Ele é bem mais

"No *Breathless Beauty*, tinha uma cena em que eu ficava num rochedo da Sardenha, com as ondas batendo, eu tenho pavor de ondas. Aliás, eu sou a maior medrosa, tenho medo de avião, de cavalo, de tudo"

velho do que eu. Aí, diziam: "Ela quer um pai", mal sabendo que a gente quer mesmo é um pai, um filho, um irmão, é tudo. Eu gosto de dividir, de estar com uma pessoa, de vender o coração.

SET — *E que tal a paixão com o diretor?*

Claudia — De modo geral, a relação com o diretor é muito forte. Diretor é o pai de tudo, o que tem tudo na cabeça, o que comanda, o maestro. Normalmente, tem uma relação muito forte com o ator. Às vezes não. Já peguei diretores que eu não tive a menor relação pessoal. Por outro lado, é normal que você conheça e se case com pessoas do seu meio. Você vive isso o tempo todo, discute isso o tempo todo.

SET — *Com quais diretores você trabalhou melhor, confiou mais?*

Claudia — Eu respeito muito o cinema do Ruy, acho um cinema moderno, acho que ele faz coisas diferentes, ele é muito técnico e exige muita técnica do ator, ele sabe o que está fazendo o tempo todo, e isso é muito raro. Tem outros diretores que são mais intuitivos, tipo "faça o que quiser", "faça como sentir". O Charles Lynch (*Breathless Beauty*), que é um garoto de 24 anos e parece que tem 50, é uma pessoa muito du-



Luzia Homem, Brasil, 1987 ■ DIREÇÃO: Fábio Barreto ■ Com Claudia Ohana, Thales Pan Chacon, José de Abreu, Luiza Falcão, Chico Diaz, Gilson Moura ■ ROTEIRO: Tairone Feitosa ■ FOTOGRAFIA: José Tadeu Ribeiro ■ MÚSICA: Ednardo ■ PRODUÇÃO: Lucy e Luís Carlos Barreto ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

ra, ele trabalha com o ator pelo sentimento: se é uma cena em que você tem que estar *down*, ele te faz ficar *down*, te deixa num lugar solitário, é uma coisa muito difícil pessoalmente, não acho que se deva trabalhar por aí com o ator, é dizer que ele é burro, não sabe pensar. Com o Fábio Barreto foi um trabalho mais à la brasileira, fiz laboratório, essas coisas.

SET — *Você já sabia andar a cavalo antes do filme?*

Claudia — Não. Eu tinha pavor de cavalo. O barato é isso: como atriz, o que eu aprendo, o que eu enfrento meus medos é impressionante. Tenho coragem para fazer qualquer coisa, quer dizer, na hora você tem medo, você tem adrenalina, mas você enfrenta, não sei como, mas enfrenta. Por exemplo, eu tenho pavor de avião e tem uma cena que eu estou no avião, fui lá e fiz. No *Breathless Beauty*, tinha uma cena em que eu ficava num rochedo da Sardenha, com as ondas batendo, eu tenho pavor de ondas. Aliás, eu sou a maior medrosa, tenho medo de avião, de cavalo, de tudo.

SET — *Qual é a diferença entre filmar no Brasil e filmar fora?*

Claudia — Geralmente, aqui no Brasil, você fica muito tempo no *set* de filmagem, esperando para iluminar, para marcar a luz, para marcar o foco, para o outro atuar, para não sei lá o quê, e nisso você vai se esquentando, é um exercício. Lá, você vai ao *set* para filmar, tem que estar pronta. Nas primeiras vezes, eu ia completamente despreparada, então levava horas. Depois, nas outras cenas, eu já sabia que tinha de me preparar antes; então, eu me concentrava e já ia chorando pelos corredores, já chegava aos prantos,

nem falava nada com ninguém. É muito engraçado.

SET — *Você tem posição política?*

Claudia — Eu acho que é importantíssimo você saber de política, gostando ou não. Quando não se transa política, se é uma pessoa alienada, ainda mais quem trabalha com a arte, quem é figura pública. A minha geração é uma geração completamente alienada, e eu, embora tente acompanhar cada vez mais, entendo cada vez menos.

SET — *De quais atrizes você mais gosta?*

Claudia — A Isabelle Adjani, a Nastassja Kinski. No Brasil, eu gosto da Débora Bloch, da Ferdinanda Torres, têm muitas atrizes jovens boas, mas tem poucos bons personagens, poucos bons filmes, pouco cinema...

SET — *De que maneira você se relaciona com dinheiro? Normalmente, você ganha bem, não?*

Claudia — Ganho, quando eu trabalho. Trabalho pouco porque eu não faço tudo. Nunca fiz um filme por dinheiro, inclusive tenho a maior dificuldade de fazer como alguns atores, que quando não gostam do roteiro pedem mais dinheiro e fazem. Eu nem discuto, digo que não gostei do roteiro, e ainda estou com mania de falar porquê. Dá cada rolo!

SET — *Você gosta de ficar viajando o tempo todo, mudando de casa?*

Claudia — Eu adoro viajar, adoro me sentir estrangeira em todos os lugares.

por Vivien Lando,
do Rio de Janeiro

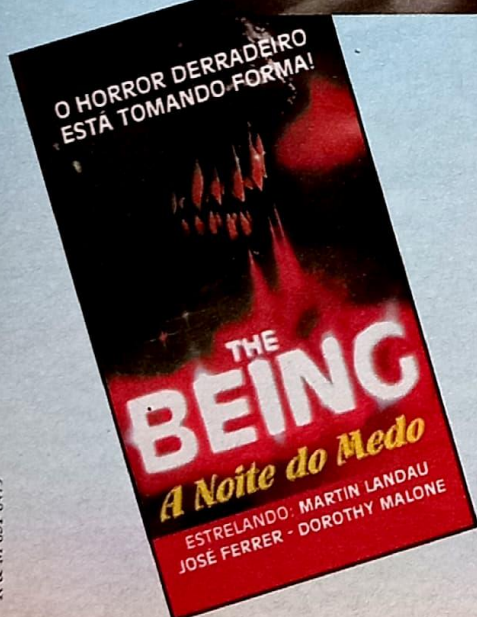
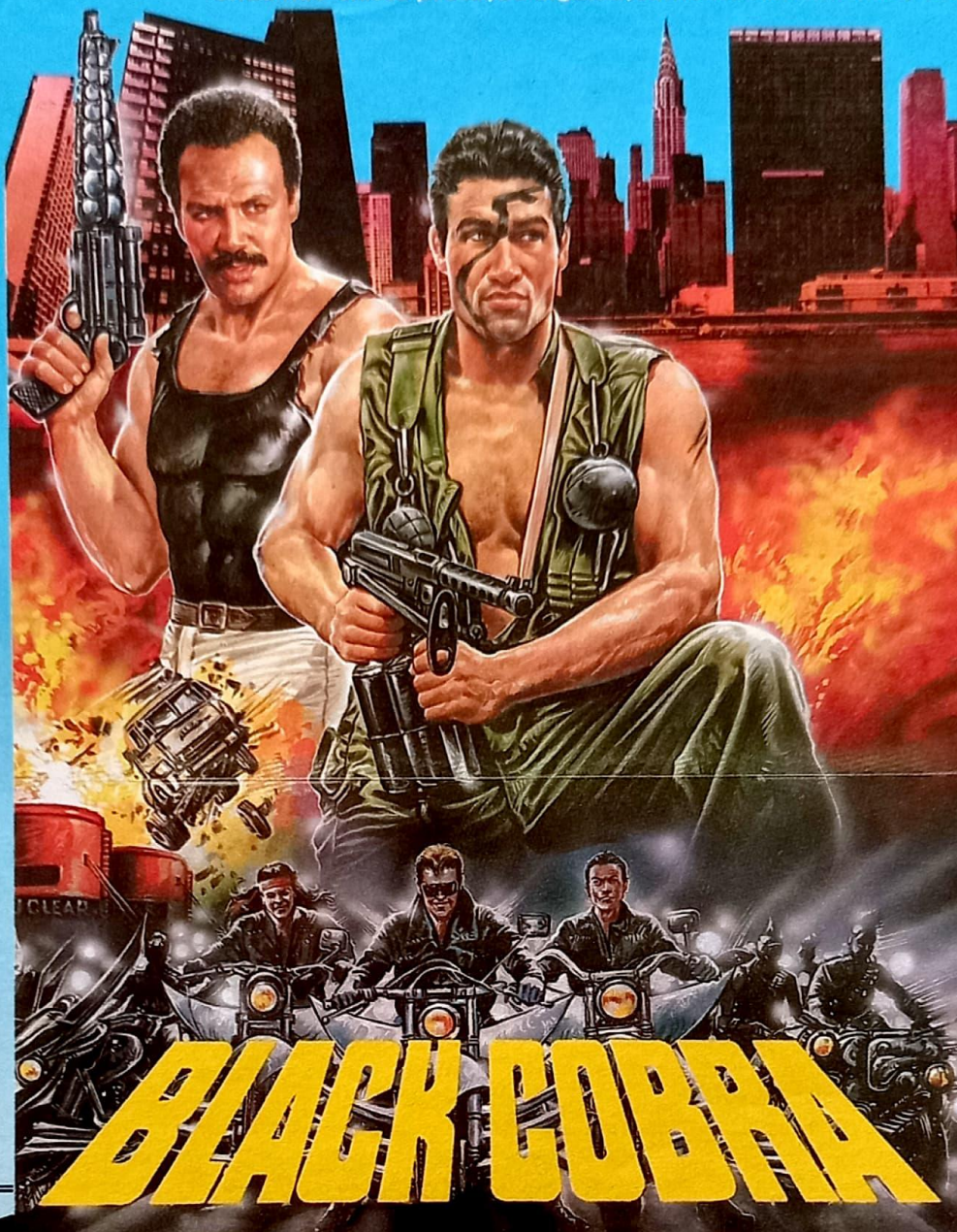
La Ohana como
Luzia Homem
(com Chico
Diaz, alto),
como a cãndida
Erêndira (com
Oliver Wehe
ao lado) e
como Ludmila na
Ópera do
Malandro



AB
Videos

O MAIS SENSACIONAL LANÇAMENTO DO MÊS!
SIMULTANEAMENTE CINEMA E VÍDEO.

Em uma cidade dominada pela violência,
onde não existe proteção alguma, somente há uma solução...



PRÓXIMO LANÇAMENTO
THE BEATLES
sua música e sua estória

AB INTERNACIONAL
VÍDEO LTDA.

Rua Traipu, 260 - Casa 8 - Perdizes
01235 - São Paulo SP
Telefone: (011) 825-5599

BRANDAUEER

Ele tem duas grandes atuações à sua disposição nas locadoras: Mephisto e Coronel Redl (os dois da Polevídeo). Aqui, fala da carreira, dos mais sofisticados palcos europeus, dos escorregões nas produções comerciais hollywoodianas e da condição do ator hoje

SET — Quando você entrou para o cinema?

Brandauer — Em 1972 fiz meu primeiro filme. Era uma fita americana, da 20th Century Fox, e se chamava *Salzburg Connection*. Foi um trabalho interessante, mas, sendo ator de teatro, me entediava com as constantes esperas e demoras nas filmagens. Resolvi me dedicar mais uns 4 ou 5 anos exclusivamente ao teatro. Em 1976 fiz meu segundo filme, *Jean Cristoph*, uma produção francesa. Mais tarde fiz *Der Sonntag im Oktober*, e em 1979/1980 fiz *Mephisto*. Com este filme conseguimos um reconhecimento mundial e por essa razão me decidi a fazer filmes com maior frequência.

SET — E como começou sua carreira no teatro?

Brandauer — Comecei num pequeno teatro em Tübingen, Alemanha. Logo em seguida fui para Düsseldorf e dois anos depois ti-

nha que dividir meu tempo entre Hamburgo, Munique e o Burgtheater de Viena. De certa forma fiz todos os papéis que um jovem sonharia interpretar, de Romeu a Hamlet, de Ricardo III às peças modernas de Beckett. Encenei várias peças e atuei em muitas, na Áustria e na Alemanha.

SET — Você trabalhou com muitos diretores?

Brandauer — Muitos dos bons diretores com quem trabalhei provavelmente devem ser desconhecidos por aqui. Um ponto marcante na minha carreira foi meu encontro com Fritz Kochner, um grande ator e diretor austríaco. Trabalhamos juntos em Viena, no Burgtheater, em 1971.

SET — Você ainda trabalha com teatro?

Brandauer — O ano passado fiz *Hamlet* em Viena. O diretor é Paiman. A cada ano faço umas 40 ou 50 interpretações de Hamlet, e, no Salzburger Festspielen (Festival de Salzburgo), faço o Jedermann, da peça *Jedermann*. Isso já há seis anos. E não paro, mesmo quando estou filmando! Quando fiz *Out of Africa* (Entre Dois Amores), por exemplo, ficava de segunda a sexta em Nairóbi, e estava sábado e domingo em Viena. O mesmo aconteceu quando fiz *Streets of Gold*, outra produção da 20th Century Fox. É a história de um boxeador russo que emigra para os EUA. Durante as filmagens eu também ia nos fins de semana fazer o Ham-

let em Viena. Aprecio bastante este revezamento de meios.

SET — Você não conseguiria abandonar o teatro?

Brandauer — Existem pessoas que fazem só cinema e outras que fazem só teatro, e acho as duas posturas louváveis. Acho que, sendo eu uma pessoa que vive no século XX, devo fazer uso de todos os meios — cinema, TV, rádio... Sou curioso o suficiente para tal. Mas jamais abandonaria o teatro. Pelo contrário.

SET — Qual a razão que o levou a abraçar esta carreira?

Brandauer — Não sei como aconteceu de eu vir a ser ator. Ainda mais nas condições atípicas que enfrentei na infância, num lugarejo de 180 habitantes lá em cima, nos alpes austríacos, onde não havia teatros, cinemas e tampouco TV.

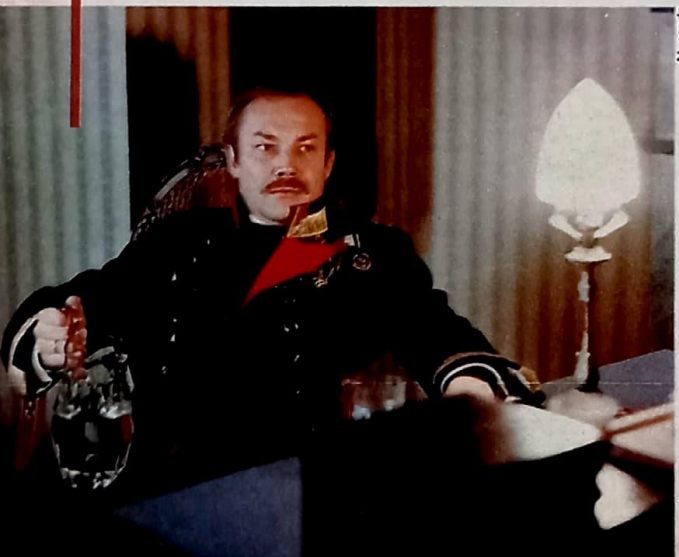
SET — Poderíamos enquadrar você numa escola tradicional de atores alemães?

Brandauer — Não. Existem milhares de estilos e métodos diferentes. Cada um tem que descobrir o seu e aprender o que pode. Não estou no mundo para ter o trabalho de falar sobre coisas individuais ou para defender um determinado estilo ou escola. A partir do momento em que você começa imitando um estilo, já não está começando do zero, mas de algo conhecido. E aí você não está mais sendo original.

SET — E como se interessou por Mephisto? Você já tinha visto a versão (encenada) de Luchkin?

Brandauer — Sim, já tinha visto a peça no teatro. Mas ela não tem nada a ver com nosso filme. Tentamos nos prender ao livro de Klaus Mann, mas mesmo assim descobrimos algo que foi muito importante. No livro, depois de umas dez páginas, você descobre que Mephisto é um oportunista. Aí eu pergunto: "Para que ler até o fim?" Já sabemos de tudo. Quando você vê isso num filme ou no teatro, depois de uns minutos já sabe que se trata de um oportunista e que seu caráter é indifereçável. Para

Klaus Maria
Brandauer
num dos seus
grandes papéis:
o Coronel Redl



Alvorada

que continuar na sala (de cinema)? Ou seja, é necessário inventar e trabalhar constantemente uma situação de climas opostos, quente e frio, com muitas surpresas, para que o público possa pensar: "Oh, isso poderia ter acontecido comigo!" É necessário entreter as pessoas com esse tipo de suspense. Eis a diferença.

SET — Você conhece Gustav Grundgens pessoalmente? (Grundgens é o ator no qual Mephisto — o livro — foi inspirado).

Brandauer — Não. Mas há um acaso importante aí. Quando tive minha estréia em Tübingen, naquele pequeno teatro em 1963, foi nesse mesmo dia que Gustav Grundgens morreu, em Manilha. E as críticas sobre minha peça tinham ligações com a notícia da morte dele. Muitos e muitos anos depois o círculo se fechou, quando um homem, que só conhecia de nome, me ligou para dizer que gostaria de filmar *Mephisto*. Aí eu disse para ele: "O senhor não precisa dizer mais nada. O papel é meu!" Isso porque existe a colocação do problema: "Nós, artistas" — coisa que num certo sentido todos nós somos —, "temos ou não uma responsabilidade com a sociedade em que vivemos, com as pessoas que nos cercam, ou somos apenas meros *entertainers*?" É uma questão que temos que discutir conclusivamente. Existem mil respostas para todos. A pergunta é: "Compromisso ou não?" Acho que não existe a pessoa que quer viver sem ter que fazer algum compromisso. Aí a pergunta fica sendo: "Qual é o nosso preço?" Isso é o que importa (toda a discussão), e deve ser discutido.

SET — Existe alguma ligação entre a versão de Luchkin, o livro de Mann e a encenação de Grundgens? Tudo isso influenciou seu trabalho como ator no filme?

Brandauer — Não. O que se juntou no nosso filme foram as idéias das pessoas que faziam parte de toda a equipe, formada por gente de várias nacionalidades. Gente da Polônia, Tchecoslováquia, Hun-

gria, Rússia, França, Alemanha Ocidental e Oriental, Áustria e Inglaterra. Nós discutimos nossa situação, de como deveríamos nos responsabilizar perante nós mesmos, nosso trabalho e a sociedade em que vivemos. O exemplo foi dado por Henrik Hoffgen (que fez um semidocumentário sobre a II Guerra), que não fez apenas uma reportagem sobre as atrocidades do III Reich, mas um filme que serve essencialmente para nós hoje, porque nós nos confrontamos, mesmo nos ditos sistemas democráticos, com as perguntas: "Como

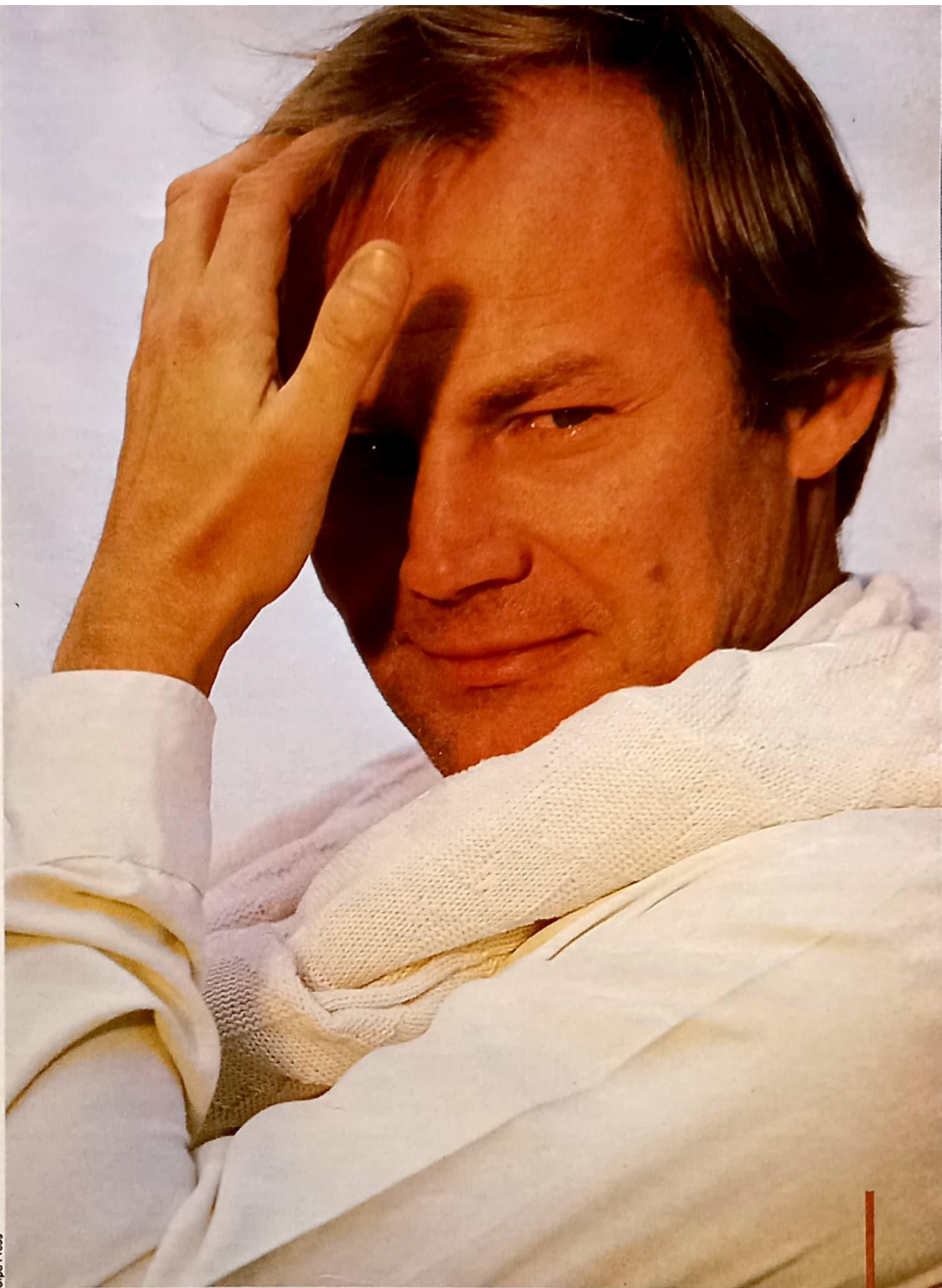
ocorre nossa corrupção? Devemos ou não fazer isso?"

SET — Como você vê o teatro alemão hoje?

Brandauer — Inicialmente devo dizer que as pessoas, pelo menos na Áustria, estão indo ao teatro. Em Viena existem cerca de cinco ou seis teatros grandes e mais 50 menores, e todos estão sempre lotados. Temos essa tradição. Também a Alemanha. A cada ano mais pessoas vão mais ao teatro do que aos estádios de futebol.

por Marcelo Kahns,
do Rio de Janeiro **ET**

"Sou do século XX,
uso todos os
meios: cinema,
teatro, TV,
rádio..."





OLHOS NEG

Otchi Tchiornya (olhos escuros) é uma canção cigana que apareceu há pelo menos 100 anos na Bessarábia (hoje República da Moldávia). Esteve no cinema algumas vezes e até já deu nome, em 1940, a uma das obras do cineasta alemão Lubitsch. Desta vez, Mikhalkov resgata o tema magistralmente, com Marcello Mastroianni em fase de perfeição



ROS

Fotos Art Films



A recepção calorosa que Romano (Mastroianni) recebe em Sysojev, a cidadezinha russa onde mora sua amada de olhos escuros, Anna (Elena Sofonavo)

*"Quando o tempo se faz
sinônimo de lágrimas
é porque ainda há
muito para se viver"*
(poeta anônimo russo)

Romano Patroni prefere passear a mofar confortavelmente num aristocrático palácio na capital italiana. À mesa de um navio turístico, sobre as águas do Mediterrâneo, ele está distante, como se navegasse o oceano de suas próprias lembranças. Mas a ostensiva presença de um negociante russo de sotaque carregado interrompe sua divagação. O nome do estrangeiro é Pavel, que adentra falante ao bar em busca do que beber. A sonoridade russa transforma o mar calmo da memória de Romano Patroni em desgovernada comoção. Ele precisa falar — e convida Pavel para ouvir a história de Anna, a mulher russa que amou. E perdeu.

Em poucos minutos, a biografia impressionante de Romano Patroni tomará a tela de assalto, em *flash back*. Não bastasse a força

dramática dos contos do escritor e teatrólogo russo Anton Tchekhov (1860-1904), que inspiraram o roteiro, quem dá vida ao personagem é o colossal ator italiano Marcello Mastroianni, em excelente forma. A atriz soviética Elena Sofonova (no papel de Anna) personifica a mulher dos tempos do czarismo, com sua constante tentativa de fuga, a negação reiterada do próprio direito à felicidade. Junto de seu amado Romano, Anna se desvela em lágrimas de contentamento: Elena Sofonova transporta os espectadores a uma particularidade da alma russa — o choro de felicidade.

"...é porque há muito para se viver", segundo o poeta. Do diálogo entre os dois turistas no mar Mediterrâneo, o tempo retrocede em uma década. Pobre, formado em arquitetura, Romano se casa com Elisa (Silvana Mangano, de volta às telas depois de *Violência e Paixão*, 1974, de Visconti, e de uma breve aparição em *Duna*, de Lynch, em 1985), filha de um banqueiro milionário.

Logo será sua esposa a mandar nos negócios. Romano, a mulher e a filha vivem num castelo. O tempo passa e as coisas não vão bem. "Ele é um palhaço, um bufão, um caipira aproveitador", concordam a esposa e a sogra. O "bufão", patético, vegeta.

Ao som de uma sonata de Mozart, explode a tempestade conjugal. Elisa está duplamente angustiada — o casamento e os negócios apontam para a falência. Impassível, o marido, na sua habitual pachorra, se queixa de dores aqui e ali, e resolve passear. Vai para um hotel de luxo numa estância hidromineral. Como de costume, Romano Patroni/Marcello Mastroianni dá em cima das mulheres sempre que existe chance. É o lado traquinas de um homem melancólico. Nessa escapada para a estação de águas ele é quase um sexagenário: encontra tempo para rever a "fiel" amante Tina (Marthe Keller) e muita disposição para aproximar-se de uma face nova. É Anna.

Assim, da prostração abestalha-



da, inútil e nostálgica, Mastroianni conduz o personagem ao brilho cômico e divertido dos namoradores incorrigíveis. Para atrair a russinha da salsicha ele se finge doente, impossibilitado de andar. É claro que ela se sensibiliza, emprestando o ombro para uma carona. Começa o romance num hotel de luxo. O ano é 1903.

Anna era casada e, depois do romance, abandona-o. Romano não é exatamente um cidadão de caráter, e volta para casa. Mas, como Elisa não era lá a mulher dos seus sonhos, decide viajar novamente: vai para a Rússia procurar aquela mulher de olhos escuros que deixou marcas mais graves no seu coração cínico. As dificuldades para viajar pelo interior do país são consideráveis para um estrangeiro. A burocracia do czarismo é exemplar. Romano, criativo, monta uma farsa: como arquiteto, obtém um visto em São Petersburgo (hoje Leninegrado), alegando ter a intenção de instalar uma fábrica de vidro



Romano relata sua vida para o turista Pavel (Vsevolod Larinov), que vem à tela em flash back a partir de uma foto de família



PARLA, MARCELLO

Além de grande ator, Marcello Mastroianni, 64 anos, é também um italiano simpático e falante. Em entrevistas recentes a revistas européias, ele falou sobre seu trabalho, sua vida, seus amores e sonhos secretos. Entre esses sonhos, ele insiste no projeto de encarnar Tarzan, mas um Tarzan barrigudo e sem músculos, habitante da Sibéria e não da África, com um urso no lugar da Chita e uma Jane camponesa e musculosa que o chamasse de Tarzanovski e o levantasse do chão com um abraço. A seguir, algumas de suas declarações.

- Sobre Nikita Mikhalkov: "É um grande diretor. Eu havia visto vários filmes seus e um dia resolvi me oferecer para trabalhar com ele. Ele pensou que fosse uma piada. No set de filmagem reencontrei com ele uma atmosfera de fantasia e liberdade que eu só tinha vivido com Fellini".
- Sobre Olhos Negros e seu personagem: "O filme é fiel à atmosfera tche-coviana, mas Mikhalkov inventou muita coisa, a começar pelo meu personagem, Romano. Trata-se de um italiano bastante típico: amoroso, fraco e sobretudo superficial".
- Sobre sua aura de sedutor: "Acho que vem de A Doce Vida. Mas já fiz o papel de impotente, de cornudo, de homossexual, e fui até o primeiro homem grávido da história do cinema (em Um Homem em Estado Interessante, de Jacques Demy)... Não sei por que essa aura se mantém".
- Sobre a profissão de ator: "Faço filmes para me divertir. Não entendo os atores que falam sobre 'o sofrimento da criação'. Eu só sofro quando levanto cedo, o que aliás não faço nunca".
- Sobre sua relação com os diretores: "Um cineasta é como um pintor. Eu, como ator, preciso saber que cor ele pretende usar. Meu trabalho é dar-lhe esta cor, e fazer com que ela seja a mais bela possível".
- Sobre técnicas de interpretação: "O ator não tem que estudar nada. Ele deve simplesmente deixar que o personagem o invada e desabroche pouco a pouco dentro de si. Meus amigos Tognazzi, Sordi, Gassman, Michel Piccoli e Philippe Noiret nunca precisaram se enclausurar para preparar um papel. Dê-lhes um hábito e eles se transformarão em monges".
- Sobre Fellini: "É certamente a pessoa a quem mais devo. Não falo de nossa amizade, mas da minha profissão. Ele me permitiu o acesso a um cinema mais interessante, me abriu portas e alargou, aos olhos dos outros, o registro de minhas possibilidades".
- Sobre o amor: "Conta muito, porque faz parte também do mundo da fantasia. É difícil saber, honestamente, se se amou de verdade. Em todo caso, eu não sei. O amor é um jogo, e certamente um jogo indispensável, porque você brilha quando crê ou tem a impressão de sentir algo por alguém".
- Sobre viajar: "Gosto de viajar, conhecer pessoas e paisagens. Mas talvez viajar seja uma desculpa para fugir dos próprios deveres. Talvez até Colombo, quando partiu, estivesse cheio de dúvidas. Então achou conveniente dizer: 'Vou descobrir as Índias'".

Com o vidro inquebrável e ridicularmente transparente (alusão à glasnost), Mastroianni faz graça contra os burocratas em Olhos Negros

*O galã bem humorado
salta uma poça d'água
numa sargeta de São Petersburgo.
Um obstáculo risível*



*Com Silvana
Mangano,
ele discute.
Com Elena
Sofonova, ele
aprende a
palavra
Sabatchka
(cãozinho) e
faz cortesias
na piscina
de lama.
Antológico*



inquebrável na pequena cidade de Sysojev, onde Anna mora.

O "latin lover" Mastroianni, vagando pelos guichês da burocracia (sob a direção do soviético Nikita Mikhalkov), é uma sátira inequívoca. Romano vai às autoridades czaristas com uma placa de vidro nas mãos, com que pretende demonstrar o progresso científico e o gênio humano. Hoje, em tempos de "glasnost" (transparência), nada mais transparente que uma placa de vidro como arma contra burocratas. E essa arma leva o apaixonado Romano para Sysojev, onde ele termina por se hospedar na casa do burguês russo por excelência, o pedante e narcisista Modest Petrovitch, que não é outro senão o marido de Anna. O reencontro faz tremer os cristais. Ela a princípio se refugia num galinheiro, mas o italiano a alcança lá mesmo e...

Itália/Rússia, czarismo (stalinismo?)/glasnost, desconsolo/comédia, memória/presente — as contradições são claras em *Olhos Negros*. À medida que a narrativa e os arrependimentos (autocríticas?) de Romano vão se desenvolvendo, o seu interlocutor Pavel (o ator soviético Vsevolod Varionov) ganha uma certa inquietação. Ele não pode deixar de se solidarizar. Embora esteja no navio em lua-de-mel, casado há 67 dias, permite-se uma ponta de tristeza. E todo esse jogo de contradições é bem orquestrado por Nikita Mikhalkov.

O cineasta soviético (irmão do também diretor Andrei Konchalovsky) é experiente em dramas psicológicos, depois de realizar O



EXUBERÂNCIA EM MAIS DE 100 FILMES

OS MISERÁVEIS (I Miserabili, Riccardo Freda, 1948) • CINQUE MAMME E UNA CULLA O PASSAPORTO PER L'ORIENTE (episódio de Romolo Marcellini, 1948-51) • DOMINGO DE AGOSTO (Una Domenica d'Agosto, Luciano Emmer, 1950) • VITA DA CANI (Steno e Mario Monicelli, 1950) • CUORI SUL MARE (Giorgio Bianchi, 1950) • CONTRO LA LEGGE (Flavio Calzavara, 1950) • ATTO D'ACCUSA (Giacomo Gentilomo, 1951) • PARIS É SEMPRE PARIS (Parigi É Sempre Parigi, Luciano Emmer, 1951) • L'ETERNA CATENA (Anton Giulio Majano, 1952) • AS GAROTAS DA PRAÇA DE ESPANHA (Le Ragazze di Piazza di Spagna, Luciano Emmer, 1952) • TRAGICO RITORNO (Pier Luigi Faraldo, 1952) • SENSUALITÀ (Clemente Fracassi, 1952) • PENNE NERE (Oreste Biancoli, 1952) • GLI EROI DELLA DOMENICA (Mario Camerini, 1953) • IL VIALE DELLA SPERANZA (Dino Risi, 1953) • FEBBRE DI VIVERE (Claudio Gora, 1953) • NON È MAI TROPPO TARDI (Filippo Walter Ratti, 1953) • LULÙ (Fernando Cerchio, 1953) • OS AMANTES DE FLORENÇA (Cronache di Poveri Amanti, Carlo Lizzani, 1954) • NOSSOS TEMPOS (Tempi Nostri, Alessandro Blasetti, 1954) • SCHIAVA DEL PECCATO (Raffaello Matarazzo, 1954) • DIAS DE AMOR (Giorni d'Amore, Giuseppe De Santis, 1954) • PARA O TEU CORAÇÃO (Casa Ricordi, Carmine Gallone, 1954) • BELA E CANALHA (Peccato che Sia una Canaglia, Alessandro Blasetti, 1954) • LA PRINCESSA DELLE CANARIE (Paolo Moffa e Carlos Serrano de Osma, 1954) • A BELA MOLEIRA (La Bella Mugnaia, Mario Camerini, 1955) • TAM-TAM MAYUMBE (Gian Gaspare Napolitano, 1955) • A SORTE DE SER MULHER (La Fortuna di Essere Donna, Alessandro Blasetti, 1955) • BIGAMO À FORÇA (Il Bigamo, Luciano Emmer, 1955) • PAIS E FILHOS (Padri e Figli, Mario Monicelli, 1957) • LA RAGAZZA DELLA SALINA (Franz Cap, 1957) • O MOMENTO SUBLIME (Il Momento Più Bello, Luciano Emmer, 1957) • UM ROSTO NA NOITE (Le Notti Bianche, Luchino Visconti, 1957) • O MÉDICO E O CHARLATÃO (Il Medico e lo Stregone, Mario Monicelli, 1957) • UN ETTARO DI CIELO (Aglaucio Casadio, 1958) • OS ETERNOS DESCONHECIDOS (I Soliti Ignoti, Mario Monicelli, 1958) • RACCONTI D'ESTATE (Gianni Franciolini, 1958) • AMORE E GUAI (Angelo Dorigo, 1958) • A LEI DOS CRÁPULAS (La Loi, Jules Dassin, 1959) • TUTTI INNAMORATI (Giuseppe Orlandini, 1959) • O MARIDO BELO (Il Nemico di Mia Moglie, Gianni Puccini, 1959) • FERDINANDO I, RE DI NAPOLI (Gianni Franciolini, 1959) • A DOCE VIDA (La Dolce Vita, Federico Fellini, 1960) • O BELO ANTÔNIO (Il Bell'Antonio, Mauro Bolognini, 1960) • ADUA E SUAS COMPANHEIRAS (Adua e le Compagne, Antonio Pietrangeli, 1960) • A NOITE (La Notte, Michelangelo Antonioni, 1961) • O ASSASSINO (L'Assassino, Elio Petri, 1961) • FANTASMAS EM ROMA (Fantasmi a Roma, Antonio Pietrangeli, 1961) • DIVÓRCIO À ITALIANA (Divorzio all'Italiana, Pietro Germi, 1961) • VIDA PRIVADA (Vie Privée, Louis Malle, 1962) • DOIS DESTINOS (Cronaca Familiare, Valerio Zurlini, 1962) • OITO E MEIO (Otto e Mezzo, Federico Fellini, 1963) • OS COMPANHEIROS (I Compagni, Mario Monicelli, 1963) • ONTEM, HOJE E AMANHÃ (Ieri, Oggi e Domani, Vittorio De Sica, 1963) • CASAMENTO À ITALIANA (Matrimonio all'Italiana, Vittorio De Sica, 1964) • CASANOVA 70 (Mario Monicelli, 1965) • A DÉCIMA VÍTIMA (La Decima Vittima, Elio Petri, 1965) • BREAK UP (L'Uomo dai Cinque Palloni, episódio de Marco Ferreri de Oggi, Domani, Dopodomani, 1965) • EU, EU, EU... E OS OUTROS (Io, Io, Io... e gli Altri, Alessandro Blasetti, 1966) • O ÓPIO TAMBÉM É UMA FLOR (The Poppy Is Also a Flower, Terence Young, 1966) • UM SONHO, UMA REALIDADE (Spara Forte, Più Forte... Non Capisco!, Eduardo de Filippo, 1966) • O ESTRANGEIRO (Lo Straniero, Luchino Visconti, 1967) • UM LUGAR PARA OS AMANTES (Amanti, Vittorio De Sica, 1968) • DIAMONDS FOR BREAKFAST (Christopher Morahan, 1969) • OS GIRASSOIS DA RÚSSIA (I Girasoli, Vittorio De Sica, 1970) • CIÚME À ITALIANA (Dramma della Gelosia, Ettore Scola, 1970) • UM HOMEM E SUA PAIXÃO (Giochi Particolari, Franco Indovina, 1970) • PRÍNCIPE SEM PALÁCIO (Leo, the Last, John Boorman, 1970) • A MULHER DO PADRE (La Moglie del Prete, Dino Risi, 1970) • SCÍPIÃO AFRICANO, GENERAL DE CÉSAR (Scipione Detto Anche l'Africano, Luigi Magni, 1971) • CHICAGO STORY (Permette? Rocco Papaleo, Ettore Scola, 1971) • CORRÉVA L'ANNO DI GRAZIA 1870 (Alfredo Giannetti, 1972) • TEMPO DO AMOR (Ça n'Arrive qu'aux Autres, Nadine Trintignant, 1972) • LIZA (La Cagna, Marco Ferreri, 1972) • QUE? (What?, Roman Polanski, 1972) • SABADO INFERNAL (Mordi e Fuggi, Dino Risi, 1973) • RAPRESAGLIA (George Pan Cosmatos, 1973) • UM HOMEM EM ESTADO INTERESSANTE (L'Événement le Plus Important Depuis que l'Homme a Marché sur la Lune, Jacques Demy, 1973) • A COMILANÇA (La Grande Bouffe, Marco Ferreri, 1973) • SALUT L'ARTISTE (Yves Robert, 1973) • ALLONSANFAN (Paolo e Vittorio Taviani, 1974) • TOUCHE PAS À LA FEMME BIANCHE (Marco Ferreri, 1974) • LA PUPA DEL GANGSTER (Giorgio Capitani, 1975) • DIVINA CREATURA (Giuseppe Patroni Griffi, 1975) • PER LE ANTICHE SCALE (Mauro Bolognini, 1975) • LA DONNA DELLA DOMENICA (Luigi Comencini, 1975) • CULASTRISCE NOBILE VENEZIANO (Flavio Mogherini, 1976) • TODO MODO (Elio Petri, 1976) • SIGNORE E SIGNORI, BUONANOTTE (Comencini, Loy, Magni, Monicelli, Scola, 1976) • UM DIA MUITO ESPECIAL (Una Giornata Particolare, Ettore Scola, 1977) • ESPOSAMANTE (Mogliamante, Marco Vicario, 1977) • DOPPIO DELITTO (Steno, 1977) • CIAO MASCHIO (Marco Ferreri, 1978) • COSÌ COME SEI (Alberto Lattuada, 1978) • AMOR E CIÚME (Fatto di Sangue tra Due Uomini per Causa di una Vedova, si Sospettano Motivi Politici, Lina Wertmüller, 1978) • L'INGORGIO (Luigi Comencini, 1979) • GIALLO NAPOLETANO (Sergio Corbucci, 1979) • LA TERRAZZA (Ettore Scola, 1980) • A CIDADE DAS MULHERES (Città delle Dune, Federico Fellini, 1980) • FANTASMA D'AMORE (Dino Risi, 1981) • A PELE (La Pelle, Liliana Cavani, 1981) • GABRIELA (Bruno Barreto, 1982) • CASANOVA E A REVOLUÇÃO (La Nuit de Varennes, Ettore Scola, 1982) • ATRÁS DAQUELA PORTA (Oltre la Porta, Liliana Cavani, 1982) • STORIA DI PIERA (Marco Ferreri, 1983) • HENRIQUE IV (Enrico IV, Marco Bellocchio, 1984) • L'ARMATA RITORNA (Luciano Tovoli, 1984) • AS DUAS VIDAS DE MATTIA PASCAL (Le Due Vite di Mattia Pascal, Mario Monicelli, 1985) • MACCHERONI (Ettore Scola, 1985) • GINGER E FRED (Federico Fellini, 1985) • I SOLITI IGNOTI VENT'ANNI DOPO (Amanzio Todini, 1985) • O MELISSOKOMOS (Theodoros Angelopoulos, 1986) • INTERVISTA (Federico Fellini, 1987) • OLHOS NEGROS (Oci Ciornie, Nikita Mikhalkov, 1987) • MISS ARIZONA (Pal Sandor, 1988)

* Disponíveis em vídeo

Escravo do Amor e Peça Inacabada para Piano Mecânico, ambos em 1977, e *Romance Cruel* em 1984. Mas em *Olhos Negros*, principalmente em função do talento de Mastroianni, sobressai a comédia. É verdade que o diretor — que não esconde de ninguém que seu filme favorito é *Oito e Meio* — tende às vezes a escorar-se no lado sério do italiano Federico Fellini: algumas cenas na estação de águas têm ao fundo uma triilha de Francis Lai que parece ecoar os sonhos de Nino Rota, como observou o crítico americano David Ansen. Outra americana, Pauline Kael, muito mais ácida, considera Mikhalkov um Fellini piorado, exageradamente lento e cheio de closes.

A verdade, contudo, é mais bem-humorada. A cena em que Romano, num terno impecável de linho branco, entra numa piscina de lama para recuperar o chapéu de Anna é primorosa. Merece figurar numa antologia da galanteria cômica. Essa foi a primeira vez que Mikhalkov, 42 anos, deixou sua terra para filmar — e escolheu a Itália animado com a perspectiva de trabalhar com Marcello Mastroianni. É evidente que acertou. Entre a fantasia italiana e a sátira à la Gogol, como observaram alguns críticos franceses, *Olhos Negros* é um alegre jogo de antagonismos, cuja melhor síntese talvez seja a pessoa ambígua de Romano/Mastroianni, com seu terno de linho luminosamente alvo enlameado por causa do chapéu da namorada.

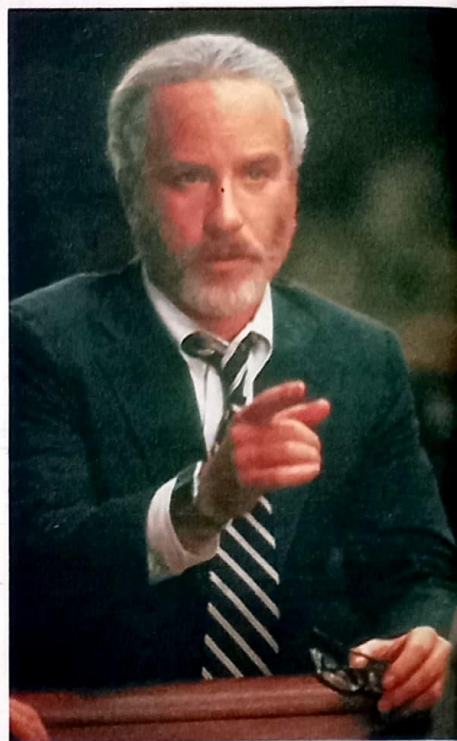
Adilson Nunes,
de Paris

Oci Ciornie, Itália, 1986 ■ DIREÇÃO: Nikita Mikhalkov ■ Com Marcello Mastroianni, Silvana Mangano, Marthe Keller, Elena Sofonova, Pina Cei ■ ROTEIRO: Alexander Adabachian, Nikita Mikhalkov, Suso Cecchi D'Amico, baseado em contos de Anton Tchekhov ■ FOTOGRAFIA: Franco de Giacomo ■ MÚSICA: Francis Lai ■ PRODUÇÃO: Silvia D'Amico Bendicó e Carlo Cucchi para Excelciur Film-TV RAI Uno ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films.

O DIABO DO ADVOGADO

Na cadeia,
Claudia espera
o julgamento
em que será
"defendida" por
Aaron (Dreyfuss)

Em *Querem me Enlouquecer*, Barbra Streisand é uma obstinada prostituta que entra em guerra com seu próprio advogado (Richard Dreyfuss) para não acabar num manicômio judiciário



Fotos Warner

Até onde vai o poder de um advogado, um médico ou um psiquiatra quando é posto em suas mãos o destino de um cliente? O quanto pode um cliente confiar num advogado, num médico ou num psiquiatra quando entrega seus problemas a um deles? O que é preciso para que contratante e contratado trabalhem em parceria sem que o prestador de serviços tome conta da situação de tal maneira que chegue a sobrepujar a própria vontade de quem está pagando por seu trabalho? Quando entram em choque suas opiniões, quem prevalece, o contratado — que deveria ser um expert em seu ramo e, portanto, o mais letrado e apto no assunto — ou o contratante — que se beneficiará ou não da decisão a ser tomada? Podem parecer questões teóricas que caberiam melhor num compêndio referente à ética nas relações de trabalho, mas, enfim, são esses os pontos principais levantados no decorrer de *Querem me Enlouquecer*. Baseado na peça *Nuts*, escrita por Tom Topor, *Querem me Enlouquecer* provoca o confronto de uma prostituta acusada de assassinato com o sistema judiciário e a comunidade psiquiátrica dos Estados Unidos. O

advogado de defesa quer amenizar a pena de sua cliente, alega "insanidade mental" da prostituta e sugere que a ré seja recolhida a um manicômio, e não a uma penitenciária. A ré, no entanto, se insurge contra a direção escolhida por seu advogado, agride-o fisicamente durante uma audiência e exige ser julgada como uma pessoa normal, em plena posse de suas capacidades mentais, mesmo que isso signifique uma pena dura. A acusada pode perder muito, com a verdade, mas por louca ela não quer passar.

Talvez por essa postura rebelde em relação ao *establishment* jurídico/médico/psiquiátrico, *Querem me Enlouquecer* teve aceitação restrita nos Estados Unidos, apesar do apelo — e do desempenho exemplar — da dupla superestelar formada por Barbra Streisand (no papel de Claudia, a prostituta) e Richard Dreyfuss (Aaron Levinsky, o representante da justiça gratuita escolhido para substituir o advogado originalmente escalado para a defesa de Claudia): o norte-americano médio dá plenos poderes a médicos, advogados e psiquiatras, poderes que muitas vezes colocam o profissional acima do domínio de seus próprios clientes. São classes fortíssimas, respeitadíssimas, nas quais se confia cegamente, aqui. E no momento em que *Querem me Enlouquecer* desafia essa fé cega, o público reage, no mínimo, com estranheza.

Os veteranos Maureen Stapleton
e Karl Malden, como o casal
Kirk; mais abaixo, Claudia
no banco dos réus

Além da polêmica natural levantada por essa trama central — há outros dramas embutidos no roteiro, tão ou mais inquietantes —, *Querem me Enlouquecer* foi recebido pelo público com frieza também por causa de sua forma: o roteiro adaptado do palco faz o filme se parecer com um filme que faz esforço demais para se assemelhar a uma peça, ou vice-versa.

Por mais que tenha gerado discussão, no entanto, *Querem me Enlouquecer* não pode ser acusado de ter saído ao contrário do que desejavam seus criadores. Se centralização de poder for indicativo de sucesso, *Querem me Enlouquecer* é um triunfo: é um filme desenvolvido, produzido, musicado e representado, pelo menos 70% do tempo, por uma única pessoa, Barbra Streisand. É, sem sombra de dúvida, o que a indústria cinematográfica costuma chamar *showcase*: um produto feito, basicamente, para que uma estrela estabelecida ou ascendente brilhe. E mesmo que a vaidade não tenha sido a força motriz por trás de *Querem me Enlouquecer*, Streisand segurou as rédeas de todo o projeto, do começo ao fim. Foi Barbra que fez o primeiro esboço do roteiro da peça de Topor para o cinema. Mais tarde, convocou dois outros roteiristas — Alvin Sargent e Darryl Ponicsan — e com eles continuou a burilar o filme. Por fim, escalou o diretor de fotografia Andrzej Bartkowiak — que realizara para ela um documentário sobre o disco *Broadway Album* — e o diretor Martin Ritt, veterano de outro filme “socialmente consciente”, *Norma Rae*.

Os pontos de vista de Ritt e Streisand convergiram num mesmo assunto: a verdade, custe o que custar. “Sempre acreditei no poder da verdade”, afirma Barbra no press-kit que acompanhou o lançamento do filme nos Estados Unidos, no ano passado. “Claudia é honesta, algumas vezes brutalmente honesta, mas a verdade é tudo que ela tem e ela se recusa a abrir mão dela.”

A prática acabou reforçando a ficção. Para se preparar para *Querem me Enlouquecer*, Barbra visitou

fóruns e instituições psiquiátricas espalhadas por Nova York e Los Angeles. Durante essa pesquisa, ela foi capaz de confirmar suas expectativas. “Ao mesmo tempo em que existem pessoas certamente competentes no comando (da justiça e da psiquiatria)”, diz Barbra, “você também encontra um punhado de advogados, juízes e psiquiatras que parecem ser mais irracionais do que seus clientes. Algumas vezes os clientes dizem a verdade sem hesitar e a verdade nem sempre é bonita. A verdade nem sempre é bem educada, polida. E eu acho essa falta de etiqueta social, essa honestidade, essa forma direta, absolutamente refrescante e atraente. É isso que eu amo em Claudia. Ela diz a verdade como ela é”.

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles 

Nuts, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Martin Ritt ■ Com Barbra Streisand, Richard Dreyfuss, Maureen Stapleton, Karl Malden, Eli Wallach ■ ROTEIRO: Tom Topor e Darryl Ponicsan & Alvin Sargent, baseado na peça *Nuts*, de Tom Topor ■ FOTOGRAFIA: Andrzej Bartkowiak ■ PRODUÇÃO: Barbra Streisand ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



PESADELO À AUSTRALIANA

Em Razorback—As Garras do Terror, o diretor de Highlander assusta em ritmo de videoclip

Com quatro longos anos de atraso, chega às telas grandes o sensacional *thriller* de estréia do diretor Russell Mulcahy, que depois se consagraria com *Highlander*. O filme está disponível em vídeo selado da VTI há um ano, sob a esdrúxula tradução de *O Corte da Navalha*. Esdrúxula porque o *Razorback* do título original se refere aos dentes de um certo tipo de javali gigante australiano... Mas não espere um mero filme-de-monstro.

Mulcahy, mestre das imagens alucinatórias e da montagem conceitual, foi adestrado na turma inglesa dos vídeos musicais. Toda primeira série de clips do Duran Duran, aqueles rodados em iates e terras exóticas, é dele. Foi convidado a estreitar em longa-metragem em sua Austrália natal pelos irmãos Hal e James McElroy, produ-



Fotos Sky Light

tores locais (de *Piquenique na Montanha Mágica* e *The Last Wave*, dirigidos por Peter Weir) que lhe submeteram o roteiro. O diretor entrou com todo seu virtuosismo visual e rítmico, compondo um filme chapantemente bem-acabado.

Mas não é só. Mulcahy soube explorar como ninguém as inóspitas paisagens de seu país e toda a esquisitice dos trambiqueiros do deserto, para dar clima a uma trama curiosa e de um certo humor subterrâneo. Uma jornalista americana, militante ecológica, vai à Austrália para fazer uma matéria contra a matança indiscriminada de

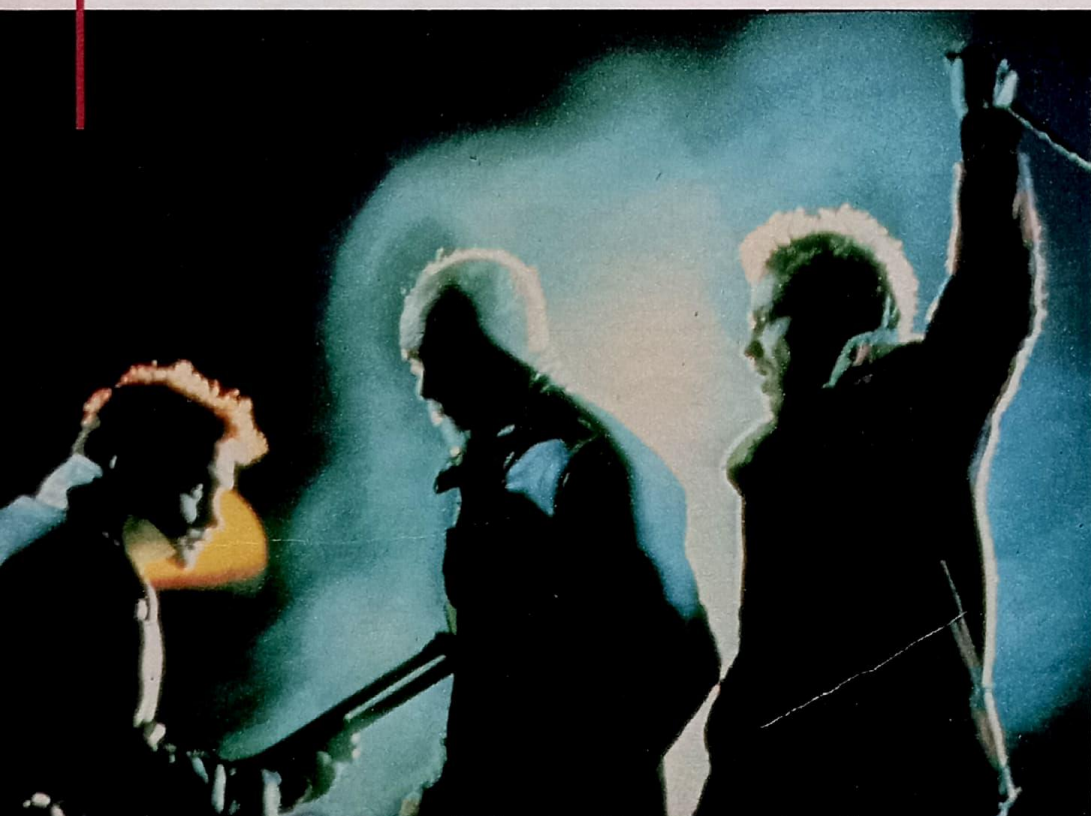
cangurus, transformados em ração para cachorro tipo exportação. Mas em um tórrido povoado ela vai encontrar, além do assunto pautado, uma dupla de doidões australianos de fazer inveja aos *brothers* tarados texanos de *O Massacre da Serra Elétrica*, sem falar do *razorback*... O desaparecimento da moça será mais um acontecimento mal explicado na comunidade, ciosa de seus segredos e avessa a intrusões como o marido da sumida, que vem investigar.

Quando a distribuidora americana do filme reclamou da violência excessiva de *Razorback*, com certeza não estava se referindo só às cenas sangrentas — que não são tantas nem tão hediondas —, mas também ao inquietante desconforto que vai tomando conta das plateias incautas. O pavor se filtra não só da presença ameaçadora do javali, mas também de todo um ambiente de pesadelo. A sórdida fábrica de enlatados, onde se dá o embate final, pulsa como o coração maligno de uma terra condenada. Um raro exemplo de domínio da técnica cinematográfica a serviço de um horror fundo, mais sutil do que as vísceras que, entretanto, não deixam de espirrar.

Alex Antunes

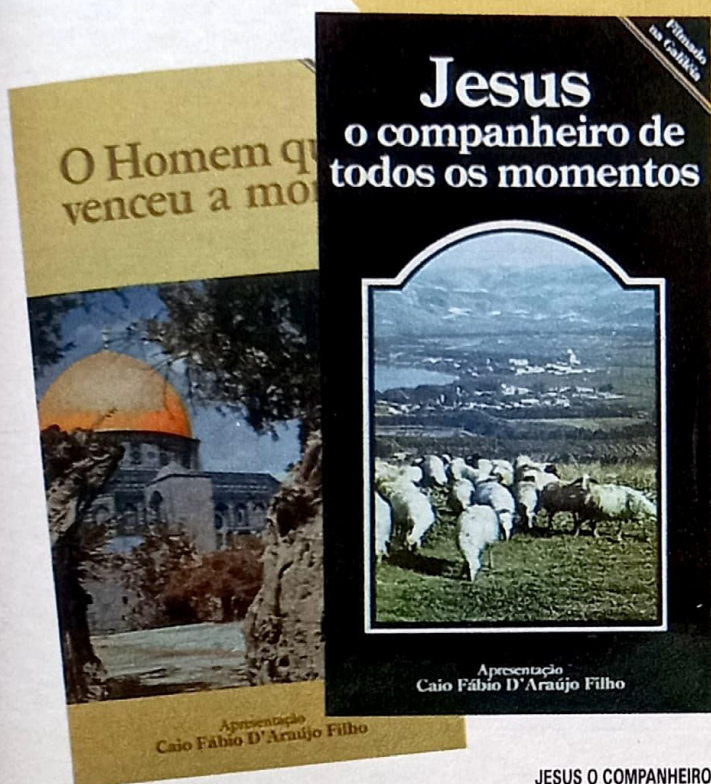
Razorback, Austrália, 1984 ■ DIREÇÃO: Russell Mulcahy ■ Com Gregory Harrison, Arkie Whiteley, Bill Kerr, Chris Haywood ■ ROTEIRO: Everette DeRoche, baseado em romance de Peter Brennan ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ MONTAGEM: William Anderson ■ MÚSICA: Iva Davies ■ PRODUÇÃO: Hal McElroy ■ DISTRIBUIÇÃO: Skylight

Pelos desertos, a ronda de bandidos cruéis e de um ou outro habitante mais hospitaleiro (no alto), banhados pela luz de delírio de Russell Mulcahy



Maio...Mãe...Vinde Vídeo

Neste mês a família brasileira está em festa.
A Vinde Vídeo quer proporcionar momentos de reflexão
com uma mensagem viva e restauradora... o evangelho.
Leve esta mensagem para dentro de sua casa!



JESUS O COMPANHEIRO DE TODOS OS MOMENTOS

Tendo a Galiléia como cenário e o Lago de Genezaré como inspiração, você será apresentado a um Cristo maior do que a religião. Filmado "in loco" na Galiléia.

O HOMEM QUE VENCEU A MORTE

Toda a trama armada contra Jesus em Jerusalém, não foi capaz de deter o homem que venceu a morte. Filmado "in loco" em Jerusalém.



OS BRUNECOS

Histórias infantis que valorizam princípios cristãos, apresentadas por bonecos animados que, de forma criativa e cativante, identificam-se com o dia-a-dia da criança.

fita 1 — O Chocolate

Qual é o Problema, Zé? -
Perdão - Orgulho - Pé de Coelho

fita 2 — Beleza Interior

Doação de Sangue - O Uniforme -
Vê se me Esquece - Prepara-te



VINDEVIDEO

NOVO ENDEREÇO: R. ANA PIMENTEL, 247 — 05002 — ÁGUA BRANCA — SÃO PAULO — SP — TEL.: (011) 62.0702

PROMOÇÃO ESPECIAL!!!
Ganhe Cz\$ 1.000,00
na compra de 2 fitas

REMETER CHEQUE NOMINATIVO
PARA VINDE VÍDEO PRODUÇÕES
CULTURAIS LTDA.
FITA DE VÍDEO: Cz\$ 5.750,00 CADA
PREÇO NORMAL:
2 FITAS — Cz\$ 11.500,00
PREÇO DE PROMOÇÃO:
2 FITAS — Cz\$ 10.500,00
ACRESCENTAR 5% SOBRE O
VALOR DO PEDIDO PARA
DESPESAS POSTAIS
PREÇO VÁLIDO ATÉ 31.05.88

JESUS O COMPANHEIRO DE TODOS OS MOMENTOS () Quant.
O HOMEM QUE VENCEU A MORTE () Quant.

OS BRUNECOS — FITA 1 () Quant.
OS BRUNECOS — FITA 2 () Quant.

NOME COMPLETO

AV, RUA, N.º, BL., APT.º

TELEFONE

CIDADE

ESTADO

Bairro

CEP

APOGEU E OCASO PUNK

Uma tragédia real e contemporânea é revista em Sid & Nancy — Amor Mata

O diretor Alex Cox (*Repo Man*) se propôs, em 1985, a uma tarefa delicada: recontar, depois de escassos oito anos, a história do amor e da morte de Sid Vicious e Nancy Spungen. Sid foi chamado, em março de 77, para substituir o baixista dos Sex Pistols. Enfrentou com o grupo o turbulento período em que invadiram a mídia internacional, balizados por um lado pelo oportunismo do empresário Malcolm McLaren, por outro pela fúria niilista da juventude punk que os adotou como emblema. As contradições detonaram a banda em menos de um ano. Sid tentou uma patética carreira solo. Foi parar em Nova York ao lado de Nancy, americana, ex-groupie (uma fã "íntima") dos Pistols desde Londres. Em outubro de 78 Nancy foi encontrada morta, esfaqueada em um quarto do Chelsea Hotel. Sid foi preso, alegando um pacto de morte só meio cumprido... Foi solto, fiança paga pelos amigos ingleses, e, quatro meses depois da morte de Nancy, morreu ou ma-



tou-se, em uma overdose de heroína. Cenas terminais da curta viagem punk, arrasada em seu autodestrutivismo.

Cox, inglês que acompanhou os acontecimentos de 77 e 78 a distância, de Los Angeles ("Os Pistols acabaram em janeiro de 78, em São Francisco, antes que eu pudesse vê-los"), achou que a explosividade punk merecia ser biografada na mesma velocidade em que se esgotou. E que era possível encontrar, sob os destroços da história escabrosa, uma legítima história de amor. Uma que se pudesse contar sem resvalar na pieguice ou no documentarismo estéril. Cox conseguiu. Com atores de teatro, Gary Oldman (Sid) e Chloe Webb (Nancy), ele inglês e ela americana, explorou o que os personagens tinham de mais relevante ("O Sid de verdade podia ser, frequentemente, um chato") com a mão leve, o bom hu-

mor e a despretensão já mostrados em *Repo Man*. Particularmente na primeira parte de *Sid & Nancy*, que corresponde ao auge do movimento: os primeiros shows da banda; a provocação ao jubileu da Rainha em um passeio de barco pelo Tâmis.

Mas muitos "especialistas" em punk não gostaram. Um mito, disseram eles, não devia ser tratado com tanta ligeireza. E o herdeiro Johnny "Rotten" Lydon (vocalista dos Pistols) não deveria ter sido interpretado (por Drew Schofield) como um bastardozinho infantil e arrogante, pequeno demais diante do visceral Sid e menos honesto, em certo sentido, que o manipulador descarado McLaren. Também pareceu sacanagem convidar, para a trilha sonora, dois "sobreviventes" como Joe Strummer, o líder do grupo rival Clash, e o próprio baixista que Sid substituiu. Lydon, hoje à



Sid (Oldman), entre o destrutivo
amor de Nancy (Webb)
e o destrutivo rock dos Sex Pistols
(com Rotten/Schofield):
a juventude sem saídas



Fotos Alvorada

frente do Public Image Ltd., negou que tivesse ajudado Cox a reescrever alguns diálogos ("Quando conversei com ele eu estava bêbado") e ameaçou o diretor com um processo judicial. Depois desistiu.

A encenação de Cox, porém, exala pertinência, integridade. Gary e Chloe entenderam Sid e Nancy ao ponto de improvisarem a cena-chave, a do assassinato, com um misto de crueza e ternura inenarrável. Ponte para uma conclusão otimista, como só um bom cineasta e humanista sincero conseguiria extrair da reconstituição de duas mortes sórdidas.

Alex Antunes **ET**

Sid & Nancy — *Love Kills*, EUA, 1987. DIREÇÃO: Alex Cox ■ Com Gary Oldman, Chloe Webb, Drew Schofield, David Hayman ■ ROTEIRO: Alex Cox e Abbe Wool ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MÚSICA: Joe Strummer, The Pogues e Pray for Rain ■ PRODUÇÃO: Eric Fellner ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada

Superposter TITÃS

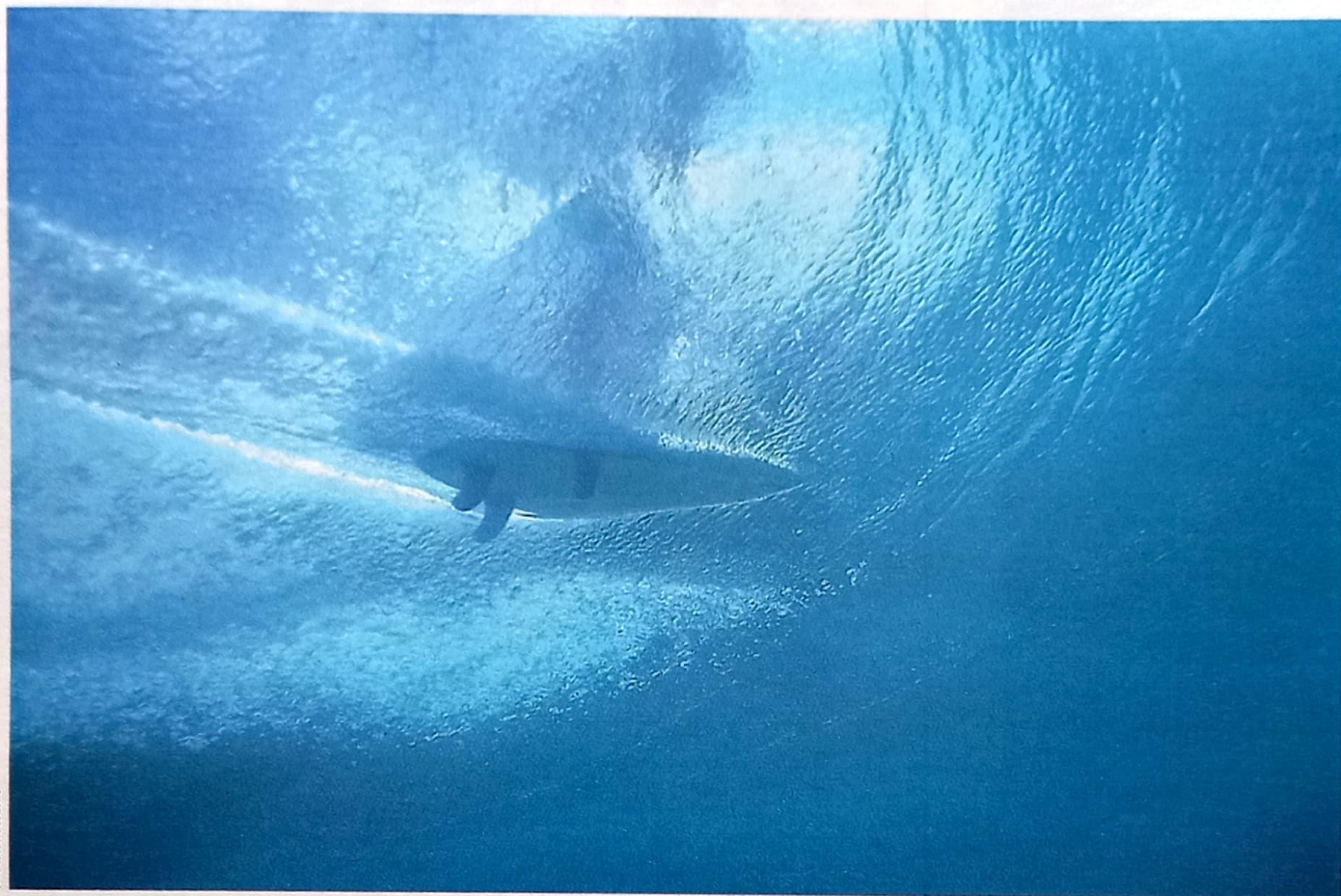
Os leitores
de BIZZ
elegeram:
o melhor
grupo e o
melhor LP
de 87.



Poster gigante, fotos incríveis, história completa do grupo, perfis e discografia. Tudo sobre os Titãs.

NAS BANCAS

DESCUBRA A MAGIA DO SURF



Alberca de Alvaro Sotelo

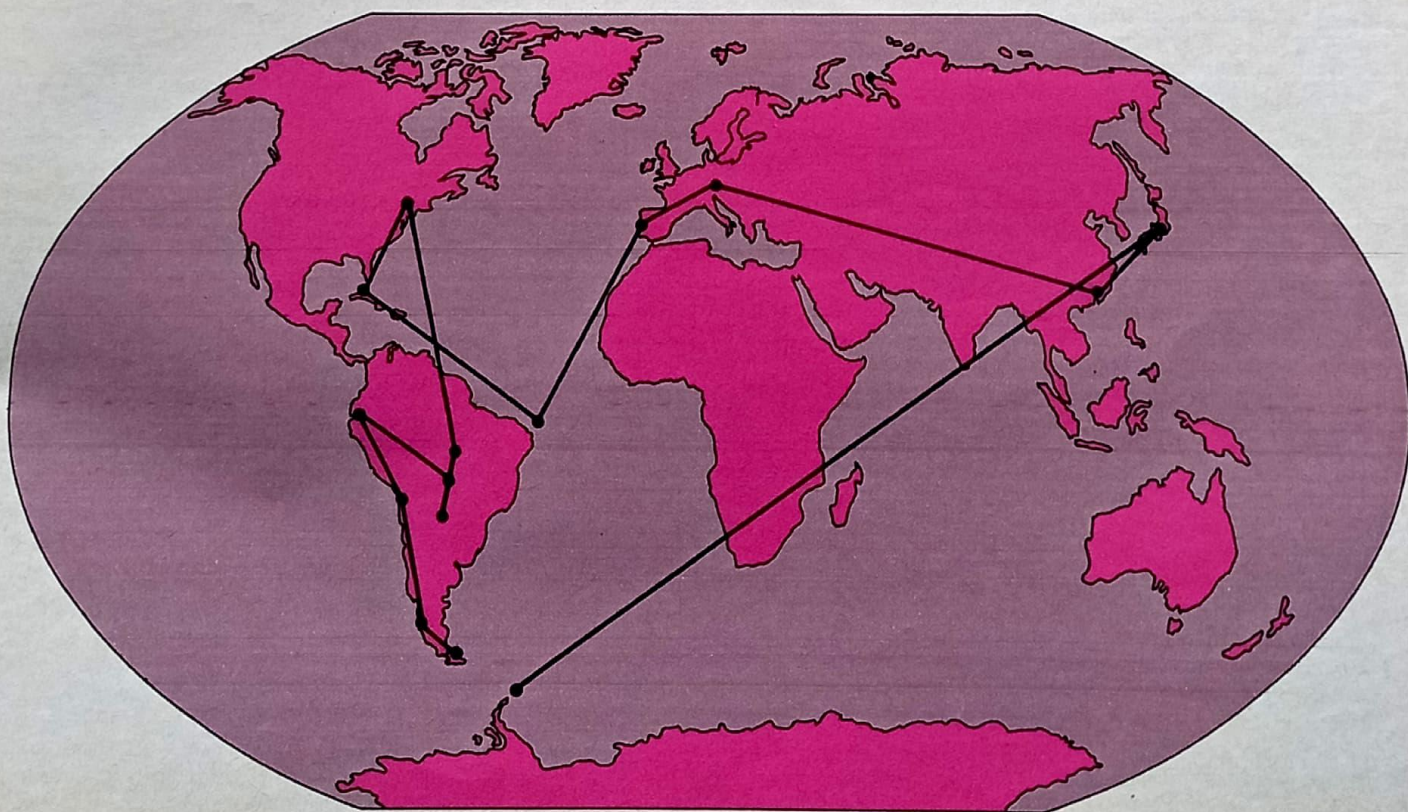
O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA
FLUIR

S U R F É F L U I R

A VOLTA AO MUNDO EM 11 VÍDEOS

A proposta de viajar sem passaporte — no mínimo surrealista e no máximo alucinante — é agora possível. Segredos da Cidade Proibida em Pequim, a velocidade capitalista de Tóquio, o “mar salgado” de Portugal, a água azul de Fernando de Noronha, as alturas virgens dos Andes: as distâncias esperam pelos olhares. Em lugar de passaporte, leve um bom documentário para casa. Quem não acredita que um documentário carregue as emoções, terá uma expedição repleta de surpresas. Quem é muito legalista e não gosta de excursões clandestinas, finja que está somente vendo reportagens no vídeo-cassete, com todo o respeito que a alfândega tem feito por merecer. O roteiro é uma cortesia de SET.





O VOO DO CONDOR

(The Flight of the Condor, Inglaterra, 1985)

Direção: Michael Andrews. VTI.

Começamos nas alturas, ao lado dessa ave típica dos Andes. A produção da BBC garante o conforto a bordo deste documentário. O ponto de partida é a silenciosa Patagônia, mais precisamente a Tierra del Fuego, no extremo sul da América Latina. As águas geladas da Antártida determinam uma vegetação especialmente rica, ao lado da qual proliferam espécies de animais que têm sido a coqueluche da Biologia. Charles Darwin, por exemplo, antes de publicar sua teoria revolucionária em *A Origem das Espécies*, em 1851, pesquisou formas vivas da região. Entre tantas, nenhuma seria mais apropriada para servir de guia turístico do que o condor. Ave migratória, ele passa a vida voando por toda a extensão da Cordilheira dos Andes, que cobre quase todo o comprimento do continente. As imagens não poderiam ser mais gratificantes. O cinegrafista sobrevoa os cumes de neves eternas e, através das cordilheiras chilenas, transporta o espectador em vãos rasantes, descendo da imponência das montanhas para os vales de lagos e jardins naturais. A câmera não deixa de fazer uma escala no imenso e intrigante deserto que sobe do Chile até a Bolívia, numa espécie de corredor árido de até 80 km de largura. Na Bolívia, uma parada no lago mais célebre do continente:

o Titicaca. A vegetação é seca, a temperatura, baixa, e o turista vai conhecer os habitantes humanos dessa natureza inóspita, instalados a 4 000 metros de altitude. Mas a visita é breve, e logo voamos em direção ao Equador, onde geleiras despenham na nascente do maior rio do mundo, o Solimões/Amazonas. Se o condor é um excelente guia visual, a locução apresenta um texto exato, exemplar. O explorador/espectador termina a primeira parte de sua viagem com a sensação de que palavras e imagens podem se combinar muito bem. E toma fôlego para prosseguir o roteiro, logo mais a leste, ainda na floresta amazônica.



XINGU

(Brasil, 1985)

Direção e Apresentação: Washington Novaes. Manchete Vídeo.

No alto do Xingu, o turista do vídeo vai conhecer um mundo que parece não ser deste planeta, mas que resiste dentro deste país. Várias tribos vivem ainda na idade da pedra no Parque Nacional. A viagem que até aqui era velocidade e extensão torna-se profunda e quase mística, conduzida neste trecho pelo deslumbramento do jornalista Washington Novaes. A fotografia comovente traz à tela uma realidade que antes chegou aos livros (como *Quarup*, de Antônio Callado, e *Maira* de Darcy Ribeiro). Quarup é a festa ritual que evoca os cerimoniais da guerra, os mortos e a identidade do povo. Mas nesse trabalho que con-

sumiu alguns meses da equipe no Xingu, Novaes desvenda outros mistérios, como o ingresso na vida adulta do jovem índio, a comunicação visual na tribo e o significado da pintura dos corpos. Novaes desvenda também outras misérias, como a ameaça de extinção que ronda todas as tribos e a vergonhosa política da Funai. No ano passado, o jornalista voltou à região e fez um novo documentário, confirmando perspectivas de desaparecimento de culturas inteiras, tão ricas. O segundo, porém, ainda não chegou às locadoras — e é mais trágico e deprimente do que propriamente belo. E é sob o impulso da beleza que o turista vai seguir viagem, rumo ao sudoeste.



PANTANAL... UM ESPETÁCULO À PARTE

(Brasil, 1987)

Bonásio Produções e Vídeo. Phoenix Home Vídeo.

Aterrissamos na pujança ecológica do Pantanal Mato-grossense. O fantasma da destruição da natureza é, porém, mais ameaçador do que no Xingu — e é contra ele que nossos guias turísticos se insurgem. Prepare-se, portanto, para uma escala de militância verde dentro do roteiro. As imagens comecem registrando as muitas faces do ecossistema, um complexo de rios, vegetação exuberante, luz farta e uma infinidade de espécies biológicas. O alerta é preocupante: os inimigos da vida chegam de todos os lados, como agrotóxicos, caçadores,

garimpeiros. Por isso, é indispensável uma passadinha por um campo de garimpo e saber como ele devasta a terra e como desgasta o homem. Nossa próxima parada é ainda no Brasil: Serra Pelada.

ERNESTO VARELLA — DE SERRA PELADA A NOVA YORK

(Brasil, 1984/85)

Direção: Fernando Meireles e Marcelo Tas. Olhar Eletrônico/Abril Vídeo.

Aqui o turista madruga. Às seis e meia se levanta, dando risadas com o cicereiro local, o jovem repórter Ernesto Varella (nome "artístico" de Marcelo Tas). Milhares de homens-formiga enlameados cavoucam palmo a palmo. Com seu inacreditável senso de humor, nosso guia nos conduz pelas ribanceiras do maior centro (e o mais primitivo) extrativista de ouro da América, em pleno Estado do Pará. A solidão, a ausência absoluta da mulher (hoje, a presença feminina é garantida), a esperança interminável (terminal?) de encontrar o metal levam o garimpeiro, cada vez mais, para o fundo do buraco. Só para compensar, a excursão agora vai para o topo. Da lama para o lamê, Nova York lá vamos nós, com o mesmo Varella de cicereiro. Varella quer mostrar por que os cidadãos da ilha de Manhattan têm tanta pressa. Eles precisam de dinheiro para gastar naquela cidade. Andamos pela 5.^a Avenida, nos perdemos pelo metrô e caímos no temido bairro do Bronx (reduto de negros, hispanos e latinos) e ouvimos seus habitantes sobre a vida americana. Passamos ainda por East Village com seus punks desconfiados e turistas japoneses, para depois chegarmos em seguida ao cume: Wall Street, o maior centro financeiro do mundo, espinha dorsal do

capitalismo, na terra do Tio Sam. Depois disso, que tal conhecer o calcanhar-de-aquiles do Tio? Ainda sob os auspícios de Varella, embarcamos para a ilha socialista de Fidel Castro.

ERNESTO VARELLA EM CUBA

(Brasil, 1985)

Direção Marcelo Tas e Tonico Mello. Olhar Eletrônico/Abril Vídeo.

Não é à toa que a península da Flórida, como um dedo em riste, aponta na direção de Cuba através do Golfo do México. Na orla cubana, a arquitetura espanhola denota os traços da colonização. Mas a melhor maneira de conhecer um país é andar por suas ruas — que lá em Havana se parecem com Salvador ou Recife — e conversar com os habitantes. Eles contam sobre seus hábitos e, no microfone que Varella segura, sempre há uma declaração divertida. Como no Brasil, a unanimidade nacional cabe dentro de uma garrafa: é a cerveja. E lá também existe a forte influência americana, embora com uma qualidade superior àquela que ocorre no Brasil. Lá, o escritor Ernest Hemingway é herói e Ronald Reagan ou John Kennedy não passam de vilões. Da forte influência africana, o espectador poderá assistir danças e rituais de santeria, trazidos pelos africanos escravizados pelos espanhóis. Semelhanças com o Brasil não se contam. Só para matar as saudades, vale uma passadinha, ainda que periférica, pelo território pátrio, ou melhor, pelo mar territorial...

FERNANDO DE NORONHA — A ESMERALDA DO ATLÂNTICO

(Brasil, 1987)

Direção: Walter J. Bonásio. Phoenix Home Vídeo

No século XVI, esse ponto estratégico era chamado de *Esmeralda do Atlântico*, por estar incrustado em alto-

mar como uma pedra verde. De fato, se não fosse a localização estratégica, o arquipélago poderia ser objeto de luta entre portugueses, holandeses e franceses apenas por sua beleza natural. Beleza que a câmera não deixa escapar, seja acima do nível do mar, seja embaixo d'água. As filmagens submarinas desvelam um aquário natural impressionante. Nas praias, as ondas estourando nas rochas elevam para o céu enormes cortinas líquidas. No chão de Fernando de Noronha, encontramos os fortes que os conquistadores que vinham em caravelas deixaram fincados e as construções que abrigavam os presos políticos da ditadura de Getúlio Vargas. Mas voltemos logo para o mar, que um dia Portugal quis ter inteiro para si.



UM MERGULHO EM PORTUGAL

(Brasil, 1987)

Direção: Walter J. Bonásio. Sunshine Vídeo.

Se a Europa fita o mar, "os olhos com que fita é Portugal", e por causa disso levou o apelido de *Janela da Europa*, pois, afinal de contas, fica meio projetado para o centro do oceano, na quina da Península Ibérica. Em Lisboa, castelos da época da dominação Moura contrastam com as avenidas modernas. A cidade do Porto, dona das melhores uvas da Europa e do característico vinho do Porto, comparece com suas praias douradas. A seguir, rumamos para a Ilha da Madeira. Guitarras portuguesas embalam os caminhos por estradinhas sinuosas que levam a povoados nas monta-

nhas. Um cenário aconchegante que um aventureiro viajante como Cristóvão Colombo escolheu para se casar. Mas vamos agora mais para leste, no coração do continente europeu.

VIENA

(Vienna — Pictures of a Town, Austria, 1983)

Direção: Walter Zupan. Nacional Vídeo.

Essa cidade incorpora uma indisfarçável realza. Às margens do rio Danúbio, Viena ganhou de Johann Strauss o seu hino não-oficial, a valsa Danúbio Azul. Foi a capital da música. Mozart, Bach, Beethoven e outros viveram lá. De alguma forma, até hoje preserva essa alegre tradição musical. Anônimos velhinhos tocam violinos nas praças públicas. Todo ano o Baile da Ópera de Viena, evento real no calendário, cultiva a melhor tradição da cidade. O espectador faz um passeio agradável pela marcante arquitetura vienense. O Parlamento homenageia a primeira democracia da modernidade. Há também inúmeros teatros, pátios, sacadas, bulevares, fontes, jardins e os típicos cafés ao ar livre. Os tocadores de realejo reforçam um ditado: "Não é possível deixar um vienense de mal com a vida por muito tempo". A alegria civilizada e inquebrantável dos vienenses vai contagiar o "videovisitante". E vamos seguir, levando uma contida alegria na bagagem, para o centro da Ásia. Sempre para o leste, sempre para o centro.

CHINA - O IMPÉRIO DO CENTRO

(Brasil, 1987)

Texto e Direção: João Moreira Salles. Manchete Vídeo.

De cara aterrissamos em Hong Kong à 1 hora da manhã, onde imponentes espigões de vidro tomam conta da cena e dos negócios



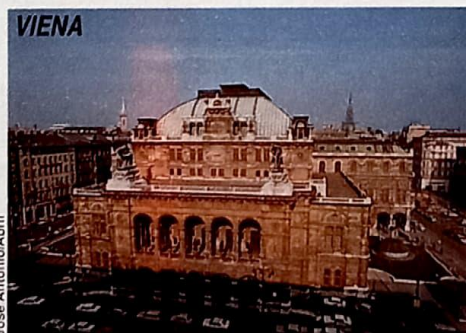
Flávio Canalonga/Abril

DE SERRA PELADA A NOVA YORK



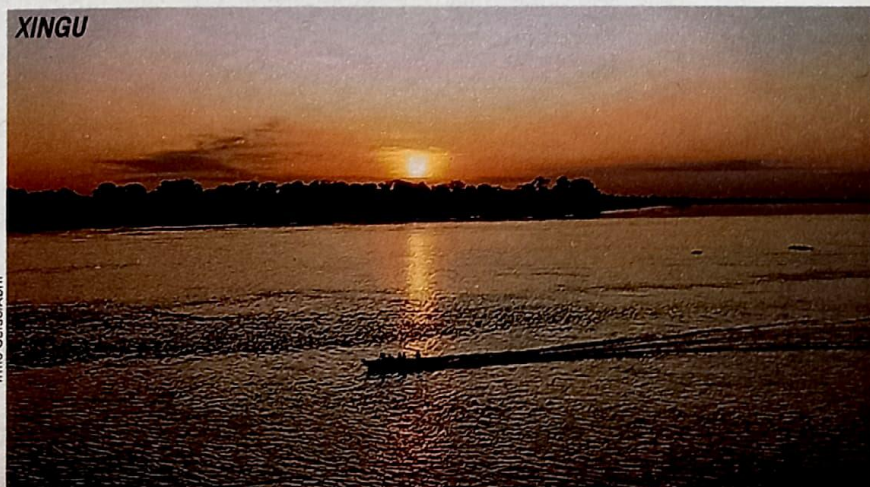
Phoenix

FERNANDO DE NORONHA — A ESMERALDA DO ATLÂNTICO



José Antonio/Abril

VIENA



Irmão Celso/Abril

XINGU



Guto de Abranches/Azul

ERNESTO VARELLA EM CUBA



VLT

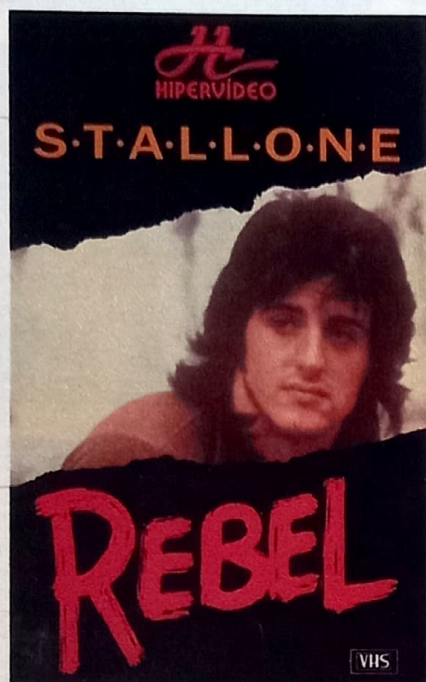
O VÔO DO CONDOR



Cláudio Lorange/Abril

UM MERGULHO EM PORTUGAL

HIPERVÍDEO 88

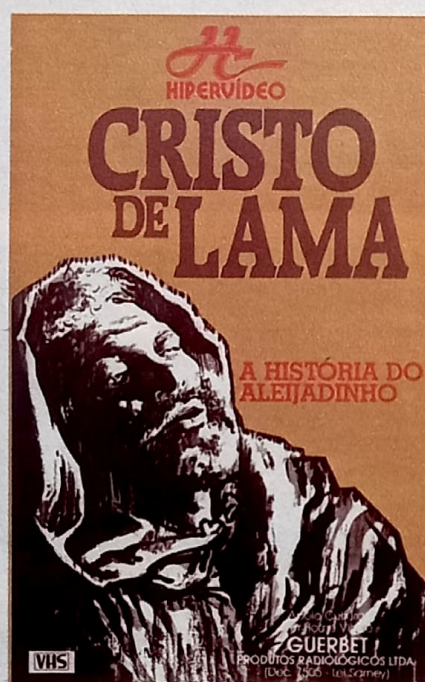


REBEL
Sylvester Stallone
Estados Unidos,
final da Guerra do
Vietnã. As graves
consequências
sociais do conflito
envolvem
perigosamente a
juventude do País.
Stallone vive aqui
um dos seus
primeiros papéis
no cinema.
IMPERDÍVEL!



SHOW DE HORRORES
Art Video
Stephen King e
George Romero,
os dois grandes
mestres do terror
e do suspense, num
vídeo fantástico
com três originais
histórias do
macabro. Show de
Horrores é bom até
o último susto.
ARREPIANTE!

CRISTO DE LAMA
De Wilson Silva.
A vida e a obra do
Aleijadinho, o
maior dos mestres
escultores do século
XVIII. Vencendo
a doença, ele
conseguiu escrever
seu nome na
história da arte
mundial.
EMOCIONANTE!



20.000 LÊGUAS SUBMARINAS
Hanna-Barbera
A fábula imortal
de Julio Verne
maravilhosamente
adaptada num
vídeo emocionante.
Um monstro de
origem misteriosa
ronda os oceanos.
Uma fragata é
indicada para
matar o monstro
ou provar que ele
não existe.
INCRÍVEL!



transnacionais. O trânsito incessante nos leva a perguntar se essa é a China milenar. Mas, ao entrarmos no Teatro de Ópera de Pequim, nossa dúvida se dissipa. Notamos a distinção e a centralização da perene sabedoria chinesa na Cidade Proibida, no centro de Pequim, com majestosos pátios dentro de pátios, de onde o primeiro imperador comandava a nação e, no Templo do Céu, falava com Deus. As sinuosas e esplêndidas Muralhas da China compõem a melhor imagem de si mesmas. O país tem 1 bilhão de habitantes (1/5 da população do planeta), e em Pequim, às 7h30 onde agora estamos, a afluência de bicicletas é febril. Mas, apesar da pujança urbana, que busca o tempo perdido, quatro entre cinco chineses vivem no campo, ou seja, nada menos que 800 milhões. Os infundáveis campos percorridos não permitem uma diferença nítida entre passado e futuro — aqui o camponês sente a vida lenta e profundamente. Todo chinês, ao amanhecer, pratica o tai-chi-chuan, para “encontrar seu eixo imaginário”, que, uma vez ajustado, regula o fluxo de energias Yin/Yang e estabelece uma relação de harmonia com o universo. Partem daí a medicina, a arte e a filosofia de vida. Em Xangai, a maior cidade da China, com 11 milhões de habitantes, as pessoas praticamente se espremem em busca de espaço — nas ruas, nas lojas, em todo lugar. A média de velocidade no trânsito (de 9 km/hora) faz da bicicleta o transporte definitivo. Vejamos as intermináveis bicicletas deslizando em Xangai para depois seguirmos viagem por estradas que se alongam em direção ao nada — o deserto de Taklamakan. Os poucos chineses daqui suportam um calor de até 50 graus. Um pouco adiante temos Turfan — o grande oásis, já visitado no século XIII

por Marco Polo. Já a fronteira perto do Afeganistão parece medieval e paleolítica: os homens rezam cinco vezes ao dia nas mesquitas, e as mulheres de véu eterno rezam nos cemitérios. Aqui o islã domina. Um provérbio chinês diz que “a China não é obscura, mas difícil”. Primeiro houve o império, depois a longa e instável Revolução de Mao que tanto influenciou o Ocidente. Agora, Coca-Cola com Deng Xiaoping. Mas o capitalismo pra valer está ilhado, logo adiante no país do Sol Nascente.



JAPÃO — UMA VIAGEM NO TEMPO

(Brasil, 1986)

Direção: Walter Salles Jr.
Manchete Vídeo.

Essa reportagem não poderia ser mais saborosa: tanto que acabou ditando o estilo que a mesma equipe repetiu na China. Em Tóquio, se alguma coisa lembra os índios do Xingu, alguma coisa os renega. Como os índios na Idade da Pedra há milhares de anos, os nipônicos sabem conservar uma tradição milenar. A velocidade do capitalismo renega a tradição, mas não é capaz de sepultá-la: Tóquio é o centro do avanço tecnológico, uma irremissível potência econômica. Crianças em idade pré-escolar manipulam microcomputadores, preparando-se para ingressar num mercado de profissionais tão competitivo como eficiente. A densidade demográfica é apavorante, mas só à primeira vista. É genial a forma como a sociedade convive com ela. Nos metrô abarro-

tados, guardas especialmente equipados com simples luvas brancas empurram a massa humana como se acomodassem ovelhas dóceis na carroceria de um caminhão. A vida de um cidadão de Tóquio parece obedecer à lógica de uma linha de montagem. A crise de espaço e os engarrafamentos estimulam soluções espantosas: os hotéis-colméia acomodam os hóspedes em gavetas, onde há televisão, geladeira, ar-condicionado, mas onde não é possível ficar de pé. Talvez por isso as minúcias da vida sejam tão importantes. Os guardas em geral não portam armas e o índice de criminalidade é um dos menores do mundo (embora a tevé seja uma das mais violentas). As taxas de suicídio, porém, são altas. Criado no espírito do clã e da quase obstinada busca da perfeição, o japonês não admite o fracasso ou a vergonha — um sentimento que se agrava na competitiva sociedade capitalista. Mas é quase hipnótico o espetáculo japonês de tentar conciliar a sabedoria oriental e o espírito dos samurais com o mundo moderno e ocidentalizado. O escritor Yukio Mishima matou-se em 1970 por conta dessa improvável conciliação. A nação do Sol Nascente, contudo, sobrevive, com a dignidade de quem se supera às bombas atômicas.



ANTÁRTIDA — A ÚLTIMA FRONTEIRA

(Brasil, 1986)

Manchete Vídeo.

Voltemos ao extremo sul, num ponto bem próximo



Corciliano Dias Neto/Abril



Sipa-Press

CHINA — O IMPÉRIO DO CENTRO



Sipa-Press

àquele do início da nossa viagem. A bordo do navio Barão de Teffé, prepare-se para enfrentar temperaturas de 10 graus negativos e ventos de mais de 200 km/h. Desde que foi instituído o Programa Antártico Brasileiro, essas expedições regulares consolidam a base de pesquisa brasileira, instalada em 1983. Nessa viagem, o espectador acompanha o percurso, quilômetro a quilômetro, com seus encantos e percalços, como os icebergs que ameaçam os cascos das embarcações. No acampamento (a base) dos cientistas, o vento, a neve e o frio completam

a hostilidade do ambiente. Mas pinguins e alguns leões marinhos “quebram o gelo” com uma presença simpática. A equipe nacional estuda o Crio — um tipo de alga que pode ser uma fonte importante de alimento em grande quantidade. Boas notícias. Outra boa notícia é que o “videoturista” está de volta ao território brasileiro, depois de dar a volta ao mundo em 11 vídeos.

Seleção e resenhas de Walter Silva.
Os vídeos foram cedidos pelas Distribuidoras e Rentacom (826.4399), em São Paulo.

RONIN

By Frank Miller

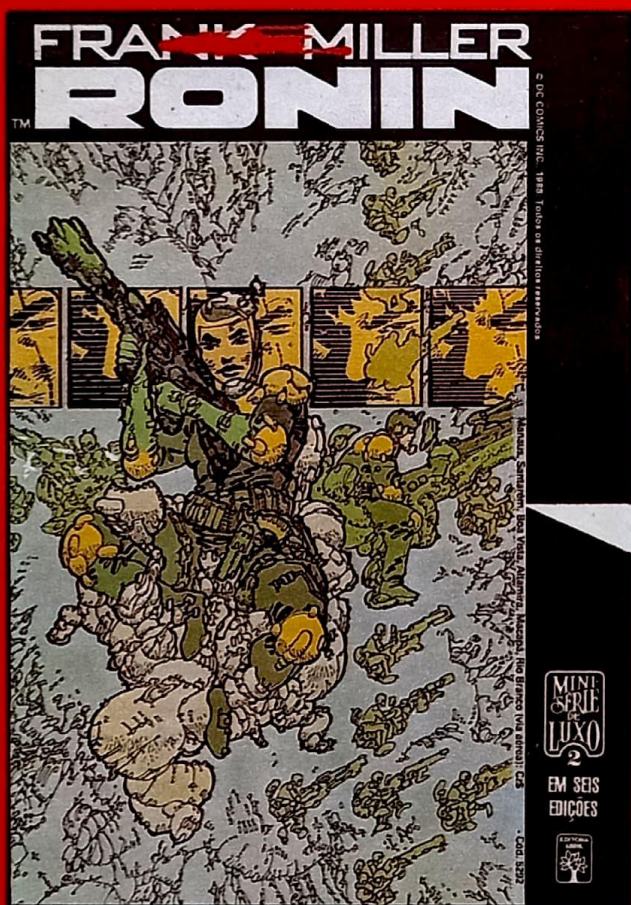


© 1988 DC Comics Inc.

Após ter vagado pelos esgotos subterrâneos do Complexo Aquarius, Ronin sai para as ruas e inicia sua busca pela espada mágica. No seu caminho, contudo, estão os patrulheiros de Aquarius e a ira terrível do Demônio Agat!

**O N.º 2 JÁ ESTÁ
NAS BANCAS**

- MINI-SÉRIE DE LUXO EM QUADRINHOS
- 6 EDIÇÕES
- FORMATO ESPECIAL



QUADRINHOS SUPER-HERÓIS, SEMPRE NA VANGUARDA.

VENHA ASSISTIR SEU FILME COM TODO O CONFORTO EM NOSSAS SUÍTES.

PROMOÇÃO PERNOITE

Entrando às 23 horas e saindo
às 12 horas do dia seguinte,
você pagará somente o
correspondente a 6 horas.



Amor com muito mais qualidade

Reservas: tel.: 223-4104 — Rua Sacadura
Cabral, 136 — Rio — Bem no centro da cidade.

FILMOTECA

por Rodrigo Merheb

NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS

(Stagecoach, 1939)

Com um roteiro inspirado no conto *Bola de Sebo*, de Maupassant, John Ford dirigiu *No Tempo das Diligências* treze anos depois de ter realizado seu último *western* mudo. Esse retorno seria decisivo para que o gênero ganhasse uma aura de classicismo, que é uma de suas principais características. Foi o primeiro filme de Ford protagonizado por John Wayne, inaugurando uma dobradinha que se prolongaria por mais de 20 anos. Distante do ator esplêndido que ele mostraria ser em *Rastros de Ódio* e contracenando com artistas de peso como John Carradine e Thomas Mitchell (premiado com o Oscar de melhor ator coadjuvante), Wayne construiu um personagem que passou a ser o protótipo do cowboy: corajoso, íntegro e solitário. Esta imagem se tornou universal. Foi também o primeiro dos nove filmes que o diretor rodou no Monument Valley, uma região situada entre o deserto de Arizona e Utah, magestosa, realçada por imagens tão integradas à ação que o lugar passou a ser conhecido como "Terra de John Ford". É justamente no plano formal que reside a maior força de *No Tempo das Diligências*. Nove pessoas viajam de Tonto para Lordsburg através do deserto: um pistoleiro, uma prostituta, um jogador, um médico, um vendedor de bebidas, a esposa de um oficial, um banqueiro, o xerife e o cocheiro. Uma situação inicial que permite a centralização da trama, alicerça fundamental para a maioria dos grandes *westerns*. Mas, como dizia o próprio John Ford, "o que define o cinema é a maneira de narrar. As situações são apenas ponto de par-

tida e é preciso ultrapassá-las". Dentro de uma análise superficial *No Tempo das Diligências* seria apenas uma reunião de elementos que se transformaram em clichês, diluídos nas mãos de diretores menos competentes e até mesmo de autores como Sam Peckinpah e Sergio Leone, responsáveis por uma nova leitura do gênero. Mas John Ford não apenas criou a fórmula, ele também soube manipulá-la como ninguém. É a sua genialidade e domínio sobre a linguagem cinematográfica que faz com que a sequência de ataque dos apaches à diligência mantenha ainda hoje o mesmo impacto, apesar de ter sido copiada até a exaustão. Se a dinâmica dada às cenas de ação pertence mais à mitologia do *western*, a estruturação dramática pode ser identificada como tipicamente fordiana. O pequeno espaço a que os personagens estão limitados favorece a exploração das tensões do grupo. Como isto ocorre sempre num momento de caos, alguns conceitos passam a ser inúteis, surgindo outros pautados unicamente pelo humanismo. Neste confronto, a preferência recai sobre os indivíduos marginalizados, no caso a prostituta Dallas, o pistoleiro Ringo Kid e o médico alcoólatra, Dr. Boone. Opção que tem por princípio uma desconfiança em relação aos códigos morais que regem a escala de valores. Uma ética particular que John Ford manteria até *Sete Mulheres*, seu último filme.

Rodrigo Merheb, 23 anos é jornalista do semanário *Gazeta Regional de Viçosa* — MG e prepara uma biografia de John Ford.



Bancroft,
Wayne e
Trevor
perdidos no
Monument
Valley

COMPLETE JÁ A SUA COLEÇÃO DE SET

Peça pelo reembolso postal os números atrasados que você ainda não tem.

É só enviar o cupom abaixo para:

REVISTA SET, Editora Azul, Estrada Velha de Osasco, 132, CEP 06040,
Osasco-SP, aos cuidados de "Números Atrasados".

Não mande dinheiro agora. Pague somente ao receber.



Nº 1

- Os 100 vídeos imperdíveis;
- Mickey Rourke;
- Nastassja Kinski.

Nº 2

- As supermoças da tela;
- 50 vídeos de guerra;
- Fred Astaire.

Nº 3

- Jack Nicholson volta às telas;
- Vídeo: 30 comédias malucas;
- A história do chapéu no cinema.

Nº 4

- Os melhores vídeos de sexo;
- RoboCop - o tira do futuro;
- Brian De Palma e Hector Babenco.

Nº 5

- Cicciolina - entrevista e fotos;
- Os Intocáveis e Kevin Costner;
- Vampiros - os mais célebres do cinema.

Nº 6

- Viagem Insólita, de Joe Dante e Spielberg;
- Robert De Niro, e suas mil faces;
- Kim Basinger - exclusiva;
- Os melhores livros de cinema.

Nº 7

- Nascido para Matar, de Kubrick;
- Tarzan - 70 anos de cinema;
- O Último Imperador, de Bertolucci.

Nº 8

- Christophe Lambert, exclusivo;
- O Beijo no Cinema - Ensaio Fotográfico;
- Seleção em Vídeo - 30 aventuras no mar.

À REVISTA SET - EDITORA AZUL - "NÚMEROS ATRASADOS"

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados, abaixo assinalados por um X, ao preço unitário da última edição de SET em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

SET-10

EDIÇÃO Nº ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____ CEP _____ ESTADO _____

Se você não quiser recortar a sua revista, copie numa folha a parte ou envie seu pedido por uma cópia xerox.





EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvia Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor: Eugênio Bucci
Assessor Especial: Alex Antunes
Secretário de Redação: Dilson P. Gomes
Redação: José Geraldo Couto
Assistente de Redação: Walter Silva

ARTE
Editor de Arte: Michel Spital
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar, Eva Joory e Jader de Oliveira (Londres), César Garcia Lima, Silvano Michelino e Adilson Nunes (Paris), Donald Ranvaud (Madri), Jair Rattner (Lisboa)
Colaboradores

Texto: Antonio Querino Neto, Bia Abramo, Carlos Volpato, Celso Salles Pucci, Chico Bezerra, Christian Petermann, Daniel Benevides, Daniela Baudouin, Fernão Ramos, Leda Rosa, Leon Cakoff, Marcel Plasse, Marcelo Kahns, Rodrigo Merheb, Thomas Pappon, Vivien Lando, Walter Silva
Arte: Angelo Asson
Fotos: Carlos Mancini, Guto de Abranches, Leon Cakoff, Mauricio Valladares, Pedro Gomes
Revisão e Preparação de Textos: Edmundo Juarez Filho
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Wilson Roberto Spamer (São Paulo), Elza Marques (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade - Gerente: Edna K. Burigo

Serviços Editoriais
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, Rue de Miromesnil, 75008 - Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aulá Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Bolderline
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Vani de Pieri

EDITORA AZUL

Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Telegramas: Editabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fatais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Circulação desta revista, abril. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lasiri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

CRÍTICA AOS MELHORES

Na votação dos críticos para os melhores filmes de 1987 (SET n.º 6), foi com espanto que não vi na lista *Caminhos Violentos*. O filme aparece em todas as listas dos melhores publicadas pela imprensa. Outra coisa: *Os Intocáveis* é um bom filme, sem dúvida, mas daí a obra de arte, obra-prima etc. é uma longa distância. Pior ainda é ser matéria de destaque em três números consecutivos de SET.

Luiz Alberto Santos Castro
(Rio de Janeiro — RJ)

BEIJINHO DOCE

O n.º 8 da SET está de tirar o chapéu. Gostaria de cumprimentar Leon Cakoff pela excelente matéria "O Beijo". As fotos foram muito bem escolhidas e o texto bem redigido.

Lilian Adriana
(Belo Horizonte — MG)

REVOLTA NO MAR

Na SET n.º 8 a seleção de vídeos sobre o mar não inclui nenhuma das filmagens da história do motim do Bounty. Nem a com Marlon Brando, nem a com Clark Gable, nem a com Mel Gibson. Que mancada, hein?!

Cláudia Siebert
(Blumenau — SC)

As seleções de vídeos temáticos de SET são prejudicadas pela inexistência de certos títulos fundamentais em fitas seladas — privilegiadas pela revista por sua garantia de qualidade e ex-

tensão da distribuição. A boa notícia é que *Rebelião em Alto-mar*, (The Bounty, 1984), com Mel Gibson, está para ser lançado pela Tec Home Video.

TROCA DE INFORMAÇÕES

Gostaria de me corresponder com pessoas que tenham material sobre os atores Charlie Sheen, Martin Sheen, Emilio Estevez, Rutger Hauer, Peter Weller e Harrison Ford. Meu endereço: rua Professor Otávio Guimarães, 590, Veleiros, São Paulo — SP (CEP 04771).

Sueli Aparecida Silva

Tenho tudo sobre a série *Jornada nas Estrelas* (1964-1969), além das biografias dos atores e reportagens americanas. Quem estiver interessado, escreva para rua Treze de Maio, 238, Atibaia — SP (CEP 12940).

Sylvana Chiochetti

Parabéns pela qualidade da revista, que sempre informa o que há de melhor no vídeo de forma clara e ilustrativa. Somos fãs do trabalho de David Bowie, especialmente no cinema. Nosso endereço: Master Bowie Fã-Clube — av. São João, 529, Piracicaba — SP (CEP 13400).

Queremos anunciar o 1.º Fã-Clube Horror Movie. Somos admiradores dos filmes *Evil Dead I e II* e de todos os filmes da Renaissance Pictures. Esperamos adesões. Nosso endereço: rua Beatriz, 258, Vila Beatriz, São Paulo — SP (CEP 05445)

DEFESA DE REAGAN

Fiquei decepcionado ao

ler a crítica feita na seção *Takes da SET* n.º 7 ao casal Ronald Reagan-Ann Sheridan, que deveria interpretar os papéis vividos por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman em *Casablanca*. Reagan e Sheridan foram cogitados para o papel depois do êxito de seu filme anterior, *Em Cada Coração um Pecado* (King's Row, 1941), de Sam Wood. Neste filme, eles mostram por que a Warner queria escalá-los para *Casablanca*.

Ney Duarte G. da Silva
(Bauru - SP)

ERRAMOS

No ensaio sobre o beijo no cinema (SET n.º 8), a felizardade que aparece na cama com Paul Newman, no filme *Cortina Rasgada*, é Julie Andrews, e não Julie Christie, como está escrito na legenda. O erro foi bem apontado pela leitora Vera Maria de O. Nusdeo (São Paulo — SP). Na ficha técnica do filme *Ritmo Quente* (SET n.º 8), o sobrenome da atriz Cynthia Rhodes foi grafado erradamente, como apontou a leitora Flávia A. Fernandes (Rio de Janeiro — RJ). Na SET n.º 9, na matéria sobre Um Grito de Liberdade, uma legenda de foto diz erradamente que o ativista negro Biko está sendo julgado. Na verdade, ele está no tribunal, mas não como réu, e sim como testemunha, depondo.

Cartas para: Editor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

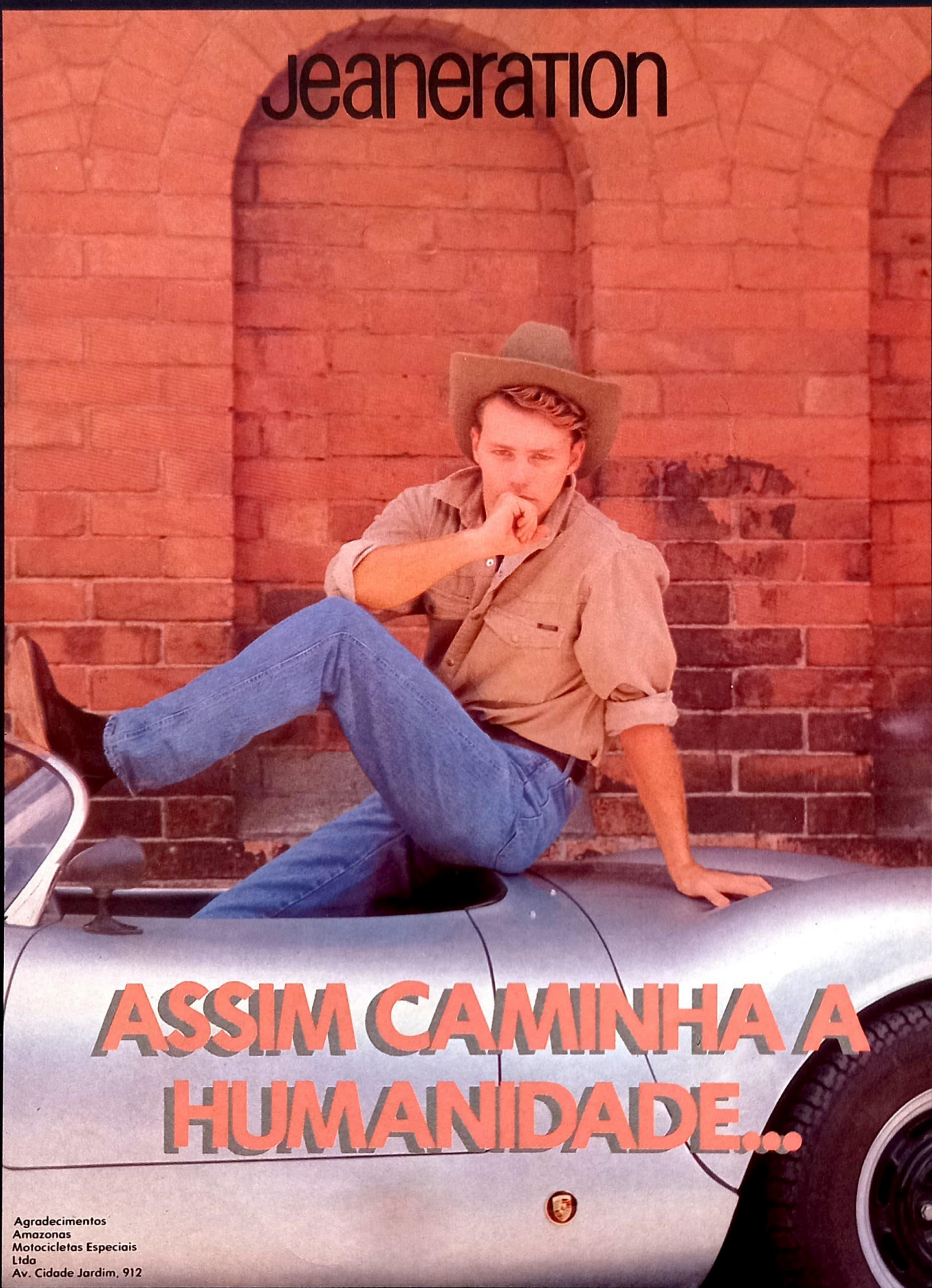
SET

Has anybody seen my girl?

James Dean (1931 - 1955)



Jeaneration

A man wearing a light-colored cowboy hat, a light-colored button-down shirt with rolled-up sleeves, and blue jeans is sitting on the hood of a silver car. He is leaning forward with his chin resting on his hand, looking directly at the camera. The background is a red brick wall with arched openings. The car is a classic convertible, and its front wheel is visible on the right side.

**ASSIM CAMINHA A
HUMANIDADE...**

Agradecimentos
Amazonas
Motocicletas Especiais
Ltda
Av. Cidade Jardim, 912

Não faça promessas ao diabo. Ele pode cobrar mais tarde.

Um dos filmes mais polêmicos do ano, passou nos Estados Unidos com um corte da censura (que eliminou alguns segundos da cena da cama). Mas esta cópia está completa.

Nos anos 50, Harry Angel (Rourke) é um detetive particular que recebe um chamado de um estranho homem chamado Louis Cypher (participação especial de De Niro), que lhe pede para encontrar um músico desaparecido que

lhe deve alguma coisa. É uma investigação difícil e complicada, que leva Angel até uma cidadezinha do sul dos Estados Unidos. O problema é que cada vez que Angel está perto, alguém morre violentamente.

E a polícia passa a desconfiar dele. No mistério se envolvem também uma cartomante (Rampling), uma bela e jovem mulata (Lisa Bonnet), músicos de jazz e macumba, até um final surpreendente.



CORACÃO SATÂNICO

VIDEO

REPRODUZIDO POR
Video LAB
SAO PAULO

São Paulo: Rua Tabapuã, 594 - 5º andar - Fone: 881.7299 - Itaim - Telex (011) 24062.
Rio de Janeiro: Rua do Carmo, 11 - Grupo 1901 - Fone: 231.0303 - Centro.